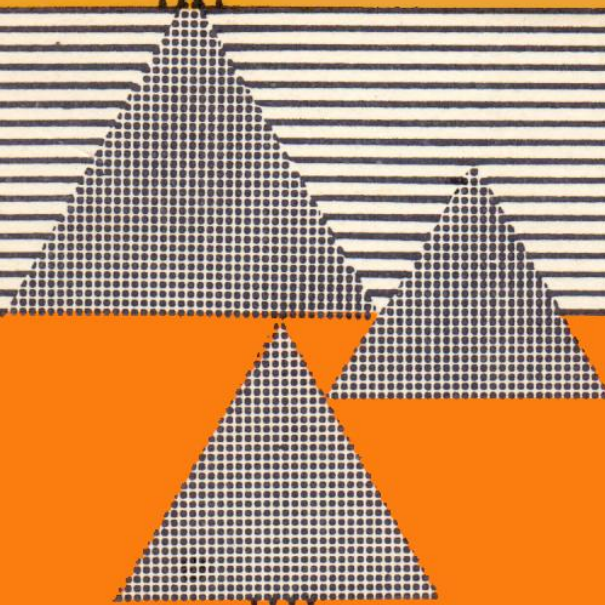


A Genealogia do Homem



ANNIE BESANT

ANNIE BESANT

A GENEALOGIA DO HOMEM

Tradução de
MARIA LUIZA LAVRADOR

Grupo Annie Besant
Rio de Janeiro 1981

Título Original: "THE PEDIGREE OF MAN"
The Theosophical Publishing House Adyar, Índia, 1943

ÍNDICE

Prefácio	04
Prólogo	05
A Genealogia	06
A Genealogia	30
A Genealogia Intelectual	57
As Raças Humanas	74
Glossário	93

PREFÁCIO

Conforme a autora explica no seu Prólogo e nas páginas iniciais da primeira conferência, o estudo da origem tríplice do homem está apoiado na obra fundamental de H. P. B., *A Doutrina Secreta*, e estreitamente ligado a ela, de onde foram tirados o plano completo e inúmeros detalhes. Em relação a si mesma a autora modestamente admite haver apenas "acrescentado alguns fatos, preenchido algumas lacunas e lançado pontes sobre os abismos". O valor do presente livro, no entanto, está mais na ampla concepção do tema, na exposição clara e na eloquência da oratória, características de Annie Besant. Com o auxílio deste livro o estudo feito na *Doutrina Secreta* torna-se muito mais compreensível e inspirador. As conferências apresentam um comentário fluente e vívido das partes vitais do tratado de H. P. B.. Dez anos após o aparecimento dessa obra, Annie Besant e C. W. Leadbeater, em colaboração, exploraram largamente o mesmo campo publicando, sobre o assunto, um trabalho minucioso: *O homem, donde e como veio e para onde vai*. Seria falso, entretanto, pensar que o livro mais antigo possa ser substituído pelo mais novo. Enquanto o último, na forma condensada de um compêndio, oferece a vantagem de uma leitura rápida e atraente, o primeiro, sem dúvida, é mais completo.

Para facilitar o estudo da grande obra de Blavatsky, que continuará sendo a base de todo o conhecimento teosófico, as citações da *Doutrina Secreta*, omitidas em edições anteriores foram, desta vez, inseridas no texto, em tipo diferente. Com este cuidado esperamos não apenas poupar trabalho aos estudantes na pesquisa das citações, como despertar neles o interesse e o desejo de conhecer diretamente o trabalho de H. P. B.

Para a história mais recente das últimas raças humanas a quarta conferência foi calcada mais especialmente em *A História da Atlântida* de W. Scott Elliot (1896) do que na *Doutrina Secreta*. Não me pareceu conveniente colocar extratos do livro de S. Elliot, o que redundaria em maior complexidade do estudo, com a adição das pesquisas novas às antigas. Elas diferem em alguns detalhes. As disparidades encontradas na *Cronologia Oculta* foram objeto de exame em uma série de artigos com esse título - publicada no *The Theosophist* em agosto, setembro e outubro de 1941 -, cuja reedição aparecerá simultaneamente com o presente livro.

A fim de tornar o texto da Dra. Besant e os comentários de H. P. B. mais acessíveis aos leitores ocidentais, os termos sânscritos, em maioria, foram substituídos por expressões equivalentes encontradas na *Doutrina Secreta* e no *Glossário Teosófico*, de Blavatsky (1892). A mesma norma foi seguida na minha edição dos dois volumes das *Estâncias de Dzyan*, com prólogo e epílogo de Blavatsky. A essa obra, como à presente, anexamos um Glossário dos termos Sânscritos.

As abreviaturas D. S.¹ e D. S.⁴ referem-se às edições primeira (1888) e quarta (1938) da *Doutrina Secreta*. Para identificar as citações de ambas as edições a *Concordância*, publicada em 1940, que se refere às quatro edições da *Doutrina Secreta*, poderá ser de utilidade.

ARYA ASANGA

PRÓLOGO

Ao oferecer estas conferências (1) à leitura dos estudantes teosofistas, é meu desejo preveni-los de que nelas não há nenhuma pretensão à infalibilidade, como também não a tem qualquer outro livro de minha autoria. Pode parecer inútil repetir esta declaração já de outras vezes reiterada, mas como existe a tendência para considerar como autoridade o simples trabalho de um estudante, também ocorre a necessidade da repetição do aviso.

(1). Feitas na 28ª Reunião de Aniversário da Sociedade Teosófica, em Adyar, dezembro de 1903.

Encontrei nestas conferências a dificuldade que naturalmente acompanha um assunto difícil e complexo. Faltou-me alguém a quem pudesse consultar sobre a fidelidade das observações que eu mesma fiz para preencher as lacunas encontradas na série de fatos relatados por H. P. B. Tais observações são fruto do trabalho de um estudante isolado e possuidor de recursos precários, tarefa elaborada no tumulto de uma vida sobrecarregada de deveres. As coisas que observei foram conclusivas para mim e pareceram ser interessantes e esclarecedoras para os numerosos e dedicados estudantes que estiveram presentes às conferências. As observações levadas a efeito desvendaram muitos mistérios e tornaram inteligíveis muitos ensinamentos esparsos e obscuros. Embora tudo nos leve a crer na veracidade dos fatos observados, alguns enganos podem ter-se insinuado nos detalhes.

Para a determinação das datas longínquas, eu me considero absolutamente incompetente. É fácil verificar no globo a coexistência do homem e de certos tipos de animais, mas isto não basta para fixar uma data com precisão. Preferi, assim, recorrer à *Doutrina Secreta*, já que o pouco que aprendi foi suficiente para comprovar a fidelidade à verdade desse livro maravilhoso; além disso H. P. B. possuía um acervo de conhecimentos ocultos com que nenhum de nós pode pretender competir.

Eu poderia acrescentar que, em matéria de tal magnitude como a que foi tratada nas conferências, os detalhes têm pouca importância. O nosso passado é de profundo interesse para nós, mas a existência de inexatidões nos detalhes não prejudica a visão panorâmica das verdades e princípios. Eu não poupei esforços para atingir a verdade e evitar os erros, mas a exatidão nesse caso é mais uma questão de poder do que de querer.

Assim, aí está o meu pequeno livro, de cujas deficiências tenho plena consciência. Guardo, no entanto, a esperança de poder ajudar aos meus companheiros estudantes, ao menos temporariamente, até podermos ter os nossos conhecimentos ampliados.

ANNIE BESANT

A GENEALOGIA ESPIRITUAL

Nos últimos cinquenta anos (1) vem sendo notado que, nos países ocidentais, a Ciência está tentando traçar o que se pode chamar a "genealogia do homem". Na Alemanha, na França, na Inglaterra, os cientistas vêm procurando concatenar o imenso número de informações coletadas, de modo a poder delinear uma árvore genealógica representativa do caminho da evolução do homem, desde a primeira névoa ígnea, até o ser humano civilizado. A grande deficiência das genealogias esboçadas é que se aplicam somente à natureza física do homem. Na pesquisa sobre o corpo humano, os cientistas seguiram, passo a passo, a trilha do desenvolvimento desse estupendo e complicado organismo, célula por célula, em todos os reinos da natureza. Usaram de admirável paciência nesse trabalho, e chegaram a obter considerável sucesso. No entanto, sua ignorância a respeito dos ciclos sucessivos que esse crescimento teria seguido, criou muita confusão, muito encadeamento de tipos possivelmente separados por lapsos incalculáveis de tempo, muitas inversões de sequencias, e transladações de descendentes para o lugar de ancestrais.

(1). N. T. - Esta conferência foi feita em dezembro de 1903.

Mas a genealogia do homem não pode ser conhecida pelo mero traçar da evolução do corpo humano, por mais acurado que tenha sido esse estudo. O corpo é simplesmente uma vestimenta e o homem não poderá ser entendido se a genealogia espiritual, que o torna eterno, não for também levada em consideração, a par do desenvolvimento da inteligência, como um aspecto do Espírito diferenciado no mundo da Matéria, e manifestado como intelecto e mente. Portanto, as genealogias científicas do homem perdem o valor por serem parciais, tratando exclusivamente da parte menos importante do ser humano total.

A Teosofia e a Genealogia do Homem

Nos ensinamentos teosóficos - que nos foram doados pelos grandes sábios do passado e reforçados, escrutinados e repetidos, escritura após escritura, de todas as grandes religiões do mundo - é encontrada a verdadeira genealogia, que abrange todos os componentes da natureza do homem. Embora sejam as mais satisfatórias neste particular, não é somente nas Escrituras hindus, que podem ser encontrados vestígios da revelação primitiva, levando à compreensão de algo sobre a longa senda percorrida pelo homem, em sua jornada de Deus ao mineral e do mineral a Deus. Na verdade, não somente nas Escrituras hindus, mas também para os nossos irmãos do Islã: "De Deus viemos e para Deus voltamos".

A fim de traçarmos corretamente a genealogia do homem, bom será seguirmos o amplo delineamento do esquema apresentado pela grande discípula dos Antigos Sábios, H. P. B., a quem rendemos gratidão por toda a luz e conhecimentos que trouxe ao mundo moderno. Ao iniciar esta série de conferências, quero acentuar minha dívida

à sua grande obra "A Doutrina Secreta", onde colhi o plano completo e inúmeros detalhes para esse trabalho. Se adicionei alguns fatos, preenchi algumas lacunas, e coloquei pontes sobre precipícios, a maior parte do material usado provém do vasto acervo de seus conhecimentos ocultos, da sua gigantesca visão dos fatos.

A Tríplice Genealogia

H. P. B. nos ensinou que, para entender o homem e sua genealogia, três grandes linhas de evolução devem ser traçadas. Em primeiro lugar a espiritual que, em importância, de muito ultrapassa as outras, porque o Espírito é senhor da Matéria, seu guia e modelador, o criador das formas; a menos que a genealogia espiritual seja conhecida, o homem permanecerá um problema insolúvel. Em segundo lugar, marcando o polo oposto da natureza humana - o físico -, temos a genealogia do corpo do homem. A genealogia espiritual representa a lenta descida, degrau por degrau, do Espírito na Matéria. A genealogia física resulta da subida do Espírito usando a Matéria que modela para expressar os seus poderes inerentes. A seguir, olhando essas duas linhas, uma que desce e outra que sobe, chegamos a um ponto onde uma terceira a elas se une, da confluência das três resultando a formação do homem. A terceira linha é a evolução intelectual; representa a chegada do Ego para tomar posse do seu tabernáculo físico e ligá-lo ao Espírito que sobre ele pairava, influenciando-o sutilmente, preparando-o, modelando-o. A união das três linhas evolutivas - a espiritual, a física e a intelectual - delineia ante nossos olhos um vasto panorama onde podemos ver, representada por amplas correntes iluminadoras, a genealogia completa do homem. Começamos então a compreender um pouco a maravilhosa natureza humana, que realmente é Deus em forma manifestada, divina em essência e poderes.

Diz H. P. B.: (1)

"Existe na Natureza um tríplice esquema evolutivo para a formação das três Bases periódicas, ou antes, três esquemas distintos de evolução que, no nosso sistema, estão entrelaçados e misturados de maneira inextricável, em todos os pontos. 1) O Monádico, como o próprio nome indica, está ligado ao desenvolvimento da Mônada, em fases de crescimento e atividade ainda mais elevados, em conjunção com: 2) O Intelectual, representado pelas 'Inteligências Mentais' (Deuses Solares, ou Pais Desprovidos do Fogo Criador), os 'doadores de inteligência e consciência' ao homem e: 3) O Físico, constituído pelas Sombras dos 'Pais Lunares', em torno das quais a natureza concretizou o corpo físico ainda hoje existente ... É a união dessas três correntes que faz do homem o ser complexo que é na atualidade".

(1) D. S.¹ I 181 e D. S.⁴ I 233.

Essa é a grande tarefa que temos diante de nós nesta série de conferências. Apesar da fraqueza de minhas mãos para tal empreendimento, e de meus lábios para falar sobre este assunto, a mim coube o trabalho, que considero grande demais para as minhas forças e conhecimentos. Por isso, tudo o que espero conseguir é colocar aqui o

resultado do estudo que fiz, guiada por quem sabia mais do que eu, desejando, não impor um esquema, porém oferecer - como um estudante o faz a outros estudantes - um esboço que lhes possa ajudar nos próprios estudos e pesquisas. Possa eu bastante afortunadamente ser o fio que os ajudará a atravessar o labirinto da Natureza, com que nos vamos defrontar.

Tomamos hoje a primeira das três linhas da genealogia do homem: a genealogia espiritual. Para compreendê-la devemos começar com dois amplos esboços. O primeiro apresenta as grandes Hierarquias de Inteligências, de Inteligências Espirituais, que, em eras passadas e passados universos, após haverem completado a própria evolução como seres humanos, passaram a cooperar com Deus na formação de um novo *Ovo Mundial*; essas são as Hierarquias de Arquitetos e Construtores, que modelam e guiam os sistemas solares. Precisamos ter uma ideia, embora incompleta, vaga e imperfeita, dessas vastas Hierarquias que povoam o nosso sistema solar, e a quem devemos nossa evolução espiritual - uma ideia reverente - porque Elas são a vida do universo e guias de sua evolução espiritual, intelectual e física. O segundo delineamento concerne ao Campo de Evolução, o lugar onde a evolução se desenrola.

O Começo do Sistema Solar

De acordo com os velhos arquivos ocultos, idênticos neste ponto aos mais antigos ensinamentos hindus, verificamos que a vida do nosso sistema solar estende-se para trás, num passado que nos parece infundável, contando 1.955.884.703 de anos até o presente (1), um período tão imenso que, para nós, apenas representa palavras que somente transmitem ao espírito humano a ideia de uma antiguidade sem limites.

(1) N. T. - A conferência foi feita em dezembro de 1903.

D. S.¹ II 68 e D. S.⁴ III 78: "Do começo da evolução cósmica até o ano hindu Tarana (1887), segundo um calendário hindu considerado ortodoxo, passaram-se 1.955.884.687 anos. A doutrina esotérica diz que essa 'evolução cósmica', apenas se refere ao nosso sistema solar (2); o hinduísmo exotérico, no entanto, diz tratar-se do Sistema Universal completo, se não me engano".

(2) N. T. - Diz o editor da edição inglesa de 1943 de onde estamos traduzindo, que a referência é feita à cadela Terrestre, deste sistema solar.

Voltando ao passado remoto e usando o símile do Manu, vemos Deus como uma Montanha de Luz, aparecendo para iluminar as trevas. Nenhuma outra descrição poderia dar melhor ideia da aurora de um novo universo; as palavras são quase obstáculo porque expressam vagamente a ideia do surgir da Luz, no meio das trevas insondáveis. Este foi o símile escolhido pelo Pai da Humanidade, quando quis descrever para o homem o despontar do sistema solar.

Bühler, "As Leis do Manu" 1-5-9: "Este Universo existia em forma de Trevas,

despercebido, destituído de marcas distintivas, incognoscível. Então, o divino Auto-Existente, ele mesmo indiscernível, apareceu com irresistível poder criador dissipando as trevas, construindo tudo: os grandes elementos e o resto. Ele, que somente pode ser percebido pelo sentido interno, que contém em Si todos os seres criados, exteriorizou-se por Sua própria vontade. Desejando produzir do seu corpo seres de muitas espécies, com um pensamento criou primeiro as águas, e nelas colocou Sua semente. A semente transformou-se num ovo dourado, brilhante como o sol; neste ovo Ele mesmo nasceu como Brahmâ, o progenitor do mundo inteiro".

A Trindade Solar

Dizem-nos - e só podemos, com reverência, repetir o que nos foi dito - que Deus se desdobra em tríplice manifestação, em três Formas. Na luz esplendorosa, em magnífico delineamento, percebemos a presença estupenda de três Formas poderosas e divinas. São os três Poderes, os Aspectos de Deus, que se vão manifestar no universo em formação - *O que cria, O que preserva e O que destrói* quando se aproxima o termo da vida do sistema. O Um em três Formas, os Três cuja essência é Una, podemos variar as expressões. Vagamente sentimos que contemplamos três *Bases* que aparecem visando ao funcionamento do Universo, embora a Consciência continue indivisível. Chamamos LOGOI a essas Formas magnificentes, usando o termo grego que significa a PALAVRA, porque a ideia de SOM é a que melhor expressa o potencial incalculável de energia da Deidade manifestada - SOM que cria, sustenta e destrói. Podemos observar que todas as religiões do mundo se referem a essa triplicidade, salvo em uma ou outra onde, por quaisquer motivos, ela não é explícita. Lembrem-se da remota Caldéia; estudem nos remanescentes dos túmulos do antigo Egito os segredos que suas múmias revelam e, em toda parte, tanto quanto nas Escrituras hindus, encontrarão a afirmativa clara da existência dos três no Um: UM na divindade de Sua natureza, TRÊS na manifestação de Seus poderes.

Os Sete Logoi Planetários

Em torno dessa admirável Trindade, na luz que dela emana, vemos Aqueles que são os frutos de universos passados, onde alcançaram a magnífica estatura espiritual que ostentam: no meio da luz vislumbramos vagamente as Formas dos que são chamados os *Sete*. Os nomes e as descrições usadas para os *Sete* diferem em cada religião. Os hindus falam dos sete filhos de *Aditi* - o Sol era o oitavo - cada filho possuindo a sua própria *casa*. Eles foram chamados os sete *Espíritos no Sol*. Os sete *Deuses dos Mistérios* era o Seu nome no antigo Egito. Eles eram chamados os sete *Amshaspends* na religião de Zoroastro; na religião judaica - os sete *Sephiroth*; e entre os cristãos e os maometanos, os sete *Arcanjos*. Os nomes pouco importam, bastando lembrar que todas as religiões reconhecem Sua presença em torno da Trindade manifestada, como se fossem os Vice-Reis de Deus, no

vasto Império do sistema solar, cada um em Seu próprio reino, cada um administrando o Seu departamento. Na Teosofia Eles são chamados os *Logoi Planetários*, identificados com os sete planetas sagrados, que são Seus corpos físicos. Em sua forma externa são alguns dos globos que constituem o nosso sistema solar; em sua natureza espiritual, eles são os poderosos *Filhos de Aditi*, tendo cada um Sua própria casa, isto é, Seu próprio planeta, e governando o Seu reino, um departamento definido no universo solar.

D. S.¹ I 99 e D. S.⁴ I 161: "Aditi, 'O Infinito' ou o ESPAÇO Infinito', é o equivalente de MÃE-ESPAÇO, identificada com as TREVAS. Ela é, com propriedade, chamada a MÃE DOS DEUSES, porque de sua Matriz Cósmica nasceram todos os corpos celestes: o Sol e os Planetas. Ela é, alegoricamente, descrita como segue: Oito filhos nasceram da Mãe-Espaço; ela se aproximou dos deuses levando sete, mas repudiou o oitavo, o nosso 'sol' Os sete filhos são, cósmica ou astronomicamente, os sete planetas".

As Doze Hierarquias Criadoras

Ainda em torno da Trindade, formando um círculo mais amplo, vemos as poderosas Hierarquias criadoras: as Doze Ordens Criadoras do universo.

D. S.¹ I 123 e D. S.⁴ I 261: "A Hierarquia dos Poderes Criadores é dividida, esotericamente, em sete (quatro e três manifestadas) e cinco não-manifestadas, compreendidas nas doze grandes Ordens - representadas pelos doze Signos do Zodíaco - sendo as sete manifestadas ligadas aos Sete Planetas. Todas essas Ordens são subdivididas em grupos inumeráveis de Seres divinos, espirituais, semi-espirituais e etéricos".

As Hierarquias são encabeça das pelos Doze Grandes Deuses de antiquíssimas tradições, projetando-se, em magnífico delineamento, na imensa distância em que pairam. Elas são simbolizadas pelos conhecidos Signos do Zodíaco. O Zodíaco não é uma fantasia moderna. Foi dado à Quarta Raça de homens pelos grandes Instrutores de então e, nas tradições encontramos os nomes de alguns deles, como *Asuramaya*, conhecido como o primeiro dos grandes astrônomos. *Asuramaya* deu o Zodíaco ao Egito e à Índia.

D. S.¹ II 49 e D. S.⁴ II 61: "Asuramaya, o mago e astrônomo atlante, que as tradições épicas apontam como o primeiro astrônomo em Aryavarta, a quem 'o Deus-Sol, pessoalmente, comunicou o conhecimento das estrelas'."

Os círculos astronômicos são os símbolos, as figuras, em que o plano do sistema solar está registrado. Encontramos a chave do labirinto nas tradições do passado, que nos fazem entender porque se diz que um planeta governa ou é o Senhor de determinado signo do Zodíaco. O planeta representa o Espírito Planetário, e o Seu signo do Zodíaco representa uma das principais Hierarquias Criadoras, que em Si contém as demais Hierarquias funcionando como sub-hierarquias, sob o Seu controle e orientação. Assim é construído o Seu reino, e nele as Mônadas recebem ajuda para evoluir. O quadro não ficará confuso se esta disposição for conservada em mente: primeiro vem a grande Trindade; em torno da Trindade estão os sete Espíritos que são os Vice-Reis no universo solar.

D. S.¹ I 216 e D. S.⁴ I 263: "Na Unidade a luz primordial é o mais elevado principio - o sétimo - a luz do Logos imanifestado. Mas, ao diferenciar-se, transforma-se na Roda de Fogo, os 'Sete Filhos'."

Em torno Deles estão as doze Hierarquias Criadoras, ocupadas na construção do universo. No presente estágio de evolução, cinco das doze Hierarquias já ultrapassaram o campo de visão até mesmo dos maiores e mais evoluídos Instrutores do nosso mundo; quatro alcançaram a liberação e uma se encontra no limiar dessa liberação, restando-nos assim somente sete para serem estudadas.

D. S.¹ II 77 e D. S.⁴ III 87: "O Ocultismo divide os 'Criadores' em doze Ordens, quatro das quais atingiram a liberação dentro da 'Grande Idade'. A quinta está prestes a também atingir a liberação, embora ainda esteja ativa nos Planos intelectuais. Sete permanecem diretamente sob a Lei Cármica, e atuam nos globos da nossa cadeia, habitados por homens."

Todas as sete Hierarquias estão em contato, por assim dizem, com o fragmento Divino que somos (1), o *Eu Vivo* que, em sua mais alta essência espiritual, é parte integrante de uma dessas Hierarquias, como veremos em seguida. Tentemos vislumbrar suas principais características porque precisamos, embora vagamente, distinguir cada uma delas, para que não se confundam a nossos olhos, ofuscados pelo esplendor em que habitam.

(1). "Um fragmento de mim, um ser vivo." *"Bhagavad-Gita"*, canto XV.

D. S.¹ II 91 e D. S.⁴ III 100: "Os Pais se dividem em sete Ordens. Três são sem-forma, e quatro são corpóreas; as primeiras são intelectuais e espirituais, as últimas são destituídas de intelecto. As sem-forma e as intelectuais recusam-se a construir o homem, mas dão-lhe a mente (os principies mais elevados); as quatro corpóreas criam somente o corpo (os principies inferiores)."

D. S.¹ I 211 e D. S.⁴ I 263: "O primeiro depois do UM é o Fogo divino; o segundo é Fogo e Éter; o terceiro é composto de Fogo, Éter e Água; o quarto, de Fogo, Éter, Água e Ar. O UM não cogita dos globos habitados pelo Homem, mas das Esferas internas invisíveis. Os 'Primeiros-Nascidos' são a Vida, o Coração e o Pulso do Universo; os segundos são a sua Mente, ou Consciência."

As Três Hierarquias Sem-Forma

A primeira das Hierarquia Sem-Forma pode ser descrita somente por palavras ligadas à ideia de fogo; os seus integrantes são chamados *Alentos ígneos Sem-Forma, Senhores do Fogo, Chamas Divinas, Fogos Divinos, Leões de Fogo e Leões de Vida*. Nomes e epítetos referentes à qualidade ígnea, aos atributos do fogo, porque está escrito que Eles são a Vida e o Coração do universo; Eles são o Ser, são a Vontade cósmica, e Deles parte o Raio divino do Ser Supremo, que desperta o *Eu* na Mônada humana.

D. S.¹ 1213 e D. S.⁴ I 261: "A primeira Ordem é a Divina. O grupo mais elevado é constituído pelas 'Chamas Divinas', designadas também como 'Leões de Fogo' e 'Leões de Vida', cujo esoterismo está zelosamente escondido no signo zodiacais de Leo. A primeira Ordem é o núcleo do mundo superior Divino. Os seus componentes são os 'Alentos' ou

'Sopros de Fogo' que, sob certo aspecto, podem ser identificados com a TRÍADA SEPHIROTAL superior', colocada pelos cabalistas no 'mundo Arquetípico'."

A seguir vem a segunda Hierarquia, de natureza dual. É a "unidade dupla": Fogo e Éter; a Razão manifestada, a Sabedoria do sistema. Referimo-nos à segunda Hierarquia como sendo a alma cósmica, que desperta a Alma na Mônada humana.

D. S.¹ I 216 e D. S.⁴ I 263: "A Segunda Ordem de Seres Celestiais, os de Fogo e Éter, correspondendo a Espírito e Alma cujos nomes são inumeráveis, ainda são Sem-Forma, porém distintamente mais 'substanciais'. Eles representam a primeira diferenciação na Evolução Secundária ou 'Criação' - uma palavra que pode conduzir a erro. Como diz o nome, são os protótipos das Vidas encarnantes, ou Mônadas, e são a representação dos 'Ígneos Espíritos de Vida'. É através deles que - qual pura luz solar - passa o raio cujo futuro veículo eles proveem: a Alma Divina. Estão ligados às Legiões dos mais elevados mundos do nosso Sistema."

Vem depois a terceira Hierarquia, a Grande Mente, ou Mente cósmica, as *Tríadas*: Fogo, Éter e Água, a Atividade cósmica que, ao descer, também comunica parte da sua essência à Mônada.

D. S.¹ I 218 e D. S.⁴ I 265: "Das Unidades Duplas emanam as 'Tríplices'. A Terceira Ordem corresponde a Espírito, Alma e Intelecto, sendo chamada as "Triadas",

Essas são as Ordens Criadoras Sem-Forma, habitantes de matéria demasiadamente sutil para assumir uma forma delimitada - matéria onde todas as formas se misturam e interpenetram.

As Quatro Ordens Corpóreas

Abaixo das três Ordens Sem-Forma, temos as quatro que possuem Formas. A primeira delas é a nossa, a Hierarquia das Mônadas humanas, que ainda não deixaram o seio do nosso *mais Alto Pai*, no qual verdadeiramente sempre permanecemos, inseparáveis Dele, embora para nós, emaranhados na matéria, pareçamos profundamente separados e distintos. Podemos debilmente vislumbrá-las na glória do seu nascimento portadores de *uma certa individualidade espiritual*, conforme está escrito, que se torna cada vez mais reconhecível à medida que desce aos planos inferiores. A primeira Hierarquia Corpórea, quarta na sucessão das sete dentre as doze Ordens Criadoras que estamos estudando, é constituída pelas Mônadas humanas, chamadas as *Vidas Imperecíveis*.

D. S.¹ I 218 e D. S.⁴ I 265: "A Quarta Ordem é formada por Entidades que possuem substância. É o mais elevado grupo entre os de Formas Atômicas. É o berçário dos homens, Almas espirituais conscientes. Elas (as Almas) são chamadas as 'Vidas Imperecíveis' e constituem, por meio da ordem abaixo delas próprias, o primeiro grupo da primeira hoste setenária - o grande mistério do Ser humano, consciente e inteligente. O primeiro, dentre os primeiros Anjos com Forma, é quaternário, um novo elemento tendo sido acrescentado a cada uma das Hierarquias anteriores, em ordem descendente."

Chegamos agora às três últimas, que contêm muitos elementos integrados à

evolução do nosso esquema planetário há muitas eras passadas, e que podemos conhecer um pouco melhor porque têm relação com a nossa própria evolução.

A quinta Hierarquia é denominada a do *Crocodilo*, e tem por símbolo o pentágono; nessa Ordem, o duplo aspecto espiritual e o duplo aspecto físico, os lados positivo e negativo da Natureza, aparecem em guerra. Os seus membros são os turbulentos, os *rebeldes* de que falam os mitos.

D. S.¹ I 219 e D. S.⁴ I 266, 268: "A quinta Hierarquia é muito misteriosa porque tem relação com o Pentágono Microcósmico, a estrela de cinco pontas, que representa o homem. O quinto grupo de Seres celestiais é considerado como englobando em si os atributos duais, tanto do aspecto espiritual da Natureza, quanto do aspecto físico. Daí ser dobrado o número cinco que lhe é aplicado tornando-se dez. O seu signo do Zodíaco é o décimo, o do Crocodilo."

Muito ouviremos, em breve, sobre alguns dos componentes da Quinta Ordem, chamados os *Não-Deuses*, nascidos do primeiro Corpo de *Brahmâ*, o Corpo que, ao ser rejeitado, ficou sendo a Treva. Uma grande haste dessa Hierarquia é proveniente de um universo passado e, neste atual os seus componentes brotaram, por assim dizer, completamente desenvolvidos do Logos Planetário. Parece que também esses são chamados *Não-Deuses* (1), mas os que especialmente nos interessam são os que nasceram do *Corpo de Trevas* e pertencem à evolução desse nosso universo. Esses últimos são Seres de grande poder e conhecimento espiritual, mas trazem, profundamente impregnado neles mesmos, o germe - a essência - do egotismo, da faculdade de produzir o *Eu*, que a humanidade necessita possuir para a sua evolução. Eles são o fruto da primeira Cadeia Planetária, um mundo que conheceremos melhor, à medida que progredirmos em nosso estudo.

(1). A. Besant e C. W. Leadbeater - "O Homem, de onde, como veio, e para onde vai" - "Os *Não-Deuses* (da primeira cadeia) atuaram como *Pais Possuidores do Fogo Criador* na segunda Cadeia e como *Pais Destituídos do Fogo Criador* na terceira. Na 'Doutrina Secreta' foi criada uma confusão com o uso do mesmo nome de *Não-Deuses* para os egressos da cadeia lunar que causaram perturbação na Terra recusando-se a criar." Esta nota esclarecerá os leitores da "Genealogia do Homem". Nota constante da edição que estamos traduzindo (1943).

A sexta grande Hierarquia contém alguns elementos que podemos também distinguir, nascidos do Corpo de *Brahmâ* denominado *Corpo de Luz*, ou *Corpo do Dia*; vemo-los como um grupo de Deuses brilhando com maior esplendor, no meio das legiões de Deuses. Eles são os *Pais dos Deuses*, chamados os *Pais Desprovidos do Fogo Criador*. São as *Inteligências de Seis Elementos* e dão ao homem todos os princípios, menos o "Eu" e o corpo físico. São por isso chamados os doadores dos "cinco princípios médios" do homem. Eles guiam as Mônadas na obtenção dos átomos permanentes ligados àqueles princípios, ou "o plasma quádruplo". A sexta Hierarquia provém da segunda Cadeia Planetária e inclui também grandes hostes de Deuses, e de altíssimos Espíritos da Natureza - os Elementais do Reino Médio.

D. S.¹ II 671 e D. S.⁴ IV 241: (Átomos permanentes) "O Ocultismo ensina que (a) a vida atômica do nosso princípio Vida, não se perde quando um homem morre e que os átomos

mais fortemente impregnados com o princípio Vida (um fator independente,. eterno e consciente) são parcialmente transmitidos dos pais para os filhos, por hereditariedade, e também parcialmente atraídos e reunidos outra vez a cada nova encarnação da Mônada. Isso porque, (b) assim como a Alma individual e sempre a mesma, os átomos dos princípios inferiores (o corpo e o seu duplo] também são sempre os mesmos por serem atraídos pela afinidade e pelas leis cármicas para um mesmo indivíduo em uma série de corpos, etc... Nós conhecemos e referimo-nos aos. 'átomos-vivos', (durante a encarnação] e aos átomos-adormecidos' (nos intervalos entre as encarnações), os cinéticos e os latentes."

A sétima Hierarquia compreende aqueles que melhor conhecemos sob o nome de Pais Lunares, de Pais Possuidores do Fogo Criador, nascidos do Corpo de Brahmâ denominado Corpo do Crepúsculo. Eles têm relação com a evolução física, como os Pais Destituídos do Fogo Criador presidem à evolução intelectual do homem, de modo que, reencontraremos ambos ao prosseguir em nosso estudo. Cerrando fileiras em torno deles, e pertencendo à mesma Hierarquia, vemos os agentes do trabalho que eles têm à frente, vastas hostes de Deuses, os Espíritos da Natureza de ordem menor, ou Elementais do Reino Inferior, que verdadeiramente construirão os corpos dos homens. Também estão presentes os espíritos dos átomos, as sementes da evolução de eras futuras, de que não precisamos ocupar-nos aqui.

D. S.¹ I 221 e D. S.⁴ I 268: "A Sexta e a Sétima Ordens partilham das qualidades inferiores do Quaternário. Trata-se de Entidades etéricas invisíveis como o Éter, que brotam como ramos de uma árvore do grupo central dos Quatro e lançam por sua vez numerosos grupos suplementares, sendo os mais inferiores os Espíritos da Natureza ou Elementais, de incontáveis espécies, desde os sem forma e sem substância - os Pensamentos ideais dos seus criadores - até os organismos atômicos, invisíveis para os homens. Estes últimos são considerados como os 'espíritos dos átomos': são criaturas sensíveis, porém não inteligentes, ligadas aos átomos físicos, e sujeitas à lei do Karma, a que obedecerão através de todos os ciclos. O sexto grupo é inseparável do homem que dele recebe todos os seus princípios, exceto o mais alto e o mais baixo: o espírito e o corpo, pois os cinco princípios médios são construídos da própria essência dessas Inteligências. Os. Ocultistas chamam-nas os Ancestrais, os Pais. Elas são Inteligências Espirituais que possuem seis elementos espirituais na composição de seus corpos; são na realidade homens sem corpo físico."

Ante nós, em seu esplendor, estendem-se assim, as sete grandes Hierarquias ou Ordens Criadoras, prontas para iniciar o trabalho de conduzir seus filhos no caminho da evolução, e dirigir o desenvolvimento dos poderes espirituais num universo de matéria.

O Campo de Evolução

Contemplemos agora o segundo grande esboço, o Campo de Evolução. Passaremos rapidamente sobre ele, pois o seu delineamento irá tornar-se mais distinto quando estudarmos a evolução física; é necessário, porém, para entendermos o sentido da evolução espiritual, conhecermos em linhas gerais o Campo em que essa evolução vai se desenrolar. O termo Campo foi tomado do *Bhagavad-Gita* por parecer muito adequado,

tratando-se da Matéria. Nenhum outro nome expressaria melhor tudo o que está implícito na palavra Matéria, que é onde a evolução vai se processar. Vamos, agora, limitar-nos ao reino de um *Logos Planetário*, aquele ao qual pertencemos, pois os *Logoi Planetários* presidem, cada um, a um dos Campos de Evolução, semelhantes ao que vamos estudar. Acenas me ocuparei com os princípios fundamentais. Primeiro compreendamos, firme e claramente, as fases do processo. Elas se repetem sempre e uma vez bem compreendidas, funcionarão como o fio de Ariadne, no labirinto.

Sete Etapas na Evolução

Existem sete grandes estágios na evolução espiritual. Durante três o Espírito desce. Enquanto está descendo à Matéria, comunica-lhe qualidades, dá-lhe certos poderes, certas propriedades, certos atributos. Estes poderes, propriedades e atributos são o resultado dos três primeiros estágios, os de descida no Espírito. Chega. então o quarto estágio, o único em que a Matéria, tendo sido dotada de vários poderes e atributos, entra em múltipla relação com o Espírito que a influencia e, por fim, nela penetra. Essa é a grande batalha do universo, o conflito entre o Espírito e a Matéria, o Campo de Batalha das vastas legiões de dois exércitos em oposição. Nesta parte do Campo fica o ponto de equilíbrio; em suas inumeráveis relações com a Matéria o Espírito é sobrepujado no princípio; depois vem o momento de equilíbrio, em que nenhum dos oponentes apresenta vantagem sobre o outro; depois, lentamente, o Espírito começa a triunfar sobre a Matéria. Quando termina o quarto estágio o Espírito é senhor da Matéria, e está pronto para a ascensão através das três etapas complementares. Nos estágios de ascensão o Espírito organiza a Matéria, já então dominada e vivificada e usa-a para os seus propósitos, modelando-a a fim de que seja a sua expressão. Desse modo a Matéria torna-se um instrumento para a manifestação dos poderes do Espírito e de sua atuação. A ascensão Espiritual se estende até o final das três últimas etapas. Resumindo: três estágios de descida e comunicação de qualidades; um de luta e estabelecimento de múltiplas relações, e três de ascensão. quando a Matéria é modelada pelo Espírito no veículo perfeito de que necessita para a sua manifestação.

Esse esquema pode ser colocado em forma de quadro:

Sete Estágios	Três de descida	Qualidades	Materialização
	Um de equilíbrio	Relações	Conflito
	Três de ascensão	Organização	Espiritualização

Devemos reter essa ideia básica. Ela se repete a cada estágio e os governa, quaisquer que sejam as complexidades adicionais. Esse esquema será sempre a chave na confusão de Cadelas, Rondas, Globos e Raças, fonte sempre fértil de dificuldades para o estudante de Teosofia.

Sete Cadeias Planetárias

Em seguida devemos conhecer o que se chama Cadeia Planetária. Considerada em conjunto, uma Cadeia é o veículo em que um *Logos Planetário* encarna. Como Ele deve atravessar sete estágios, necessita de sete Cadeias: através de três o Espírito descerá; na quarta Cadeia, Espírito e Matéria estarão mesclando-se, interligando-se e criando inúmeros relacionamentos; as três restantes Cadeias serão de elevação. No final tudo voltará ao seio do *Logos Planetário*, que se reintegrará em Deus, com os frutos da evolução. As Cadeias Planetárias podem ser consideradas como os corpos em que a vida do *Logos Planetário* encarna sete vezes começando cada uma delas com os frutos da precedente, e passando à sucessora o que consegue conquistar.

D. S.¹ I 152 e D. S.⁴ 1207: "A eterna LEI UNA desenvolve todas as coisas na Natureza, baseada num principio sétuplo; incluindo (nesse principio) as incontáveis cadeias circulares de mundos, composta de sete globos, colocados nos quatro Planos inferiores da forma e acrescentados dos três pertencentes ao chamado Universo Arquetípico. Dos sete globos (da nossa cadeia) somente o mais baixo e mais material está em nosso plano e ao alcance dos nossos meios de percepção, a que escapam os outros seis, os quais permanecem invisíveis aos nossos olhos terrestres. Cada um desses mundos é a progênie e criação da Cadeia anterior, que está morta, e da qual é, por assim dizer, a reencarnação. Em termos mais claros: cada planeta (leia-se cadeia) é um setenário, inclusive a cadeia a que a Terra pertence."

O período de duração de uma Cadeia Planetária é chamado uma Evolução Planetária. A cada Evolução Planetária segue-se uma Dissolução Planetária. Quando chega esse momento, os Seres cujos mais altos princípios foram desenvolvidos passam a um estado de superconsciência e beatitude: o Nirvana Planetário, enquanto os menos evoluídos entram num sono de Paz. Os que passaram ao Nirvana Planetário somente renascerão quando uma Cadeia seguinte já tiver evoluído veículos adequados ao seu grau de adiantamento, onde possam continuar o seu desenvolvimento.

Sete Rondas

Examinemos agora uma Cadeia planetária isolada, sua composição, e quais os elos que fazem dela uma Cadeia. A onda de vida que anima a Cadeia e nela evolui, seguindo o princípio enunciado no capítulo anterior, desce à Matéria em três estágios, em planos sucessivos, e dando nascimento a formas cada vez mais densas. No quarto estágio a onda de vida desenvolve formas em que aparece o conflito antes mencionado. Vêm, em seguida, os três estágios em que a onda de vida ascende, e as formas por ela criadas tornam-se cada vez mais espirituais. Voltando ao plano de onde partira, a onda de vida completa um ciclo tecnicamente chamado Ronda. Completado o primeiro ciclo, a vaga de vida repete o movimento de descida e subida, mais seis vezes, completando sete Rondas. Em cada Ronda a onda de vida desenvolve um reino da natureza - os três reinos elementais, o mineral, o

vegetal, o animal e o humano - até o mais alto grau e perfeição, no seu próprio tipo. Naturalmente todos os tipos estão sempre presentes, mas os que ainda vão ser desenvolvidos, por pertencerem às Rondas futuras, aparecem em estado mais ou menos embrionário. Assim, sete Rondas, sete círculos sucessivos da vaga de vida, são os elos que compõem uma Cadeia Planetária.

Sete Globos

Tomando uma Ronda isolada, uma única volta da onda de vida, veremos que ela também cumpre os sete estágios, mas desta vez, cada estágio é um Globo, um mundo. Nos três primeiros, a vida cria formas; no mediano, o abismo separador das formas e o Espírito é superado, e as formas são dotadas de almas; nas três últimas, o Espírito modela as formas de acordo com a sua vontade. A fim de distinguir os Globos uns dos outros, são usadas as letras do alfabeto, de A a G. Os Globos do arco descendente e os do arco ascendente correspondem-se entre si; os do arco ascendente mostram, em traços nítidos, aquilo que aparece vagamente delineado no arco descendente, sendo o Globo do meio o ponto de equilíbrio, de conflito e de retorno. O Globo A é feito de sutil matéria mental e é arquetípico, isto é, contém os arquétipos das formas que vão ser produzidas na Ronda. H. P. B. explica: "A palavra 'arquétipo' não deve ser tomada no sentido em que era usada pelos platônicos, ou seja, o mundo existente na mente da Divindade, mas na acepção de um mundo construído como um primeiro modelo para ser seguido e aperfeiçoado nos mundos sucessivos, até chegar ao físico." O Globo G, correspondendo ao A quanto ao tipo de matéria, apresenta os arquétipos do A, detalhadamente elaborados e aperfeiçoados. O Globo B é de matéria mental mais densa, é criativo e intelectual e contém os tipos concretos, derivados dos arquétipos, com as qualidades delineadas nas formas rudes e toscas. No Globo F, que corresponde ao B, as mesmas formas aparecem trabalhadas e refinadas. O Globo C é de matéria astral, é substancial ou formativo, isto é, edifica as formas cruas em matéria mais densa. Essas formas são mostradas no Globo correspondente, o E em matéria similar, porém refinadamente adaptadas às suas funções. O Globo D, de matéria física, está no ponto de retorno, no campo de conflito entre o Espírito e a Matéria. Em cada Globo evolui um estágio sucessivo do reino que se está desenvolvendo na Ronda, de modo que, quando a onda de vida completar o seu circuito pelos sete Globos, o que corresponde a uma Ronda, o reino estará inteiramente evoluído, Todos os outros reinos, avançam também uma etapa, em sua carreira embrionária. Assim, na primeira Ronda o Reino Elemental mais elevado se completa, e os dois reinos elementais seguintes e o mineral mostram-se em todos os seus tipos, e o vegetal, animal e humano estão apenas esboçados, apenas principiados, e assim por diante. Todos esses pontos serão melhor detalhados quando tratarmos da evolução física. Os Globos de que falamos, e que são os da nossa própria Cadeia, nos *Purânas*, são referidos como as *Ilhas*, sendo a nossa Terra chamada a *Ilha Rosa-Maçã*.

Os Quatro Corpos de Brahmâ

O nosso próprio Campo de Evolução deve ser estudado com cuidado, a fim de podermos definir nossa posição. O Logos também chamado *Brahmâ*, cujo veículo planetário é o esquema em que vivemos, já conduziu o Seu reino até a quarta Cadeia. Da primeira Cadeia, apenas sabemos que é a arquetípica e tem o nome de *Corpo da Treva*, ou *Corpo da Noite*, e o seu fruto foram os *Não-Deuses*. Na segunda, a criativa, chamada o *Corpo de Luz* ou *Corpo do Dia*, evoluíram os Seres que conhecemos como os *Pais Desprovidos do Fogo Criador*. Sabemos um pouco mais sobre a terceira Cadeia, a formativa. Dizem-nos que é denominada o *Corpo do Crepúsculo* e que o seu Globo *D* foi a *Lua*. Ela é, portanto, a *Cadeia Lunar*. Nela desenvolveram-se os *Pais Dotados do Fogo Criador* e também sete classes de Mônadas destinadas a evoluir na Cadeia seguinte, a quarta Cadeia, a Terrestre. A Cadeia Terrestre, denominada o *Corpo da Aurora de Brahmâ*, tem como Globo *D* a nossa Terra, e sua missão principal é o desenvolvimento do ser humano.

D. S.¹ II 59 e D. S.⁴ III 69: "Tendo Brahmâ assumido um corpo permeado pela qualidade 'treva', em si mesmo concentrou a própria mente e produziu os Não-Deuses, saídos da sua coxa. Abandonou, em seguida, o corpo e este transformou-se em Noite. Continuando a criar, Brahmâ assumiu outra forma: a forma do Dia e do seu sopro criou os Deuses, cuja qualidade é a bondade (passividade). Nesse corpo prevaleceu a qualidade de grande passividade, que é também bondade (negativa) e, do seu lado, brotaram os Pais, os Progenitores dos homens. Quando abandonado, esse corpo de Brahmâ tornou-se o Crepúsculo da Tarde, o intervalo entre o Dia e a Noite. Brahmâ assumiu, por fim, a sua última forma, impregnada da qualidade de impureza. Dessa brotaram os homens, em quem predominam as qualidades da impureza e da paixão. Este Corpo, ao ser abandonado, será a Aurora, o Crepúsculo Matutino, a Aurora da Humanidade. Brahmâ representa aqui, esotericamente, os Pais. Ele é, coletivamente, o 'Pai'."

D. S.¹ II 163 e D. S.⁴ III 170: "Os Não-Deuses são os primeiros Seres e saíram do 'Corpo da Noite', enquanto que os Pais são nascidos do 'Crepúsculo', e os 'Deuses', colocados entre os outros dois, brotaram do 'Corpo do Dia: O homem está sendo criado no 'Corpo da Aurora'."

A Quarta Hierarquia

Tendo assim esboçado, em largos traços, as Hierarquias e o Campo, voltemos ao estudo da quarta Hierarquia, a das Mônadas Humanas, que serão Homens na Cadeia Planetária terrestre. A Cadeia terrestre é a quarta, aquela cujo número significa luta: o ponto de equilíbrio; a Cadeia onde Espírito e Matéria se interpenetrarão e interligarão, de modo que os dois polos da natureza, o superior e o inferior, se entrelacem compondo o ser complexo que é o homem - pois o homem é o ponto de partida para uma evolução mais elevada. Além disso, as Mônadas estão agora no quarto Globo, o *D*, que é a nossa Terra, o Globo do conflito e do equilíbrio, o Globo típico da presente Cadeia, que está para os

outros Globos na mesma posição em que esta Cadela está, em relação às demais. Assim, as Mônadas estão agora no centro da luta, no ponto onde o combate é mais intenso e as dificuldades são maiores: verdadeiramente no *Campo da Batalha Planetária*. Aqui, no quarto Globo da quarta Cadeia, o conflito entre o Espírito e a Matéria, que terminará com o triunfo do Espírito, atingirá o seu clímax.

O que é o Homem

Temos usado a expressão "Mônada Humana". Devemos definir o que se entende por "Homem", no Ocultismo. "Homem" é o Ser - em qualquer parte do universo - que em si reúne o mais elevado Espírito e a Matéria mais baixa, sendo ambos ligados pela inteligência, o que o torna, em última análise, um Deus manifestado, que parte para a conquista, e continuará no futuro triunfando sobre o mundo infundável que ante ele se estende. "Homem" não significa, necessariamente, a forma que conhecemos. Ele pode ter miríades de formas. "Homem" significa o Ser em quem o Espírito e a Matéria se deram as mãos, tornaram-se ou estão se tornando equilibrados, em quem o Espírito dominou, ou dominará, finalmente, a Matéria.

D. S.¹ I 224 e D. S.⁴ I 271: "Somente no homem a Vida é completa. O seu sétimo (espiritual) princípio é um Raio. do Sol Espiritual. Quanto ao corpo físico, é modelado pelas Vidas terrestres inferiores, através da evolução física, química e fisiológica."

"Homem" é o termo usado nas escrituras ocultistas para designar qualquer ser no qual sejam encontradas as condições acima mencionadas. O termo não é limitado exclusivamente a nós, uma pequeníssima raça na vasta Hierarquia humana.

Para mostrar a posição do homem no esquema evolutivo, que é justamente a posição média que acabamos de descrever, H. P. B. disse que todos os seres deste universo passaram, ou passarão um dia, pelo reino humano, se isso ainda não houver acontecido; se ele está além, é certo que já passou; se ainda está aquém, passará no futuro, podendo isso acontecer em outro Globo e outra raça. "Homem" é o campo de batalha entre a Matéria e o Espírito, e todos os Seres devem travar e vencer o combate antes de penetrar no reino divino. Ei o que é o "Homem".

A Tríplice Mônada de Sete Raios

A Mônada é o Espírito Divino, o polo superior na constituição do homem, nascida do próprio Deus, ou antes, nascida dentro Dele, como um centro em Sua vida, "um fragmento de mim mesmo". "Levantai vossa cabeça, ó Discípulo; vedes uma luz, ou luzes inumeráveis acima de vós, brilhante nas trevas da meia-noite?" - "Eu percebo uma Chama, Divino Mestre, e inúmeras centelhas, não separadas, fulgurando dentro de-la" (1). A Chama é Deus em sua manifestação como Primeiro Logos; as centelhas não separadas são as Mônadas, humanas e outras. A vontade de Deus de se manifestar atua nessas porções Dele mesmo, não separadas Dele. Elas se voltam para

o mundo da Matéria e passam ao Segundo Logos, permanecendo Nele como os Filhos do Pai. Do Terceiro Logos elas recebem o toque que dá a cada uma, uma "individualidade espiritual", um pálido esboço de separatividade. Elas entram nas correntes que, de Três, dividem-se em Sete, tomando cada grupo a cor do Logos Planetário para o qual fluiu. As sete cores se entremeiam num dédalo de luzes fulgurantes - o primeiro grande coral do bailado celestial, o Bailado Solar - até que, em cada Logos Planetário são vistos todos os sete raios de cor, em sétuplo esplendor, dominado em cada um por sua própria cor, comunicando seu matiz a todos os outros raios nele contidos. Por isso se diz que "todos os homens nascem sob um planeta", pois em cada Globo de todas as Cadeias Planetárias, os sete grupos de Mônadas estão presentes, sendo cada um colorido pela sua "Estrela Tutelar".

(1) ("Catecismo Ocultista", citado na Doutrina Secreta).

Vontade - Sabedoria – Atividade

A Mônada não está ainda pronta para começar a longa peregrinação, pois sua atenção não está voltada para fora. Os três aspectos da sua natureza, reproduções dos três aspectos de Deus, afetam-se mutuamente em Seu interior, mas não estão voltados para o universo. Elas começam a descer através das Ordens Criadoras. Da primeira Hierarquia Criadora vem a vibração de vida que as faz voltarem-se para o exterior, nela despertando o aspecto Vontade, o Espírito. Da segunda Hierarquia Criadora procede o impulso que, de maneira semelhante desperta o Conhecimento, o aspecto Alma; da terceira, o que desperta a Atividade, o aspecto Mente. Despertadas para o exterior, com a atenção voltada para fora, as Mônadas estão prontas para começar a descida.

A Mônada Humana

Ao concluir esses estágios preparatórios, as Mônadas que vão ser humanas, chegam à morada onde permanecerão por idades incontáveis. Elas constituem a quarta Hierarquia Criadora, pronta para a sua longa peregrinação. Cada uma delas é "uma Inteligência Espiritual distinta das outras", mas são excessivamente sutis, de natureza demasiadamente transcendental, para penetrar no universo quádruplo, de matéria demasiadamente grosseira para elas.

Espírito - Alma - Mente

As Mônadas têm que encontrar um veículo para que os seus poderes divinos sejam atuantes nos mundos a que vão descer. Chamamos raios solares às vibrações que o Sol provoca na matéria. A Mônada também faz vibrar a matéria atômica dos

planos do Espírito, da Alma e da Mente, que a rodeiam como o éter do espaço rodeia o Sol, criando para si mesma um Raio tríplice, como é tríplice a sua própria natureza. Nesse trabalho ela é ajudada pelas Hierarquias Criadoras quinta e sexta, já tendo ambas passado por experiência semelhante. A quinta Hierarquia dirige a onda vibratória do aspecto Vontade para o átomo espiritual que, passando a vibrar no mesmo aspecto Vontade, fica sendo o Espírito ou o Eu. A sexta Hierarquia orienta a onda vibratória do aspecto Conhecimento para o átomo da alma, o qual, vibrando com o aspecto Conhecimento, é chamado a Alma. Ainda a sexta Hierarquia guia a onda vibratória do aspecto Atividade para o átomo mental que, vibrando com o aspecto Atividade, se torna a Mente. Assim é formado o Raio da verdadeira Mônada, que permanece fora do universo quádruplo. Espírito, Alma e Mente representam a Mônada no mundo da manifestação.

O Vigilante e sua Sombra

Eis o mistério do Vigilante Silencioso, o Espectador, o Espírito inativo que, em sua tríplice natureza, habita sempre o seu próprio plano e apenas vive no mundo dos homens por intermédio do seu Raio, que anima as suas sombras, as efêmeras vidas na terra. Está escrito nas *Estâncias de Dzyan*: "A Chama disse à Centelha: - 'Sois eu mesma, a minha Imagem e a minha Sombra. Sois a minha vestimenta e o meu veículo até o dia do vir a nós, quando vos reconvertereis em mim mesmo e, em outros, vós e eu' - (D. S.¹ I 265 e D. S.⁴ I 309)". A Chama, a Mônada, lança o fio da Vida, o fio tríplice tecido com suas próprias qualidades inerentes, e nesse "Fio da Vida" são engastadas todas as encarnações, todas as suas sombras. "O Vigilante e suas sombras - tantas quantas forem as encarnações da Mônada - são um só. O Vigilante, o Divino Protótipo, está no mais alto degrau da escada do Ser, a Sombra está no mais baixo" (D. S.¹ I 265 D. S.⁴ I 309) . Ele, o Vigilante, é o Pai que está no céu e "Eu e meu Pai somos um". Nós somos as sombras em nossas personalidades, a Imagem - o Filho do Pai - em nossas individualidades. As inúmeras sombras projetadas pelo Raio são as pérolas enfiadas no fio da Vida. As sombras executam o trabalho nos planos inferiores e são animadas pela Mônada através da sua Imagem, ou Raio, a principio tão debilmente que a sua influência é quase imperceptível. Mais tarde, com poder sempre crescente, "O fio entre o Vigilante Silencioso e sua Sombra torna-se mais e mais radiante a cada mudança."

Vamos agora dar ao Filho o nome de Pai, à Imagem o nome de Vigilante, e chamá-la Mônada, pois não há outro que possa apropriadamente descrevê-la: na verdade, ela é sempre revestida de matéria, velada pela Ignorância, e cega no envoltório ainda não experimentado, débil e limitada no mundo em que entrou. Ela será senhora um dia, mas terá primeiro que aprender a obedecer para chegar a dominar a Vida e a Morte. "Embora fosse um filho, ele aprendeu obediência pelas coisas que sofreu e foi feito perfeito" (Hebreus - 8, 9). A Imagem esquece seu lugar de nascimento, adormecendo na matéria. Gradualmente, porém, os impactos do

exterior despertarão sua divindade imersa em sono que, em resposta, vai manifestar-se.

Os Rebeldes e os Senhores do Fogo

Como vimos, as Mônadas estão prontas, e penetram na primeira Cadeia: a Arquetípica. Tudo o que sabemos a respeito é que as que nela mais progrediram tornaram-se os *Não-Deuses* e ingressaram na quinta Hierarquia Criadora. Outras, que progrediram menos, continuaram a evoluir na segunda Cadeia planetária - A Criativa - e destas, as mais evoluídas tornaram-se os *Pais Desprovidos do Fogo*: a sexta Hierarquia Criadora. Novamente, as que se adiantaram menos na segunda Cadeia, continuaram a se desenvolver na Cadeia seguinte, a terceira: a Lunar. Tornamos a vê-las emergindo dessa Cadeia, divididas em três grandes grupos. (1)

(1). N. T. - Para passar à Cadeia Terrestre.

D. S.¹ I 17, 183 e D. S. ⁴ I 227, 234: "*A Hoste Monádica pode ser toscamente dividida em três grandes classes: - 1. As Mônadas mais desenvolvidas - os Deuses Lunares ou 'Espíritos', chamados na Índia os Pais, cuja função é passar, na Primeira Ronda,(2) através de todo o ciclo tríptico dos reinos mineral, vegetal e animal, em suas formas mais etéricas, tênues e rudimentares a fim de se revestirem de matéria e assimilarem a natureza da recém-formada Cadeia. Essas são as que primeiro assumirão a forma humana - se podemos falar em forma num reino quase subjetivo - O Globo A, da Primeira Ronda. São elas, portanto, que lideram e representam o elemento humano durante a Segunda e a Terceira Rondas e, finalmente, no início da Quarta Ronda, desenvolvem as suas sombras, que serão usadas pelas representantes da segunda classe, que virão depois delas. 2. As Mônadas que são as primeiras a alcançar o estágio humano e tornaram-se homens, durante as três e meia primeiras Rondas. 3. As mais lentas; as que se atrasaram e, por impedimento cármico, não atingirão o estágio humano nesse ciclo, ou Ronda, com uma única exceção*" ("as raças mudas").

(2) N. T. - Da Cadeia Terrestre.

Três Classes de Pais Lunares

Temos, em primeiro lugar, os verdadeiros *Pais*, às vezes chamados *Lunares*, ou ainda os *Pais Possuidores do Fogo*, as entidades mais avançadas da Cadeia Lunar, as quais no encerramento dessa Cadeia entraram na sétima Hierarquia Criadora. Eles são os *Deuses Lunares*, os *Senhores da Lua de corpos diáfanos*, encarregados de guiar a evolução física na quarta Cadeia Planetária, a terrena. A par desses, porém menos desenvolvidas, temos duas classes de Mônadas, indiferentemente chamadas *Inteligências inferiores* ou *Pais Solares* - as classes que vêm imediatamente após os *Pais Possuidores do Fogo*, na Cadeia Lunar. Dessas duas categorias uma já tem o corpo causal

formado e a outra está prestes a formá-lo. Ambas estão avançadas demais para entrarem nas primeiras Rondas da quarta Cadeia onde, portanto, só entrarão no meio da quarta Ronda, nas terceira e quarta Raças-Raízes. Recapitulando, o primeiro grande grupo contém três classes de Mônadas.

D. S.¹ I 88 e D. S.⁴ I 239: "*Essas Inteligências Espirituais não passam através dos três reinos: o mineral, o vegetal e o animal, como fazem os Pais ou ancestrais inferiores. Elas não encarnam antes da Terceira Raça-Raiz.*" "*A classe de 'Inteligências Ígneas', que não podemos deixar de identificar com os Pais desprovidos do Fogo é designada, na nossa escola, como o 'Coração' do Corpo de Inteligências Espirituais, e diz-se que encarnaram na Terceira Raça de Homens, tornando-os completos.*"

Sete Classes de Mônadas Lunares

O segundo grande grupo contém quatro classes suficientemente evoluídas para alcançarem o estágio humano durante as primeiras três e meia Rondas da Cadeia Terrestre. Estas também são frequentemente chamadas de *Pais Lunares* e com alguma razão, pois também são provenientes da Cadeia Lunar. No entanto, não são *ancestrais* dos homens, mas seres que estão evoluindo para o reino humano e, assim, não devem ser chamados *Pais*. Porém H. P. B. assim os chamou, e a palavra foi incorporada à terminologia teosófica. O fato não terá muita importância se não os confundirmos com os verdadeiros *Pais Lunares* do grupo I, os *Senhores da Lua*.

No terceiro grupo estão três classes que foram retiradas da evolução lunar por estarem muito atrasadas em relação à evolução geral. Essas Mônadas chegarão ao limiar da humanidade no fim da sétima Ronda da Cadeia Terrestre e formarão a humanidade da quinta Cadeia Planetária, a sucessora da nossa. Presentemente elas estão vagarosamente avançando no caminho, através dos reinos mineral, vegetal e animal.

As sete classes que compõem os Grupos II e III são os *Pais Lunares* frequentemente mencionados por H. P. B. A fim de evitar confusões, nós as chamaremos simplesmente *Mônadas da Cadeia lunar* e restringiremos a denominação de *Pais Lunares* aos *Senhores da Lua dos Corpos Diáfanos*. A propósito das Mônadas da Cadeia Lunar, diz-se que são classificadas de acordo com "a evolução, a consciência e o mérito", o que fixa a hora da sua entrada na Cadeia Terrestre.

D. S.¹ I 171 e D. S.⁴ 1224: "*As Mônadas, que circulam em qualquer Cadeia setenária, são divididas em sete Classes ou Hierarquias, de acordo com os respectivos estágios de evolução, consciência e mérito.*" - D. S.¹ II 91 e D. S.⁴ III 100: "*Cada uma das sete Classes de Pais é subdividida, por sua vez, em outras sete.*"

As sete classes, determinadas pela diferença de evolução, não devem ser confundidas com os sete tipos de Mônadas de coloração diferente e recebida dos *Sete Logoi Planetários* antes mencionados. Em cada uma das sete Classes, serão encontrados representantes dos sete tipos de cores, que aparecem simultaneamente e, lado a lado, quando uma classe entra em uma Cadeia Planetária; todas as classes que veem depois pos-

suem também os sete tipos.

Por estarmos tratando da genealogia monádica do homem, omitimos por enquanto todo o grupo I, os *Pais Lunares*, porque eles se relacionam com a evolução física, e as duas classes de Inteligências inferiores, que permanecerão no Nirvana Lunar assimilando os resultados espirituais e mentais das experiências passadas até a hora de penetrar na Cadeia Terrestre, na quarta Ronda. Vamos, portanto, ocupar-nos agora somente dos Grupos II e III, que compreendem as sete classes que chegam à Terra, sucessivamente.

A Descida das Mônadas Lunares à Terra

A Mônada - Espírito, Alma e Mente - paira sobre as formas em evolução, não vindo abaixo do nível atômico do plano mental, e é representada pelos três átomos obtidos para esta Cadeia, com o auxílio das Ordens quinta e sexta, conforme foi explicado. Um fio de vida, revestido de matéria do plano da alma, é lançado e se liga aos átomos apropriados, em cada um dos estágios, como *átomos permanentes*. Estes farão parte das formas para ela (a Mônada) preparadas pelas atividades dos *Senhores da Lua*, seguindo uma ordem que estudaremos com a Evolução Física. Por agora é suficiente dizer que, em qualquer Globo, todos os reinos - três elementais, o mineral, o vegetal, o animal e o humano - sempre estão presentes: de maneira completa os que pertencem à Ronda em questão ou às precedentes, e em estado embrionário os reinos que pertencem ao futuro. Talvez pareça estranho falar da nossa presente humanidade como embrionária, o que ela ainda é realmente, se comparada com os seres de incomparável esplendor que constituirão a humanidade da sétima Cadeia: a humana. Cada reino é dividido em sete estágios - departamentos ou províncias - o que claramente se percebe ao tratar do homem com as suas sete Raças-Raízes. Nos reinos inferiores os sete estágios não aparecem tão nitidamente demarcados. De fato, só os percebemos porque as Mônadas, que viajam mais lentamente na proporção elo seu menor progresso, vão se atrasando gradualmente, escoando-se em procissões cada vez mais espaçadas, enquanto transitam pelos Globos da Cadeia Terrestre.

As Três Primeiras Rondas

Quando as Mônadas lunares do primeiro Grupo - o mais desenvolvido - chegam ao Globo A da Cadeia Terrestre, passam muito rapidamente pelas formas que lhes foram preparadas pelos *Pais Possuidores do Fogo* nos seis reinos inferiores e chegam ao mais primitivo estágio do reino humano. O processo é repetido nos Globos B, C, D, E, F e G, a cada Globo sendo adicionado um estágio humano, de modo que, no Globo G, terão completado os sete estágios humanos e passado por todos os quarenta e nove estágios - sete em cada um dos sete reinos - que ocorrem em cada Ronda. Devemos lembrar-nos que "humano" aqui, não tem nenhuma semelhança com o "humano" que conhecemos. Mesmo no Globo D, da primeira Ronda, as Mônadas não encontram nenhuma forma humana física.

As Mônadas lunares da classe 2 seguem a classe 1, mas progridem com menor rapidez, de modo que, no final da Ronda, apenas completaram o estágio animal e encontram-se no limiar do reino humano. É somente na Ronda seguinte que elas completam os sete estágios do reino humano.

As Mônadas lunares da classe 3 seguem, por sua vez, a classe 2, mas caminham ainda um pouco menos e, ao findar a Ronda, apenas estão prontas para deixar o reino vegetal e penetrar no animal, enquanto as da classe 4 estão prontas para passar do mineral para o vegetal.

As três classes restantes, pertencentes ao grupo III das Mônadas lunares, estão, respectivamente, nos limiares dos reinos mineral, elemental inferior e elemental médio, ao término da primeira Ronda.

Assim, nessa Ronda, a classe 1 completou quarenta e nove estágios; a classe 2, quarenta e dois; a 3, trinta e cinco; a 4, vinte e oito; a 5, vinte e um; a 6, quatorze e a 7, sete. Se tomarmos a última classe como unidade, teremos que a primeira caminhou sete vezes mais depressa; a segunda, seis vezes; a terceira, cinco vezes; a quarta, quatro vezes; a quinta, três vezes e a sexta, somente duas vezes a velocidade da primeira.

Devemos lembrar que, na primeira Ronda, somente se encontram no Globo A os arquétipos do reino mineral, sendo que este reino apenas toca a matéria mais densa da Ronda no Globo D, e que os tipos mais elevados: o vegetal, o animal e o humano, somente existem como germes mentais.

Na segunda Ronda, somente as Mônadas lunares da primeira classe entraram diretamente no reino humano - no Globo A - fortalecendo os germes, nos quais habitaram; as da segunda classe atingiram a humanidade e progrediram um estágio em cada Globo, completando os sete no Globo G: a terceira apenas tocou o reino humano, na final da segunda Ronda, enquanto a quarta completou o reino vegetal e ainda vai entrar no animal.

Na terceira Ronda, as Mônadas lunares da primeira e da segunda classes continuam a trabalhar nos germes humanos, enquanto a terceira percorre os sete estágios do reino humano e a quarta chega ao seu limiar. Esta última passará ao reino humano no começo da quarta Ronda.

Quarta Ronda: a Humana

As três classes componentes do grupo III progrediram vagarosamente em seu caminho, de modo que, ao começar a quarta Ronda, já havendo todas ultrapassado os reinos elementais, estão constituindo os reinos mineral, vegetal e animal. Elas não atingirão a humanidade nesta Cadeia porque, nela, a natureza não mais produzirá formas suficientemente simples para ser-lhes úteis.

D. S.¹ I 173 e D. S.⁴ I 226: "Quando o Globo A da nova Cadeia está pronto, a primeira classe ou grupo da Cadeia Lunar nele encarna, em seu reino mais baixo, e assim sucessivamente. O resultado disso é que somente a primeira classe de Mônadas chega ao estágio humano de desenvolvimento durante a primeira Ronda, pois a segunda classe,

chegando mais tarde a cada planeta, não dispõe de tempo suficiente para atingir o mesmo estágio. Assim, as Mônadas dessa classe atingem o estágio humano incipiente somente na segunda Ronda, atrasando-se também nas seguintes, até à metade da quarta Ronda. As Mônadas que não chegaram ao estágio humano até este ponto, terão ficado tão para trás em relação ao avanço geral da humanidade, que somente conseguirão atingir esse estágio no encerramento da sétima e última Ronda. Elas não serão, portanto, homens nesta Cadeia, mas formarão a humanidade de uma futura evolução, tendo, assim, oportunidade de ser 'Homens' numa Cadeia muito mais elevada, e esta será a sua compensação cármica. Neste quadro existe uma única e solitária exceção" (a "Raça Muda").

A quarta Ronda é frequentemente chamada a Ronda Humana porque os arquétipos de cada uma das Raças-Raízes aparecem no Globo A no início da Ronda, mas é o reino mineral que realmente alcança o que para ele é a perfeição: densidade e dureza ao máximo grau. (1)

(1) N. T. - O reino hominal atinge a perfeição na sétima Ronda, sendo esta, portanto, a verdadeira "Ronda Humana", como vem dito atrás.

Nosso Globo D

Quando as mais adiantadas dentre as Mônadas em evolução chegaram ao Globo D, estavam prontas para a evolução do homem em modelos muito mais desenvolvidos (do que os referidos anteriormente) e os seus *átomos permanentes* físicos ligaram-se às *Sombras* (corpos construídos de matéria física etérica) que haviam pertencido aos *Pais Dotados do Fogo*. O *Aitareya Brahmana* esboça em breves frases esta longa evolução, esta passagem das Mônadas pelos reinos mineral, vegetal e animal, e o atingimento do humano: "Nas ervas e nas árvores a vida é vista: inteligência nas criaturas que respiram, e nessas criaturas que respiram o Eu é mais aparente; nessas criaturas também a vida é vista, mas a inteligência não é vista nas primeiras. No homem o Eu se manifesta melhor; ele é o que possui maiores conhecimentos. Ele fala daquilo que conhece; vê aquilo que conhece; sabe o que aconteceu ontem; conhece o visível e o invisível; através do que é mortal, deseja o que imortal. Assim é ele dotado." (2) Diz o comentário de *Sayana*: "No inconsciente, terra, pedra, etc., somente o Ser é manifesto, e o Ser ainda não está ligado a nenhuma forma de Vida. As Vidas imóveis, que são as ervas e as árvores, e também as Vidas que se movem e têm respiração vital, ambas são estágios de manifestação em graus mais elevados."

(2) *Aitareyaranyaka*, II iii. 2.

D. S.¹ I 238 e D. S.⁴ I 283 "A centelha está suspensa da Chama pelo mais delgado fio do Vórtice Ígneo. Ele percorre os sete mundos da Ilusão. Detém-se no primeiro (reino) e é um metal e uma pedra; passa ao segundo reino e, vede: é uma planta; a planta circula através de sete formas (transformações) e torna-se um animal sagrado, a primeira sombra do homem físico. Da combinação de todos esses atributos é formado o homem, o pensador."

As Mônadas mais adiantadas pairam sobre as formas embrionárias da primeira Raça-Raiz, dirigindo o crescimento do feto humano na matriz do tempo. Seus Raios cálidos estimulam a atividade nos envoltórios de matéria que os abrigam, modelando-os em órgãos de comunicação com o mundo exterior. O sentido da audição é o primeiro a desenvolver-se, o sentido que reagirá à razão vibratória que daí por diante será chamada SOM. Desperta no seu próprio plano, a consciência monádica responde fracamente, muito fracamente, através da matéria envolvente, de modo que as formas são quase insensíveis. No plano físico, as formas sentem a presença do fogo, o primeiro impacto a que a consciência reage através das novas formas.

Na segunda Raça-Raiz, o sentido do tato é acrescentado à consciência no plano físico, e as formas reagem ao impacto do ar, e do fogo; ouvimos fracos sons, como se cantados, provenientes das variadas formas indefinidas que representam a humanidade, sons inarticulados, como de vogais abertas, debilmente indicando o agitar de emoções vindas do interior. Essas consciências pertencem mais ao mundo superior do que ao inferior; existe nelas uma tranquila beatitude sonhadora brotando do interior, mas pouco sentimento de prazer ou dor, proveniente de estímulos exteriores. A consciência monádica, desperta nos planos superiores, porém não nos inferiores, é apenas ligeiramente mais reativa na segunda do que era na primeira Raça-Raiz.

D. S.¹ II 107 e D. S.⁴ III 166: "A primeira Raça possuía três elementos rudimentares e ainda nenhum fogo, porque, para os Antigos, a evolução do homem e o aparecimento e desenvolvimento dos sentidos espirituais e físicos estavam subordinados à evolução dos elementos no plano Cósmico desta Terra. A seguinte ordem, em linhas paralelas, pode ser encontrada na evolução dos Elementos e na dos Sentidos: no 'Homem' Cósmico terrestre, ou 'Espírito', e no homem físico mortal:

1 – Éter	Audição	Som
2 – Ar	Tato	Som e Tato
3 – Fogo ou Luz	Visão	Som, Tato e Cor
4 – Água	Paladar	Som, Tato, Cor e Gosto
5 - Terra	Olfato	Som, Tato, Cor, Gosto e Odor

Com a entrada da Mônada na terceira Raça-Raiz, o progresso se acelera. O sentido da visão é adicionado à audição e ao tato, o que torna mais claro e mais definido o reconhecimento do mundo exterior. A linguagem feita apenas de gritos, de prazer ou dor, de amor ou ódio, das duas primeiras sub-raças, torna-se monossilábica na terceira sub-raça.

D. S.¹ II 198 e D. S.⁴ III 203: "Dentro dos nossos conceitos, a Primeira Raça não possuía a fala, assim como era destituída de mente, no nosso plano. A Segunda Raça tinha uma 'linguagem de Sons', sons cantados, compostos apenas de vogais. A Terceira Raça

desenvolveu a principio uma espécie de linguagem que era somente um ligeiro melhoramento dos vários sons da Natureza, dos gritos dos gigantescos insetos e dos primeiros animais, que apenas começavam a aparecer, no tempo dos 'Nascidos do Suor, na Terceira Raça Primitiva. Na segunda metade da terceira Raça-Raíz - a Média - quando a lei da evolução levou os homens a se reproduzirem sexualmente, somente então, a fala se desenvolveu, embora não passasse ainda de um esforço experimental. Nesse tempo a totalidade da raça humana tinha 'uma linguagem e um lábio'. De acordo com o ensinamento oculto, a linguagem se desenvolveu na seguinte ordem: 1 - Monossilábica, 2 - Aglutinativa, 3 - Inflexional."

A consciência dos impactos da água acrescenta-se à dos impactos do fogo e do ar, e a forma humana, tosca e desajeitada, mas, já agora, distintamente humana, vigiada pela Mônada, está pronta para o aparecimento da inteligência que fará dela um homem. Ela é, agora, perfeitamente responsiva aos estímulos de vida, que vêm de cima, mas no plano físico é rude e ignorante, movida apenas por estímulos de dor ou de prazer, vindos do exterior, cedendo cegamente às suas correntes, impelida por elas para qualquer lado. A Mônada não tem controle sobre o veículo físico, sujeito aos embates do seu próprio plano e, ao mesmo tempo, reagindo mais fortemente à corrente de vida que flui, em crescendo, dos planos superiores. Ao fluir pelos canais dos instintos animais, a vida se transmuta em reações sensoriais. O aumento da pressão vital no veículo, nesse ponto da evolução, é como o aumento da pressão do vapor em uma locomotiva sem maquinista. A Mônada sofre grave perigo de desgoverno.

Os Filhos da Mente

Então chegam os Filhos da Mente, portadores do elemento de segurança e progresso. É tempo de começar a evolução intelectual, o que ocasionará um intervalo de obscurecimento espiritual. O avanço espiritual deve ceder o lugar ao irromper da inteligência e retirar-se para um plano secundário, deixando que a inteligência tome as rédeas e guie a evolução nos estágios seguintes. A Mônada, sutil e silenciosamente, começa a modelar a inteligência, influenciando-a de maneira indireta, estimulando-a com suas energias, fazendo-a evoluir pelo incessante fluir de poderosa corrente jorrada do interior, enquanto a inteligência se liga aos veículos inferiores para ser dominada no início, e depois, lentamente passar a predominar e a governar. Deixemos a evolução monádica, recolhida em silêncio sob a superfície, até o tempo no futuro em que o intelecto, triunfante, se integrará no Espírito.

Essa é a nossa genealogia pelo lado do Espírito, exposta de maneira sucinta: vimos nosso nascimento em Deus; vimos os grupos de Seres Poderosos que alimentaram nossa infância; vimos os estágios do nosso crescimento ao descermos de Cadeia em Cadeia, de Ronda em Ronda, de Globo em Globo, até chegarmos à nossa conhecida Terra e pisar em terreno familiar. Começamos agora a vislumbrar o

aparecimento dos *Filhos da Noite*, dos *Filhos do Conhecimento Sombrio*, daqueles que trazem o egotismo para a formação do homem e percebemos que se trata de outra linha da nossa genealogia: que também eles são nós mesmos. Vemos o Espírito obscurecido e sabemos que o Espírito deve amadurecer em silêncio, enquanto o guerreiro Intelecto trava o seu combate. Chegará o tempo em que o Intelecto deporá sua conquista aos pés do Espírito, e o homem, tornando-se divino, reinará na Terra.

A GENEALOGIA FÍSICA

A Teoria de Weissmann

Tratando, esta manhã, do aspecto físico da evolução do homem, encontraremos a dificuldade comum às coisas pertencentes ao nosso mundo: grande abundância de detalhes complexos que tornam difícil compreender e aprofundar o estudo enfocado, até mesmo para a Ciência moderna que se ocupa com uma fração apenas da totalidade com que nos defrontamos. As dificuldades crescem ainda mais por devermos considerar, além da diversificação dos estados e elementos do plano físico, também as diferenciações peculiares aos mundos mais sutis. Estou dando este aviso antecipado por recear ter de pôr à prova a paciência do auditório tentando prepará-lo para acompanhar as sequências da evolução física do homem, e bem compreender a parte que ele representa no mundo onde é o exemplo mais elevado de vida. No que concerne à presente evolução, o homem é a fonte de onde provêm todas as sementes de vida; ele encabeça toda a evolução no globo, e de sua vida com orientação dependem os reinos da Natureza que estão abaixo dele. Vamos procurar saber como pode o corpo do homem conter os germes da vida que povoa todos os grandes reinos da Natureza. A única teoria que parece oferecer um vislumbre da verdade, um mero fragmento, é a teoria de Weissmann (1) que, em sua admirável complexidade, é bastante difícil de apreender por completo, e contudo mostra como, até mesmo do ponto de vista da Ciência moderna é possível haver diversificações tão numerosas, tão variadas e tão interdependentes dentro dos limites de um germe, que nele podem ser encontrados vestígios de miríades de gerações, além da possibilidade de alguns desses traços aparecerem no homem de hoje.

(1) N. T. - Annie Besant fez a presente conferência em 1903.

D. S.¹ I 223 e D. S.⁴ I 227: *"As pessoas que desconhecem a nova descoberta do Professor Weissmann deveriam apressar-se em preencher tal lacuna. Nesta teoria quase correta o filósofo e embriologista alemão mostra uma célula infinitesimal. dentre milhões. de células. que entram na formação de um organismo, determinando sozinha e sem ajuda externa, pela contínua segmentação e multiplicação, a imagem correta do futuro homem (ou animal) com todas as suas características físicas, mentais e psíquicas. É esta célula que imprime na face e na forma. do novo indivíduo as feições do pai ou de algum ancestral distante; é ainda ela que lhe transmite as idiossincrasias intelectuais e mentais dos pais, etc. Esse Plasma constitui a porção imortal dos nossos corpos, atravessando um processo de sucessivas assimilações. Existem dois caminhos para explicar o mistério da hereditariedade: ou a substância da célula germinal é dotada da faculdade de atravessar o ciclo completo das transformações que conduzem à construção de um organismo separado e, em seguida, à reprodução de células germinais idênticas; ou as células germinais não têm a sua gênese no corpo do indivíduo, mas vêm diretamente da célula germinal ancestral, passando de pai para filho através das gerações. Foi a segunda hipótese que Weissmann*

aceitou e desenvolveu, considerando a célula germinai como a porção imortal do homem. Até aí muito bem." (1)

(1). Arya Asanga. "Em um artigo sobre 'A Teoria da Reencarnação de Leibniz' (v. *The Theosophist* - Adyar - Março, Abril/1935 - p. 30), eu assinalei a similaridade da teoria de Weissmann com as especulações monadológicas de Leibniz, e também com os ensinamentos teosóficos sobre os átomos permanentes. A essas teorias podem-se acrescentar as ideias apresentadas por Giordano Bruno (v. *The Theosophist* - Adyar - Outubro/1883 - p. 13), e os modernos estudos sobre os *genes*, os elementos *hereditários*, ou *átomos*."

Os Pais

Existe uma grande classe de seres que controlam e guiam a evolução física, além de fornecer os padrões, nos quais toda essa evolução é moldada. Tal classe de seres aparece na literatura hindu com o nome genérico de *Pais* ou ancestrais. Há muita confusão a propósito desses *Pais* e a razão é simples. Em primeiro lugar, os *Pais* originais - a quem eu gostaria de aplicar o título com exclusividade, por uma questão de clareza - reaparecem vezes sem conta, em condições diferentes. Eles estão presentes em todas as Rondas. Retornam nos diversos ciclos de crescimento do nosso Globo. Encontramo-los quase fundindo-se com o homem, e depois renascidos como novos personagens. Eles lembram atores no palco de um teatro, vestindo-se de roupas diferentes para representar personagens vários, sendo eles próprios sempre os mesmos. É natural que os estudantes fiquem confusos quando não conseguem acompanhar esses seres em suas metamorfoses. Parte do nosso trabalho será, precisamente, identificar os atores por trás dos papéis assumidos. Os *Pais* voltam ciclo após ciclo, - mas sempre com a característica de serem os *Senhores* do reino físico. Eles são os guias, os modeladores e arquitetos do homem mortal.

Os Senhores Desprovidos do Fogo

O nome de *Pais* é também aplicado àqueles de quem se fala com sendo desprovidos do *Fogo*, os quais nada têm a ver com o corpo físico do homem e portanto serão, de momento, colocados inteiramente de parte. Eles constituem as três mais altas classes de *Pais* dentre as sete conhecidas das Escrituras hindus, e são descritos como seres que não possuem forma, vindos de uma evolução que não é a nossa. O seu relacionamento é com os *Deuses*, e, às vezes, são chamados *Pais dos Deuses*. Estão também ligados à evolução intelectual do homem e vamos tornar a encontrá-los com um novo título, o de *Filhos da Mente*, classe que inclui também outras entidades.

Os *Pais* que realmente constituem a ancestralidade física do homem, que são os ancestrais do seu corpo, estão agrupados nas quatro grandes classes restantes e, a esses quatro grupos é dado um nome genérico - *Possuidores do Fogo*. Esse mesmo

nome reaparece designando uma classe, dentre as quatro, e aí começa nossa confusão. O nome genérico é: *Pais Possuidores do Fogo*, ou aqueles que possuem o fogo criador. Embora encontremos a denominação dada especialmente aos filhos de um dos *Filhos (nascidos) da Mente de Brahmâ*, ainda assim, o nome pertence às quatro classes de *Pais* que possuem forma e estão encarregados da evolução física. Portanto, quando usamos a designação, sem qualquer outra explicação, a referência é feita às quatro classes dos *Pais* que possuem forma.

D. S.¹ II 77, 89 e D. S.⁴ III 87, 98: "Os Pais Hindus Exotéricos, conhecidos como as Sete Classes de Pais, abrangem duas espécies de Progenitores ou Ancestrais: os que possuem o fogo sagrado e os que não o possuem. As filosofias esotéricas explicam as qualificações originais como sendo devidas às naturezas das duas classes: os Pais Desprovidos do Fogo são entidades extremamente divinas e puras, que ultrapassaram a paixão criadora; enquanto os Pais Possuidores do Fogo são entidades lunares - os 'Espíritos Lunares', mais estreitamente ligados à Terra. Eles se tornaram os Elohim da forma, isto é, do Adão de barro."

D. S.⁴ III 87: "Os Possuidores do Fogo são os Pais dos Demônios, ou Seres Corpóreos, ao passo que os Desprovidos do Fogo, são os Pais dos Deuses."

Assim, os *Pais Possuidores do Fogo* são provenientes da Lua. Sabemos que se fala da Lua como sendo o portal do Céu, como sendo um dos Planos, como sendo a morada dos Pai. Isto é verdade no que concerne aos seres humanos, porque passam do plano de *Manas* para o *Plano dos Pais*, e daí para o Céu. Do ponto de vista cósmico a Lua funciona como um portal, de onde os habitantes fluem para a Terra. Esses *Pais* aportam à Cadeia Terrestre vindos da Cadeia Lunar e por isso são chamados *Pais Lunares*, ou *Pais* provenientes da Lua.

A respeito deles, a primeira pergunta que ocorre será, naturalmente: "O que faziam na Lua, e qual o resultado da vida que lá viveram?" Todos sabemos que a Cadeia Lunar foi a que precedeu a nossa, e que estamos ligados pelos mais estreitos laços à evolução que se processou na Lua, isto é, na Cadeia Lunar. Será mais fácil compreender o valor do que fizeram os *Pais Lunares*, na Cadeia Lunar, por comparação com os Seres a quem chamamos os Mestres na nossa Terra. Os Mestres passaram pelo estágio humano da evolução na Terra, e nela transcenderam a humanidade. Eles são a "flor da humanidade", como já foram chamados - Aqueles que triunfaram sobre as dificuldades da matéria e tornaram-se os *Senhores* da matéria. São os Guardiões e Protetores da humanidade. Exatamente esse foi o papel desempenhado pelos *Pais Lunares* na evolução da Cadeia Lunar. Eles passaram por todo o equivalente ao estágio humano e representam o sucesso daquela evolução; chegaram ao domínio completo da matéria lunar e à conquista do seu uso para os fins adequados. Dai serem, às vezes, chamados os *Cubos*, porque, na Cadeia Lunar, conquistaram a matéria em sua forma quaternária, e trouxeram-na para continuar a evoluir na Cadeia Terrestre. Pensemos Neles, pois, como os *Senhores da Lua*, um título que lhes é dado frequentemente na literatura oculta.

Os Pais e as Mônadas Humanas

Eles também são chamados de *Filhos do Crepúsculo* por uma razão que veremos em breve e que, mais uma vez, os prende à Lua. Eles são ainda chamados *Homens Celestiais*, *Filhos da Lua* e *Progenitores*. Evitemos confundi-los com a classe de *Pais* que eram Mônadas evoluindo na Cadeia Lunar e que entraram na evolução humana (para continuar a evoluir) no nosso Globo. Essas Mônadas nada têm a ver com os *Pais Lunares*, salvo terem começado a evoluir na Lua, sob a proteção e cuidado Deles, da mesma maneira que nós evoluímos agora recebendo a atenção dos Mestres de Sabedoria e Compaixão. Esses Pais comuns, tão frequentemente confundidos com os outros, são as Mônadas que vieram da Lua e constituem a massa da humanidade atual, e também as que estão aprisionadas nos reinos animal, vegetal e mineral do nosso Globo, estando a quase totalidade das formas da nossa Cadeia, efetivamente, ocupadas por Mônadas egressas da Lua. Elas costumam ser chamadas *Pais*, mas não são os *Grandes Pais Lunares*.

Essa repetição de nomes aparece também na literatura hindu, nos Ritos Fúnebres e até na linguagem comum, porque quando um homem morre, depois do estágio de *Manas*, passa ao Plano dos Pais, e é considerado como tal. Ainda a sim, sabemos muito bem que esses seres humanos, colocados na classe dos *Pais*, são antes seus protegidos, abrigado sob seu pálio e proteção, guardados e amparados por eles, mas sem participar da sua natureza. Realmente não podemos confundir os membros da nossa humanidade que, num certo estágio após a morte passam ao Plano dos Pais, com os poderosos *Pais* constantemente invocados nos Ritos Fúnebres, e que são os *Nascidos da Mente* - os *Filhos de Brahmâ*. Vemos que a confusão é generalizada e invadiu a nossa própria nomenclatura. Conservemos, pois, o nome de *Pais*, dentro dos propósitos dessas conferências, somente para os *Senhores da Lua*, sem confundi-los com a nossa humanidade comum, de quem eles vão cuidar, no que concerne à evolução física.

Estes *Pais*, no final da sua evolução na Cadeia Lunar, integraram-se no Logos Planetário, o Governante da Cadeia. Como diríamos agora, eles atingiram o *Nirvana*; penetraram na consciência do grande *Senhor* sob cuja direção haviam evoluído; integraram-se no Seu Ser; tornaram-se, por assim dizer, sementes de vida dentro do Seu corpo.

Filhos do Crepúsculo

Quando a Cadeia Terrestre - o novo corpo do Logos Planetário - está para vir à existência, os *Pais* nascem do Seu *Corpo do Crepúsculo*. Nessa etapa, o Logos Planetário funciona como *Brahmâ*, o Criador, reflexo do grande *Brahmâ* do Sistema Solar. Os quatro Corpos de *Brahmâ* são as quatro Cadeias Planetárias; a primeira é o Seu *Corpo de Treva*; a segunda o Seu *Corpo do Dia*; a terceira, a lunar, Seu *Corpo do Crepúsculo*; a quarta, a terrestre - o ponto de retorno - é o seu *Corpo da Aurora*. Os nascidos do terceiro Corpo são chamados *Filhos do Crepúsculo*, *Nascidos da Vontade*, ou *Senhores da Ioga* e, às vezes, os *Auto-Gerados* pois não têm nascimento, à parte desse fluir do Corpo do *Senhor*. Está escrito no *Vishnu Purâna*, que eles nasceram do *Corpo do Crepúsculo* quando o *Senhor* estava meditando sobre Si mesmo como o *Pai* do mundo, e sobre o advento dos homens ao

mundo. O *Varâha Purâna* fala de maneira semelhante, dizendo que eles surgiram, cor de fumaça, quando o *Logos* meditava sobre a criação de todas as espécies de seres. Foi quando Ele pensou em Si próprio como *Pai* que, do Seu *Corpo do Crepúsculo*, brotaram os *Pais Nascidos da Vontade*, os *Senhores da Cadeia Lunar*.

Possuindo a matéria quádrupla e também o Fogo Criador, eles estavam capacitados a dar ao homem o seu duplo etérico, o sopro da vida, o desejo animal e o germe da mente animal. Mais longe do que isso ele não poderiam ir, mas tinham o suficiente para modelar a evolução física e construir o homem-animal e todas as formas inferiores.

D. S.¹ II 79 e D. S.⁴ III 88: "*Os Pais Possuidores do Fogo, embora possuíssem o 'Fogo Criador eram destituídos do Elemento mais elevado. Estando nivelados com os Principias inferiores - aqueles que precedem a matéria objetiva mais densa - eles somente podiam dar nascimento ao homem externo, ou antes, ao modelo do físico, o homem astral.* (1) "

(1). N. T. - Na D. S. frequentemente aparece a palavra "astral" significando "etérico".

Futuros Senhores da Morte

Diz-se que os *Pais* eram governados pelo *Senhor da Morte*, também chamado o *Senhor dos Pais*; daí serem mortais os corpos dados por Eles aos homens, nascidos que foram sob o domínio do *Senhor das Mudanças e da Morte*. Eles não podem dar o *Princípio* imortal; estando sob o domínio do *Senhor da Morte*, somente podem dar o que é mortal. Os homens são a sua progênie e, por isso, pertencem ao reino da Morte. Os filhos da Terra diferem dos filhos do planeta Mercúrio que são imortais, enquanto os da Terra são mortais. Também os *Pais* evoluirão pelo seu trabalho na Cadeia Terrestre e, evoluindo, escaparão ao domínio do *Senhor da Morte*. Na próxima Cadeia, a quinta, eles executarão o trabalho dos *Filhos da Mente* e *Senhores da Morte*.

D. S.¹ II 44 e D. S.⁴ III 56: "*Disse o Senhor da Face Fulgurante (à Terra): Eu te enviarei um fogo quando o teu trabalho houver principiado. Levanta tua voz a outros Planos, recorre ao teu Pai - o Senhor do Lótus - a favor dos teus filhos. .. Teu povo estará sob o governo dos Pais. Teus homens serão mortais. Os homens do Senhor da Sabedoria, Mercúrio não os filhos da Lua, são imortais. Cessa as tuas lamentações. Tens ainda em ti as tuas sete peles ... Ainda não estás pronta. Teus homens ainda não estão. prontos'. O Senhor ou Rei dos Pais é o Deus da Morte e o juiz dos mortais. Os homens de Mercúrio são imortais, metaforicamente, por sua Sabedoria. Sendo a Lua um corpo inferior - mesmo em relação à Terra, sem falar nos outros planetas - os homens terrestres, produzidos pelos seus filhos, os Homens Lunares ou ancestrais, de sua própria crosta ou corpo, não podem ser imortais. Eles não podem ter esperanças de se tornarem homens verdadeiros, inteligentes e autoconscientes, a menos que sejam completados por outros criadores. Assim, na lenda Purânica, o filho da Lua é Mercúrio, o inteligente e sábio, por. que provém do Regente da Lua invisível, não da Lua física.*"

A Primeira Ronda

Tivemos uma primeira visão geral dos *Pais Lunares*. Tornaremos a encontra-los muitas vezes como já foi dito, Eles nos aparecem pela primeira vez no papel de governantes da Matéria, por ocasião da formação dos Globos ainda desabitados, quando a Matéria apenas estava sendo modelada em forma globular. Tornamos a encontra-los no começo da primeira Ronda. Como descrever a cena que teria sido vista por algum iogue, que para ela tivesse voltado o *Olho Divino*? Procurarei fazer uma descrição que, embora imperfeita, possa trazer à mente uma ideia mais definida. Imaginemos uma vasta massa de matéria ígnea em movimento: girando, mudando, explodindo em convulsões e apresentando, finalmente, em três diferentes densidades, sete formas transparentes. Formas extremamente vagas porque, mesmo a mais densa, o quarto Globo, em que podemos divisar a Terra em sua forma inicial, nada mais é que uma película de Éter: tênue, transparente, luminosa e ígnea.

D. S.¹ I 259 e D. S.⁴ I 303: *“Na Primeira Ronda, o Globo foi construído pelas primitivas vidas de fogo - uma esfera sem solidez ou outras qualificações, salvo um brilho frio, sem forma ou cor. Somente no fim da Ronda um Elemento se desenvolveu, simples essência inorgânica, que em nossa Ronda produziu o fogo existente em todo o sistema. A Terra estava em sua primeira forma, cujo princípio é o Éter.”*

Nada se vê nessa Ronda, salvo as formas ígneas. Das sete, que vagamente divisamos, a quarta, que vai ser a nossa Terra, é a mais perceptível. Sobre as formas do arco descendente, sombras cada vez mais indistintas se avolumam através da névoa de fogo. No arco ascendente aparecem três outras sombras ígneas e imprecisas. Um imenso panorama de chamas que assumem e perdem a forma de globos, maravilhosos e terríveis, sugerindo força irresistível e energia esmagadora.

As quatro classes de *Pais Lunares*, os *Pais* possuidores de forma, presidem em sucessão às quatro Rondas da Cadela Terrestre; os de corpos mais sutis guiando a primeira Ronda; os seguintes, a segunda; outra mais densa, a terceira, e finalmente a classe de corpos ainda mais densos, a quarta Ronda, onde é formada a matéria mais compacta. Cada um dos quatro grupos apresenta os seus próprios sete graus, ou subgrupos, de modo que em cada Ronda ou Globo encontramos as chamadas *sete classes de Pais*, o que tem trazido confusão aos estudantes, lembrando outro grupo de sete classes de *Pais* estudado anteriormente e que englobava também os *Pais Desprovidos do Fogo*. No caso presente, trata-se de subclasses, dentro da classe dos *Pais Possuidores do Fogo*. É preciso ter em mente que todas as classes mencionadas anteriormente - três sem forma e quatro possuidoras de forma - possuem sete subclasses, determinadas por diferenças de evolução. Assim, nas quatro grandes classes de *Pais* possuidores de forma, temos vinte e oito subclasses, sete em cada classe, e é somente destas que falamos agora. Em cada Ronda apenas uma grande classe toma parte e as suas sete subclasses constituem as "sete classes de *Pais Lunares*".

Os quatro grandes grupos distinguem-se por possuírem veículos diferentes. No

primeiro o veículo inferior é o Corpo Causal; o segundo atua do corpo mental; o terceiro usa o corpo astral e o quarto possui como revestimento (mais denso) o duplo etérico. Assim, à medida que os Globos se tornam mais densos nas Rondas sucessivas, os *Pais*, que se sucedem no trabalho de guiar a evolução física, trazem seus veículos que, por serem mais densos, são adequados a suas tarefas. Quanto mais estudamos o plano da evolução mais nos Impressiona a concatenação meticulosa de cada uma das suas partes.

Conforme foi dito na primeira conferência, os *Pais Possuidores do Fogo* pertencem à última das Hierarquias ou Ordens Criadoras, chamadas por nós *as sete*, embora na realidade sejam doze. Eles têm sob suas ordens vastas hostes de Espíritos da Natureza, os quais são os verdadeiros construtores das formas, os operários, enquanto os *Pais* podem ser comparados aos arquitetos, um título que, efetivamente, lhes é dado com frequência. Eles fornecem as formas, os modelos, os planos, que são seguidos e elaborados pelos seus subordinados, os inumeráveis seres que selecionam as partículas materiais e colocam cada uma em seu lugar. De passagem podemos notar que, como na literatura hindu todos esses seres são, em conjunto, chamados *Deuses*, os trinta e três *crores* (1) de Deuses, julgados necessários para a execução do trabalho da Natureza'. não devem causar surpresa.

(1). N. T. - Um *crore* corresponde ao número 10.000.000.

As Sete Ilhas-Mundos

Quando os *Purânas* falam da Terra e dos outros seis Globos descrevem um quadro curioso, que temo possa despertar riso em muitos dentre os hindus instruídos: sete zonas, ou sete ilhas, separadas umas das outras por estranhos oceanos de leite e coalhada. "Que fábulas ridículas escreviam os antigos", dizem os críticos modernos. No entanto, eles escreveram muito mais sabiamente do que os cientistas do século XIX. dando graficamente uma ideia da aparência de uma Cadeia planetária onde cada ilha, ou mundo, é um dos Globos componentes e o chamado oceano é a matéria intermediária que separa os Globos como barreira intransponível, salvo para aqueles *que* já construíram seus veículos mais elevados e podem assim navegar nesses fantásticos mares de matéria. Alguém que pudesse colocar-se num plano mais elevado, olhando de cima para a Cadeia, veria exatamente o que está descrito nos *Purânas* - as sete Ilhas rodeadas pelos sete oceanos, massas ondulantes de matéria de várias densidades lembrando, em sua aparência geral, líquidos conhecidos na "Terra cujos nomes foram, por isso, usados nas descrições. O engano consistiu na identificação dos sete mundos da Cadeia, profundamente diferentes entre si, com coisas do nosso Globo físico. A Ilha Rosa-Maçã dessa Cadeia é a Terra, o nosso próprio mundo. Essas descrições podem não estar de acordo com as ideias modernas e a nomenclatura científica precisa e acurada, mas comunicam vívidas ideias gráficas às mentes comuns, a que foram endereçadas; e o vidente moderno facilmente reconhece os objetos descritos quando, do mesmo ponto de vista elo escritor purânico, deixa o olhar vagar sobre o fantástico panorama e vê os sete Globos circundados pelos oceanos de matéria não organizada.

Voltemos ao panorama de fogo, com os Globos diáfanos rolando entre chamas revoltas.

Ao primeiro deles, o mais indistinto, o mais ígneo, desce a primeira classe de *Pais Lunares*. A eles compete fornecer os primeiros modelos da forma que todos os que vierem depois usarão como tabernáculos: os modelos são baseados nas ideias presentes na mente do Logos Planetário, mas dos *Pais* será o trabalho a definir as formas, e errar os primeiros moldes para a matéria ígnea que vai servir de morada às *Mônadas* que chegarão, vindas da Cadeia Lunar. Os, *Pais* tem que assimilar a matéria da Cadeia; de outra maneira, como poderiam construir as formas? Eles não podem trabalhar a matéria que não lhes pertence. Por isso, a primeira coisa a fazer é habitar toda espécie de matéria, aglomerando-a em torno dos seus diáfanos corpos, modelando-a com o seu fogo-criador em formas germinais que lentamente se desenvolverão e amadurecerão e, no correr das idades, se transformarão nas formas que conhecemos na quarta Ronda, no nosso quarto Globo." Cada subclasse deve modelar sete formas típicas em cada reino e sobre cada Globo, porque, em cada um dos reinos da natureza, sete tipos coexistem: os sete tipos de cada uma das sete subclasse de *Pais*, em cada Ronda. Na primeira Ronda as formas. são apenas películas de matéria ígnea.

A característica do primeiro Globo, o Globo A, é que suas formas nada têm de comum com o que conhecemos; tão diferentes são de tudo o que consideramos como formas, que a vida aí, é, às vezes, chamada Sem-Forma; no entanto, trata-se realmente de formas, embora desconhecidas do homem mortal. Elas são chamadas arquétipos, isto é, formas ideais, feitas de substância do pensamento abstrato: vagas, mutáveis, indefinidas, inconcebíveis e incompreensíveis para a mente concreta. Delas apenas se pode dizer que, ao passar a um plano inferior, explodem em inúmeras formas concretas, todas apresentando as características essenciais da ideia original, por serem reflexos dela. Talvez isto se torne mais compreensível se lembrarmos o expediente curioso a que recorreu um professor, nos dias primitivos da ciência biológica, para mostrar o tipo de uma ordem. O professor Owen, tratando da complexa ordem dos mamíferos, procurou juntar e combinar tudo o que era comum a todos, como espinha dorsal, quatro membros, etc. Estudando muitas formas de mamíferos, com as características comuns a todas, compôs uma forma que não se parecia com nada existente na terra, no céu ou nas águas e chamou a isso um mamífero arquetípico. Foi uma fantasia científica usada como auxiliar na pesquisa científica. "Chegou mais' perto da verdade, do que ele próprio supôs". Tais formas arquetípicas existem na mente do Logos como as *ideias* de todos os reinos: os minerais arquetípicos, os vegetais, os animais e o homem arquetípico. Elas existem como *ideias* - ideias platônicas, como são às vezes chamadas - devido à ênfase que lhes foi dada por Platão em sua filosofia. Essas ideias estão na mente do Logos e os arquitetos, os *Pais Possuidores do Fogo*, reproduzem-nas no Globo mais sutil da Cadeia planetária: o Globo A. Daí este Globo também ser chamado arquetípico, por conter as formas arquetípicas que serão desenvolvidas nas Rondas predeterminadas.

As formas arquetípicas são, frequentemente, descritas ou mencionadas nos

Purânas, e tais descrições nos parecem estranhas, grotescas e incompreensíveis. Muitos dos nossos homens: instruídos, conhecedores de algo da Ciência moderna, ridicularizam os Sábios antigos que tentavam descrever tão inusitadas formas, completamente diferentes de qualquer coisa que a mente humana possa conceber. Os Sábios do passado, porém, conheciam mais do que os da Ciência moderna; eles conheciam os modelos arquetípicos, que são a base de todas as formas, e as criaturas estranhas sobre que lemos nas histórias purânicas são arquétipos e não as formas como existem nos planos mais densos. Não conheço linguagem ou descrição que possa dar melhor ideia dessas extraordinárias estruturas, do que as encontradas nas narrativas purânicas, embora pareçam inadequadas e grotescas. Elas são as melhores possíveis para a linguagem humana.

As Formas Arquetípicas

Passemos ao ponto seguinte. Cada Ronda, como dissemos, produz uma espécie de evolução em particular, seja elemental, mineral, vegetal, animal, ou humana. As outras formas, que ainda não nasceram no Globo ou na Cadeia, estão, no entanto, vivas na mente do Logos Criador. Elas estão presentes na atmosfera sob a forma de embriões, de modo que, nessa atmosfera pode ser encontrada a sua história. Este é um dos significados da expressão: "ler na luz astral". Assim, no primeiro Globo da primeira Ronda da nossa Cadeia, os *Pais* modelam os arquétipos dos três reinos elementais e do mineral. Somente os tipos mais elevados do reino elemental aparecem completos e amadurecidos; os dos reinos elementais médio e inferior são embrionários e os do reino mineral são apenas germes, embora representativos de tudo o que estará presente no reino mineral completo da quarta Ronda. A primeira classe dos *Pais possuidores do Fogo* elaboram esses arquétipos em matéria diáfana e com elas povoam o Globo, ainda ígneo. Na atmosfera que circunda o Globo as outras três classes de *Pais* estão ocupadas com os embriões do futuro reino vegetal da segunda Ronda, com os embriões do reino animal para a terceira Ronda e com os do reino humano para a quarta Ronda. Os embriões mencionados não têm a menor semelhança com as formas dos futuros reinos vegetal, animal e humano: eles são meras cristalizações - se a palavra pode ser usada para material tão tênue - simples aglomerados de matéria. Esses embriões estão na matriz da Natureza como fetos no ventre materno e, verdadeiramente se diz que, quando chegarmos a compreender o mistério do crescimento humano, o mapa completo da atividade criadora estará aberto aos nossos olhos.

Globos B e C

Os nossos *Pais* estão ativos no Globo A, o primeiro. Eles modelam os arquétipos como já foi dito. Revestem-se com as formas que elaboraram e, a seguir, passam

rapidamente através das formas embrionárias que povoam a atmosfera Circundante, comunicando-lhes o primeiro estremecimento da vida fetal incipiente. Passam então ao segundo Globo, o *B*, onde trabalham as formas concretas que brotaram, multiplicadas, do arquétipo original. Pouca mudança é perceptível nas formas que estão na atmosfera. Todo o esforço é colocado nos elementais e minerais, que progridem. Vem depois o terceiro Globo da Cadeia, o *C*, onde as formas são mais densas, mas representam ainda a densificação do fogo, como as camadas mais brancas ou mais amarelas de uma chama dentro do fulgor-vermelho. Estas são as únicas diferenças encontradas no fogo, dos Globos sucessivos.

Globo D - a Terra

Chegamos finalmente à Terra, onde o mineral toca o físico, continuando as demais formas na atmosfera circundante. As formas germinais dos minerais podem ser apenas divisadas, na Terra ígnea em desenvolvimento, como tênues películas, e assim também nos Globos seguintes, até ao sétimo. Os minerais não são sólidos, cristalinos, ou qualquer outra: forma que possamos reconhecer, mas sempre massas gasosas fulgurantes. Tudo o que atualmente existe no reino mineral está presente no último Globo da primeira Ronda como germes tênues e diáfanos, prontos para serem enriquecidos, densificados, fortalecidos e tornados mais complexos, nas Rondas que virão depois.

Globos E a G

A seguir podemos resumir o trabalho dos Criadores. No Globo *A* eles produzem sete formas arquetípicas para cada reino; no Globo *B* multiplicam as formas, possuindo estas o que é essencial de cada arquétipo; no Globo *C* as formas são densificadas; no Globo *D* são revestidas de matéria ainda mais densa; no Globo *E* elas se tornam mais complexas e ligeiramente mais refinadas; no Globo *F* são construídas de matéria ainda mais fina; e no Globo *G* são aperfeiçoadas. Assim laboram os *Pais*, e esse é o método em cada Ronda, embora na primeira eles apenas aglomerem a matéria em torno deles próprios e permaneçam nela para assimilá-la. Em cada plano eles somente usam para o seu trabalho a matéria dos quatro subplanos superiores ..

Progressão Geométrica

Enquanto os *Pais Possuidores do Fogo* trabalham em cada Globo, as Mônadas provenientes da Cadeia Lunar chegam à Cadeia Terrestre e penetram nas formas que os *Pais* modelam e abandonam. Fluindo da Lua, elas passam primeiro pelos reinos elementais, depois pelos minerais e sucessivamente pelos outros. As sete classes de Mônadas estão em diferentes estágios de evolução e por isso os seus poderes também são de graus diferentes.

Algumas, as mais jovens, tiveram na Cadela Lunar apenas o leve toque de vida sensível; outras passaram pelos reinos primitivos e chegaram aos tipos de formas lunares animais. Essa diferença de crescimento, e de evolução da consciência, tem um efeito notável. Quanto mais evoluída for a Mônada, mais rapidamente progredirá através dos reinos das formas. Por isso, um claro cada vez maior divide as diversas classes em evolução. As menos evoluídas ficam cada vez mais para trás, devido ao mais rápido progresso das mais desenvolvidas. Talvez possamos simbolizar - somente simbolizar porque a diferença é de 1/7 de retardamento em cada classe - se pensarmos na maneira aritmética de aumento por adição ou por exponenciação. Suponhamos que começamos com 3 e continuamos somando 3: teremos 3, 6, 9, 12. Isto poderia ser tomado como símbolo de uma razão de progresso. Suponhamos agora que a progressão seja geométrica: 3, 9, 27, 81. A primeira progressão nos deu 12, no quarto termo; a segunda progressão deu 81, no quarto termo. A diferença de total é causada pela diferença da razão de progressão. Coisa semelhante ocorre com o progresso das Mônadas procedentes da Lua. Assim, quando a primeira classe alcançou o mais ínfimo dos estágios da forma humana suborgânica, tendo percorrido quarenta e três tipos de formas, a última havia percorrido somente um estágio, o estágio mais baixo dentre os sete do primeiro reino elemental. A primeira caminha sete vezes mais depressa do que a última. No fim da primeira Ronda: a primeira classe das Mônadas vindas da Lua havia percorrido quarenta e nove estágios de evolução das formas: sete estágios em cada um dos sete reinos. A última, a sétima classe, durante o mesmo tempo, havia somente percorrido os sete estágios do primeiro elemental. Durante as Rondas seguintes a primeira classe, tendo já passado todos os estágios dos reinos inferiores, entra diretamente para o reino humano. Terminada a primeira Ronda, sobrevém o Pralaya - o repouso durante idades, até que recomeça o trabalho de construção de formas.

A Segunda Ronda

A segunda grande classe de *Pais Possuidores do Fogo* assume o trabalho no início da segunda Ronda. Eles trazem os arquétipos das formas vegetais ao Globo *A*, tornam essas formas concretas no Globo *B*, fazem-nas mais densas no *C* e conduzem-nas ao primeiro contato com a matéria física no *D*. Os germes animais e humano permanecem na atmosfera circundante. Todos progridem. Os embriões humanos que, na primeira Ronda possuíam estranha aparência cristalina semelhante à do reino mineral, estendem-se agora em longos filamentos, como se fossem plantas ou árvores gigantescas, irreconhecíveis como seres humanos, embora o embrião humano continue a apresentar, em uma fase do seu crescimento, a marca de "reino vegetal. Em todos os corpos da terceira Ronda são construídas partículas gasosas, pertencentes ao terceiro subplano de matéria.

D. S.¹ I 260 e D. S.⁴ I 303: "A Segunda Ronda traz à manifestação o segundo Elemento: o AR".

A Terceira Ronda

Passamos à terceira Ronda onde os mundos, embora ainda etéreos e luminosos, já são muito mais densos. Esta Ronda pertence aos animais. A ela preside a terceira grande classe dos *Pais Possuidores do Fogo*. Eles fazem descer os arquétipos dos animais ainda embrionários e para eles elaboram formas concretas. O trabalho de densificação continua. No Globo D as formas apresentam contorno mais evidente e definido. Os embriões humanos continuam na atmosfera, acrescidos em número com os que vieram da segunda Ronda. Eles assumem a aparência de animais, repelentes aos nossos olhos, imensas criaturas simiescas, com o selo do reino animal neles profundamente impresso. O embrião humano, ainda hoje exhibe esse estágio do seu crescimento, na vida pré-natal. Todos os corpos desta Ronda possuem partículas de água, representativas dos segundos subplanos.

D. S.¹ I 260 e D. S.⁴ I 304: "*A terceira Ronda desenvolveu o terceiro Principio: a ÁGUA*".

A Quarta Ronda

A quarta Ronda principia. A quarta classe de *Pais Possuidores do Fogo*, os mais densos de todos, os primeiros que se apresentam com um corpo etérico, começam o seu trabalho trazendo ao Globo A os arquétipos humanos: esplêndidas e belas formas mostrando como os homens são e como serão no futuro, porque os arquétipos de todas as sete raças estão presentes. As raças sexta e sétima sobressaem, radiantes de esplendor e beleza, deixando adivinhar o que serão os tipos desenvolvidos das Raças e Rondas que ainda estão contidas no futuro. Descendo vagarosamente, de Globo em Globo, as formas multiplicam-se, densificam-se e, finalmente, tocam terreno firme" o quarto Globo, nossa Terra. muito diferente da Terra como, a conhecemos hoje, mas, ainda assim, nossa Terra; então podemos respirar fundo, após o longo voo pelo espaço.

D. S.¹ I 260 e D. S.⁴ I 304: "*A quarta (Ronda) mudou os fluidos gasosos e as formas plásticas do nosso Globo na esfera de material pesado e na dura crosta em que vivemos. A Terra desenvolveu o quarto Principio:*"

D. S.¹ II 715 e D. S.⁴ IV 283: "*De acordo com a Doutrina Esotérica a sedimentação começou na presente Ronda, aproximadamente há 320.000.000 de anos passados.*"

A Terra na Quarta Ronda

Tendo chegado à Terra e respirado, contemplemo-la por um momento. É um mundo estranho, de agitação terrível com gigantescas convulsões da Natureza, onde se ouve o desmoronar de cumes de montanhas, o troar dos vulcões expelindo lava candente, o arremesso de ondas gigantescas carregadas de rochas, e avalanchas de lavas precipitando-se em vagas turbulentas, balançando massas do tamanho de montanhas como se

fossem brinquedos; fogo irrompendo por todos os lados, tempestades, ventanias e tornados - uma vastidão de turbulência e agitação negando a possibilidade de existência de alguma forma de vida. Na quarta Ronda a Terra parece uma miniatura da primeira com a diferença de que a maior densidade da matéria torna o tumulto e o troar mais terríveis do que nos mundos etéreos da primeira Ronda. Também aqui o fogo parece ser o agente dominante, furioso e turbulento. Tais convulsões continuam, "sem interrupção, por vinte crores.... "(200.000.000) de anos, depois do que elas se tornam periódicas, com longos intervalos". Os *Pais* estão presentes, dominando a agitação convulsa da matéria.

Trezentos milhões de anos se passam nessa quarta Ronda, no Globo *D*, e os Espíritos da Natureza se ocuparam com a formação dos minerais, vegetais e animais das espécies inferiores,

D. S.¹ II 52, 68 e D. S.⁴ III 63, 78: "A Roda girou por trinta crores (de anos, ou 300.000.000). Ela construiu formas: pedras macias que endureceram; plantas duras que amoleceram (vegetação). O invisível se tornou visível, insetos e pequenas vidas (serpentes). Ela (a Terra) sacudiu-as do seu dorso sempre que sobrecarregaram a mãe. Depois de trinta crores de anos, ela girou. Repousou sobre as costas; virou-se de lado... Ela não chamaria os filhos do Céu, não apelaria para os filhos da Sabedoria. Ela criou do seu próprio seio. Desenvolveu homens aquáticos, terríveis e maus." "Os reinos mineral, vegetal, animal e humano (astral) (1) levaram 300.000.000 de anos para evoluir."

(1) Blavatsky muitas vezes empregou a palavra "astral" no sentido em que a moderna nomenclatura teosófica usa "etérico".

No meio das grandes convulsões telúricas eles (os Espíritos da Natureza) tomaram as cascas vazias, restos da terceira Ronda, abandonadas quando a onda de vida deixou o Globo *D*, e procuraram modelá-las em novos organismos vivos. Dessa tentativa resultaram estranhos monstros híbridos, misturas de toda a espécie, meio homens e meio animais. As mais extravagantes formas de répteis aparecem no meio do fogo, vapores e nuvens, produzidas pelas "mãos de aprendiz da Natureza", diria a Ciência. Nós, porém, as vemos como a obra dos Deuses inferiores - os Espíritos da Natureza - desassistidos pelo poder orientador dos Senhores da forma. Quando os Senhores chegaram para verificar se a Terra estava pronta para a criação do homem, na proximidade do término das grandes convulsões, todas essas formas inferiores foram exterminadas e a Terra permaneceu como um vasto oceano ondulante de águas tépidas, vazia de habitantes, a crosta sólida escondida sob um deserto líquido.

D. S.¹ II 55, 57 e D. S.⁴ III 65, 67: "Os homens aquáticos, terríveis e maus, ela própria (a Mãe Terra) os formou dos restos de outros (dos remanescentes dos minerais, vegetais e animais), formou-os da escória e do lodo de suas primeira, segunda e terceira (Rondas). As Inteligências chegaram e olharam. As Inteligências provenientes do Pai-Mãe luminosos (solares-lunares), vindos das brancas regiões onde moram os Mortais-Imortais"... "Ficaram descontentes: Nossa carne, disseram, não está aí. Estas formas não são apropriadas para os nossos irmãos da Quinta. As 'Vidas não podem habitá-las. Elas devem beber água pura, e não turva. Sequemo-las (as águas)".

Aparece gradualmente, num ponto, a primeira terra. É o pico do Monte Meru; é o topo do Polo Norte, a primeira Visão da Terra Sagrada Imperecível: Terra Santa, Terra dos Deuses, também denominada a Ilha Branca, a Terra Central e, às vezes, a Ilha Rosa-Maçã, nome da Terra em conjunto. Os Parsis chamam-na *Airyana Vaejo* e afirmam que foi o berço do seu grande profeta Zaratustra. O Monte Meru, o eixo do globo, embora emergente no Polo, tem suas raízes fortemente ancoradas na cadeia do Himalaia, O "cinturão da Terra".

D. S.¹ II 6, 400 e D. S.⁴ III 19, 399: "A Terra Sagrada Imperecível. A razão deste nome é ter a Terra Sagrada escapado à sorte dos outros continentes, que foram destruídos; ela é a única cujo destino é durar do principio ao fim da evolução de cada Ronda. Foi o berço do primeiro homem, e será a morada do último mortal, tornado divino, e escolhido para ser a Semente das sementes de humanidades futuras." "Nos começa da vida (humana) a única terra enxuta estava bem no fim da esfera (o Polo Norte), no lugar em que (o Globo) é imóvel. É afirmado no Ocultismo que a terra ou ilha que coroa o Polo Norte qual uma calota será a única a perdurar durante toda a evolução de nossa Ronda. A Terra inteira em um vasto deserto de águas, e as águas eram mornas. Ai nasceu o homem, em sete zonas da imortal, da indestrutível (através) da evolução... É no cinturão da morada dos homens (a Terra) que está escondida a saúde e a vida de tudo o que respira e vive... Era o cinturão, o sagrado Himalaia, que se alonga abraçando o mundo... O Ocultismo aponta a cadeia do Himalaia como sendo o cinturão e afirma que ela contorna o mundo, sobre ou sob as águas. O umbigo é situado para o lado do sol poente, a oeste do Himalaia, no lugar em que se prendem as raízes do Meru, montanha que fica ao norte do Himalaia. Meru não é a montanha fabulosa situada no umbigo, no centro da Terra, porém as suas bases estão enraizadas nesse centro, embora o próprio Monte esteja situado muita ao norte. Essa é a sua conexão com a Terra central que nunca morre."

Lentamente a terra emerge das ondas intumescidas do globo de águas tépidas e, como um lótus de sete pétalas, tendo como centro o Monte Meru, situado no Polo, sete grandes promontórios de terra emergem nas extremidades de *Pushkara*, como às vezes se diz, embora tal nome pertença propriamente ao sétimo continente. Os promontórios e seu centro formam a Terra Imperecível. Todas as (grandes) raças; cada uma por seu turno, nascem nessa Terra, não importando onde depois possam estabelecer-se. Ela é o berço de cada uma das Raças, todas sob o governo do Senhor da Estrela Polar. "A Estrela Polar sobre ela mantém o seu olho vigilante, da aurora ao crepúsculo de um Dia do Grande Alento." (1) (1). A. Besant - "O Homem, Onde e Como Veio e Para Onde Vai": "O uso dos símbolos ocultos iludiu os leitores de A Doutrina Secreta (talvez a própria autora) levando-os a confundir o *Polo* e a *Estrela* mencionados no 'Comentário Oculto' com o Polo Norte e a Estrela Polar. Eu cometi o mesmo engano no meu livro 'A Genealogia do Homem'."

A terra aparece e está pronta para receber seus habitantes. O clima é de maravilhosa primavera, e uma "Voz" soa, a Voz poderosa dos Senhores que são os Governantes Supremos.

Ouçamos o magnífico ritmo das *Stanzas* do *Livro da Sabedoria*:

"Os Grandes Senhores chamaram os Senhores da Lua de Corpos Etéreos: Criai homens, homens da vossa natureza. Dai-lhes as formas interiores. Ela (a Mãe Terra, ou Natureza) os proverá de coberturas externas. Eles serão machos-fêmeas. Também os Senhores da Chama"... Eles (os Deuses Lunares) foram para as suas respectivas terras, sete em número, cada um para o seu pedaço. Os Senhores da Chama deixaram-se ficar. Eles não iriam, eles não criariam. As sete hastes de Senhores da Vontade (nascidos da Mente) impulsionados pelo Espírito que dá Vida, deles mesmos tiraram os homens, cada um em sua própria zona. Sete vezes, sete sombras de futuros homens (sem mente) nasceram, cada uma da cor e espécie do Pai, porém inferior a Ele. Os Pais, Os Sem Ossos, não poderiam dar vida a seres com ossos. Sua progênie era de fantasmas sem forma e sem mente. Por isso foram chamados as Imagens, ou Raça de Sombras."

Existem quatro classes de Mônadas Lunares prontas para a encarnação humana, e os *Pais Possuidores do Fogo* descendo ao nosso Globo, na Terra Imperecível, dos seus próprios corpos etéricos, separaram uma sombra, uma semente de vida, contendo a potencialidade de se desenvolverem em forma humana. São imensas, filamentosas, assexuadas: fantasmas vazios flutuando na densa atmosfera e nos mares fumegantes.

D. S.¹ II 102 e D. S.⁴ III 104: "Como nascem os (verdadeiros) homens? Como foram criados os homens dotados da mente? Os Pais pedem ajuda ao seu próprio fogo, que é o fogo que arde na Terra. O Espírito da Terra apelou para o fogo Solar (o Espírito do Sol). Do esforço reunido dos três (os Pais e os dois fogos) resultou uma boa forma. A forma podia ficar parada, caminhar, correr, deitar-se e voar. Entretanto, era apenas uma sombra, sem nenhuma percepção... Tal era o homem primitivo quando apareceu: apenas um fantasma. Essa criação foi um fracasso."

As formas de matéria etérea, vagam e flutuam ao acaso, enormes, imprecisas, protistas (1), mutáveis, contendo as sementes de todas as formas de evoluções precedentes, recolhidas pelos *Pais*. Sua cor era semelhante à da Lua, amarelo claro de matizes vários. Na quarta classe de *Pais*, que assim deu a semente para moldagem da forma para a sua progênie - o homem físico - havia, conforme já vimos, sete subclasses, cada uma das quais povoou um dos sete promontórios: "Sete deles, cada um em seu pedaço... deles próprios separaram homens, cada um em sua região." Mas surge a frase: "Sete vezes sete sombras nasceram", e a pergunta naturalmente ocorre: "Por que sete vezes sete?" É que as classes de *Pais* não apenas possuíam as sete subclasses representativas de graus diferentes de desenvolvimento, como cada grau sucessivo de evolução apresentava os sete tipos de que falamos antes (os Sete Raios), daí as "sete vezes sete". As Mônadas provenientes da Lua, também apresentando os vários graus de evolução mencionados, não poderiam encontrar guarida em um único tipo de formas. De acordo com os estágios alcançados pelas quatro classes respectivamente nas três e meia Rondas precedentes, havia necessidade de muitas formas, de diferentes espécies e coloração, permitindo ampla seleção, para que tivesse cada *Mônada* o seu tabernáculo apropriado. As quarenta e nove

ordens forneceram as necessárias condições.

(1). Formas primitivas que tanto podem ser vegetais como animais.

As formas protistas projetadas dos etéreos corpos dos progenitores - como um duplo etérico pode ser observado projetando-se do lado de um médium - constituíram a primeira Raça humana. "Humana?" poder-se-ia perguntar. "Como podem ser humanas essas estranhas formas indefinidas e dispersas, feitas de um fluido viscoso, como os fabulosos *Bathybius* ("Seres protoplasmáticos, gelatinosos que vivem em grandes profundidades oceânicas, entre 900 a 9.000 metros. A denominação é de Huxley." D. S.). "Por que chamá-las humanas?" Porque chamamos humano o primeiro aglomerado de células fetais, na matriz materna, tão diferente da forma humana? Por que lhe damos o nome de embrião *humano*? Porque nessa forma não-humana o futuro homem está evoluindo, e o desenvolvimento resultante dele não poderá ser outra coisa senão um homem. Portanto, embora a aparência ainda não seja humana, embora apenas se trate de um embrião, ainda assim chamamos essa forma de *humana*, porque a Mônada ligada a ela atingiu o estágio humano, e a denominação indica a vida interior e não a aparência externa. Consequentemente, dizemos que a Primeira Raça humana aí está presente.

As enormes formas movem-se sem direção, insensíveis e inertes. Permanecendo no nível espiritual, a consciência somente afeta muito levemente os corpos toscos, que apenas vagamente mostram diminuta reação auditiva e consciência do fogo. As consciências que pairam sobre essas formas são tão elevadas que, às vezes, são chamadas a *Raça dos Deuses*. A Primeira Raça também é conhecida como os *Filhos da loga* - porque os *Pais* projetaram as formas quando imersos em meditação ióguica - e, ainda, os *Nascidos de si mesmos*, por não terem tido pais humanos. Eles são representados pelo segundo Adão das Escrituras judaicas. Os *Pais* lhes deram as próprias sombras etéricas; animaram-nos com o seu fogo elétrico, galvanizando-os para as atividade; o sol ajudou na tarefa enviando os seus raios vivificantes em resposta ao clamor por auxílio do Governante dos Espíritos da Natureza: "Os três, com os seus esforços reunidos, produziram uma boa forma que podia permanecer de pé, caminhar, correr, deitar-se e voar. Ainda assim não era mais do que um fantasma sem entendimento". O planeta governante da Primeira Raça é o Sol, ou antes, o planeta místico Urano, que o representa.

D. S.¹ 1129 e D. S.⁴ III 42: "*A Primeira (Raça) nasceu sol o Sol.*"

Métodos de Procriação

A multiplicação desses seres se fazia por fissão ou por excrescência, as únicas formas de reprodução possível para eles, como acontece ainda hoje com os protistas, os seres que mais se lhes assemelham fisicamente. Eles cresciam expandindo-se em tamanho e, em seguida, dividiam-se. A princípio em duas partes iguais, posteriormente em porções desiguais, sendo a prole menor do que eles, crescendo depois para, a seu turno, dividirem-se. Um estudo da ameba e da hidra tornará claros esses métodos.

D. S.¹ III 173 e 174: "*A ordem progressiva dos métodos de reprodução revelada pela*

Ciência é uma confirmação brilhante da Etnologia Esotérica. 1) Fissão: a) Como se vê na divisão em duas da massa homogênea de protoplasma da Mônica, ou Ameba. b) Como nas células nucleadas, onde o núcleo se divide em dois subnúcleos, a partir dos quais duas células se desenvolvem. 2) Excrescência: uma pequena parte da estrutura se projeta na superfície do organismo de origem e depois se desprende, crescendo até ao tamanho do primeiro. Ex.: muitos vegetais, a anêmona marinha, etc. 3) Sporos: uma simples célula expelida pelo organismo progenitor, que se desenvolve num organismo multicelular e reproduz as suas características. 4) Hermafroditismo: órgãos masculinos e femininos coexistindo no mesmo organismo. 5) Verdadeira união sexual, no final da Terceira Raça-Raiz."

É impossível definir as sub-raças na Primeira Raça, mas apenas se podem notar sete estágios de crescimento ou mudanças evolutivas. Não existiu a morte para os elementos da Primeira Raça: "nem o fogo, nem a água podiam destruí-los". O fogo era o seu elemento e da água eles não tinham consciência. Quando chegou o tempo do aparecimento da Segunda Raça-Raiz, os Espíritos da Natureza construíram em torno das sombras partículas de matéria mais densa, formando uma espécie de casca rígida externa, e "o que era exterior na primeira passou a ser o interior na segunda". Desse modo, imperceptivelmente, a Primeira Raça desapareceu na Segunda, e a sombra que constituía o indivíduo completo na Primeira, tornou-se o duplo etérico da Segunda.

D. S.¹ II 138 e D. S.⁴ III 146: *"A Primeira Raça-Raiz - a Sombra dos Progenitores - não podia ser ferida, nem ser destruída pela morte. Sendo tão etérea, e de constituição tão pouco humana, não podia ser afetada por nenhum elemento - inundações ou fogo. Porém os seus Filhos podiam e foram destruídos. Assim como os Progenitores estavam por completo imersos nos corpos astrais (etéricos) que eram a sua progênie, assim também essa progênie foi, por sua vez, absorvida pelos próprios descendentes os Nascidos do Suor. Os últimos constituíram a Segunda Humanidade: os mais heterogêneos e gigantescos monstros semi-humanos, a primeira tentativa da natureza material na construção de corpos físicos."*

D. S.¹ II 121 e D. S.⁴ III 192: *"Quando a Raça envelheceu, as velhas águas misturaram-se com as novas; quando suas gotas se tornaram turvas, apagaram-se e desapareceram na nova corrente, a corrente quente da vida. O exterior da primeira tornou-se o interior da segunda. A asa antiga tornou-se a nova sombra e a sombra da (nova) asa (ou veículo). A velha (Primitiva) Raça mergulhou na Segunda Raça e tornou-se uma com ela. Esse foi o processo misterioso da transformação e evolução da humanidade. O material das primeiras Formas - indistinto, etéreo e negativo - foi atraído e absorvido pelas Formas da Segunda Raça, tornando-se o seu complemento. O comentário explica o fato dizendo que, sendo a Primeira Raça composta simplesmente das formas etéricas dos progenitores, e não possuindo um corpo físico próprio, não podia morrer. Os seus homens, gradualmente se fundiram com os corpos muito mais sólidos dos chamados Filhos do Suor, produzidos por eles próprios. As velhas formas sumiram nas novas, foram absorvidas por elas, que eram mais humanas e mais consistentes. Não havia morte nesse tempo, ainda mais feliz do que a Idade de Ouro. O material paterno foi usado para a formação do novo ser, para formar o Corpo e também os Princípios internos, ou inferiores, ou Corpos da descendência. Quando a Sombra se retira, isto é, quando o Corpo Astral (duplo etérico) é encoberto pela carne, que é*

mais sólida, o homem possui um Corpo Físico. A Asa ou Forma etérica, que produziu sua Sombra e Imagem, torna-se a Sombra do Corpo Astral (etérico) da sua própria progênie."

O Continente Hiperbóreo

Durante as eras cuja extensão se desconhece e em que viveu a Primeira Raça, a terra estava se acomodando em condições mais calmas, e os cataclismos eram locais, não mais generalizados. Lentamente apareceu mais terra na superfície do deserto líquido, alongando-se além dos promontórios do continente inicial, formando imensa ferradura na área que hoje é o norte da Ásia e alcançando a Groenlândia e o Kamschatka, limitada ao sul por um grande mar que rolava onde o deserto de Gobi atualmente estende suas vastidões de areia. Spitzbergen estava nesse continente, assim como a Suécia e a Noruega. as Ilhas Britânicas e a baía de Baffin, então terra seca. incluindo as ilhas lá existentes hoje. No clima tropical, luxuriante e rica vegetação vestia as planícies ensolaradas. Não .devemos ligar o nome Hiperbóreo às conotações que hoje possui porque era, então, uma terra alegre e radiosa, cheia de exuberante vitalidade. Somente muito mais tarde a terra foi varrida de seus habitantes devido à mudança de clima. Muitos cataclismos a fragmentaram e uma ideia de desolação associou-se ao seu nome.

D. S.¹ II 7, 401 e D. S.⁴ III 20, 400: "Hiperbóreo foi o nome escolhido para o Segundo Continente, a terra que estende os seus promontórios do Polo Norte em direção ao sul e ao oeste, compreendendo toda a parte norte da Ásia de hoje. Ela foi preparada para abrigar a Segunda Raça. A terra dos Hiperbóreos, que ultrapassava Boreas, o Deus de coração de gelo das nevadas e das ventanias... era, na verdade, um continente, um.a terra bona-fide que, naqueles dias primeiros, não conhecia inverno. Ainda hoje, os seus tristes restos não têm mais do que um dia e uma noite, no correr no ano inteiro. As sombras noturnas nunca a envolviam, porque era a Terra dos Deuses, morada favorita do Deus da Luz, e seus habitantes eram os seus amados sacerdotes e servos." "Durante a Segunda Raça mais terra se levantou de sob as Águas, e começando, em ambos os hemisférios, na linha que fica acima da extremidade norte de Spitzbergen, na projeção de Mercator, do nosso lado. No lado americano ela pode ter incluído as localidades agora ocupadas pela Baía de Baffin, e as ilhas e promontórios vizinhos. Naquela parte o continente apenas atingiu 700 de latitude em direção ao sul. Do nosso lado formou-se o continente em forma de ferradura, mencionado no comentário. Uma das extremidades da ferradura incluía a Groenlândia, com um prolongamento que corta o paralelo 50 um pouco para o sudoeste; a outra incluía o Kamschatka, unindo-se as duas no que hoje é a orla nórdica das costas oriental e ocidental da Sibéria."

A Dourada Segunda Raça

Como vimos, a Segunda Raça aparece e, durante sua existência, exhibe dois tipos distintos, correspondendo ligeiramente à consciência da Alma. A dualidade é a

característica da Alma. A Segunda Raça possui dois sentidos: ouvido e tato e tem consciência do fogo e da água, como já foi assinalado quando estudamos a evolução monádica. Os integrantes dessa Raça são chamados os filhos do Sol e da Lua, "o Pai amarelo e a Mãe branca", quer dizer, do fogo e da água. Eles nasceram sob o planeta Júpiter. Sua cor era um amarelo dourado que, às vezes, brilhava quase alaranjado, outras vezes em tons pálidos de limão. As formas, assim alegremente coloridas, assumiam aspectos heterogêneos, de árvores, ou tipos de animais, ou delineados semi-humanos. Elas deslizavam, flutuavam, subiam, derivavam, chamando umas às outras com gritos aflautados, através das esplêndidas florestas tropicais de verde brilhante, com trepadeiras recamadas de flores deslumbrantes: o esplendor da Natureza em sua exuberante juventude, num quadro de magníficos tons, pleno de vida, movimento, linhas e cores tiradas de vívida paleta e pintado por mão de gigante.

Dois tipos principais aparecem, como dissemos, na Segunda Raça: um no começo e outro mais para o fim. No primitivo não há indício de sexo. As formas são assexuadas e se reproduzem como as da Primeira Raça; porém, à medida que se tornam mais consistentes, revestindo-se de cascas cada vez mais espessas pela adição de partículas sólidas, aquele modo de reprodução torna-se impossível. Pequenos corpos - figurativamente chamados *gotas de suor* - formam-se sobre elas, lembrando o suor na pele humana: viscosos, opalescentes, que gradualmente endurecem, crescem e assumem formas várias.

D. S.¹ II 116 e D. S.⁴ III 124-6: "A Segunda Raça foi gerada por brotação e por expansão: formas (assexuadas) provenientes das (sombras) sem sexo. 'Assim, ó Discípulo, foi produzida a Segunda Raça'. A parte que levantará mais objeções das doutrinas científicas será essa raça, a assexuada, chamada Nascida do Suor. A palavra usada na Estância é brotação. Como poderiam as Sombras reproduzir-se, sendo etéricas e assexuadas, e até mesmo desprovidas do corpo de desejo, que somente apareceu na Terceira? Eles produziram a Segunda Raça inconscientemente, como fazem as plantas. Ou como procede a ameba, embora fossem mais etéreos e agissem em maior e mais impressionante escala. Ao chegar a época da procriação, o sub-astral projeta uma miniatura de si mesmo, tirada do ovoide áurico que o envolve. Esse germe cresce alimentando-se da aura até estar completamente desenvolvido, quando então se desprende da forma progenitora, levando consigo a sua própria esfera de aura, exatamente como as células vivas reproduzem a sua espécie por crescimento e subseqüente divisão em duas."

Lembremos que foi dito nos *Purânas*: todas as raças nasceram dos poros da pele de seus ancestrais. Lembremo-nos de como *Virabhadra*, enviado por *Mahâdeva* para interromper o sacrifício de *Daksha*, produziu miríades de formas estranhas dos poros de sua pele. Muitas alusões a esse modo de reprodução são encontradas nas narrativas purânicas, que poderemos compreender melhor depois do estudo da parte física do homem. No decorrer do tempo, indícios dos dois sexos começam a aparecer nos *Nascidos do Suor* da Segunda Raça, que são, então, mencionados como *andróginos latentes*. Quando estudamos o desenvolvimento dos reinos inferiores, deparamo-nos com todos esses estágios da Natureza, na época atual, e podemos concluir como os Espíritos da Natureza trabalham guiados sempre por um mesmo plano, sem cessar modificado nos detalhes, mas

persistente no princípio geral. Dos germes expelidos por essa Segunda Raça de "homens", desenvolveu-se, aos poucos, o gênero dos mamíferos com toda a sua imensa variedade de tipos. Os animais abaixo dos mamíferos foram formados pelos Espíritos da Natureza, a partir dos tipos elaborados na Terceira Ronda, ajudados, por vezes, pelas emanções humanas.

D. S.¹ II 180 e D. S.⁴ III 187: *"Das gotas de suor, dos resíduos da matéria de corpos mortos de homens e animais da roda anterior (a precedente Terceira Ronda), de poeira remanescente, foram produzidos os primeiros animais (dessa Ronda). A Doutrina Oculta afirma que os mamíferos apareceram depois do homem, na Quarta Ronda."*

O Continente Lemuriano

Enquanto isso, a Terra muda lentamente: "A grande Mãe laborou sob as vagas... para a Terceira (Ronda) ela trabalhou mais duramente, e sua cintura e seu umbigo apareceram acima da linha d'água. Era o *Cinturão*, o Himalaia sagrado, que se alonga rodeando o mundo." O imenso mar ao sul do Hiperbóreo cobria o deserto de Gobi, o Tibete e a Mongólia. Dessas águas sulinas emergiu o Himalaia. Gradativamente a terra começou a surgir ao sul, estendendo-se a partir do sopé da cadeia do Himalaia em direção ao Ceilão, Sumatra, a longínqua Austrália, a Tasmânia e a Ilha de Páscoa. Para o lado ocidental, Madagascar e parte da África emergiram. Tomando do continente precedente a Noruega, a Suécia, a Sibéria ocidental e a oriental, e o Kamschatka, apareceu um vasto continente, a enorme Lemúria, - berço da Raça que desenvolveria a inteligência. Na história antiga ele é chamado *Shalmali*.

D. S.¹ II 7, 324 e D. S.⁴ III 20, 323: *"Propomos chamar Lemúria ao Terceiro Continente. Este nome é invenção, ou ideia, do Sr. P. L. Sela ter que, entre 1850 e 1860, baseado em pesquisas zoológicas determinou a existência, em eras pré-históricas, de um Continente que se estendia de Madagascar ao Ceilão e Sumatra. Ainda compreendia parte do que hoje é a África. Era um Continente gigantesco. Cobria o Oceano Indico até a Austrália e se alongava pelo Pacífico onde atualmente jaz submerso deixando apenas aparecerem os seus Picos mais altos, que se transformaram em ilhas."* "A Lemúria, como chamamos ao Continente da Terceira Raça, era uma terra imensa. Separada Pelos Himalaias do mar interior, que rolava suas águas sobre o atual Tibete, a Mongólia e o grande deserto de Shamo, ela cobria toda a área que começa junto às montanhas, indo para o oriente até Assam. Dai se estendia para o que hoje conhecemos como o sul da Índia, Ceilão e Sumatra, abrangendo Madagascar à direita e a Austrália e Tasmânia à esquerda e penetrando alguns graus no Círculo Antártico, Da Austrália, então região interiorizada no continente, continuava pelo Pacífico, para além de Rapa-nui (Teapy, ou Ilha de Páscoa), localizada na latitude 26 S. da longitude 110 W."

No decorrer das idades, o vasto continente sofreu muitos cataclismos e se fragmentou em grandes ilhas. Explosões vulcânicas, fortes terremotos, de tempos em tempos arrancavam enormes secções da massa gigantesca. A Noruega, lentamente desaparece. Antes do Período Terciário, 700.000 anos antes de começar o Eoceno do Terciário, houve uma grande explosão de fogos vulcânicos; abriram-se fendas no solo oceânico e a Lemúria,

como Lemúria, desapareceu, dela restando apenas fragmentos como a Austrália e Madagascar - marcos de sua história. A Ilha de Páscoa afundou-se e reemergiu.

D. S.¹ II 433, 313 e D. S.⁴ III 413, 314: *"Diz um Mestre (Cartas dos Mestres): 'No Período Eoceno, mesmo em sua primeira parte, o grande ciclo da (mistura da Terceira e) Quarta Raça de homens, os Lemuroro-Atlantes, haviam já atingido o pináculo (de sua civilização) e o grande continente, o pai de quase todos os continentes atuais, apresentava os primeiros sintomas de afundamento.' A Atlântida, em conjunto, pereceu durante o Mioceno. Para mostrar como os continentes, raças, nações e ciclos sobrepõem-se uns aos outros, basta considerar a Lemúria, cuja última fração desapareceu 700.000 anos antes do início do período Terciário..." "Diz-se que a Lemúria pereceu cerca de 700.000 anos antes do começo do que chamamos hoje a idade Terciária (o Eoceno)."* (1)

(1). [De acordo com a D. S.¹ II 710 e D. S.⁴ IV 270, isso teria acontecido pelo menos há 7.360.000 + 1.600.000 = 10 milhões de anos passados. Mas, segundo a D. S.¹ I 439 e D. S.⁴ II 157 isso foi, apenas, há mais ou menos 4 milhões de anos. (A. A.)] "A Ilha de Páscoa, parte de um continente sepultado sob o mar há quatro milhões de anos ... A Terceira Terra (Lemúria) estava com o seu destino cumprido após a *separação* (dos sexos) e mergulhou nas profundidades (do oceano). Esse acontecimento teve lugar há duas vezes oitenta e dois *anos cíclicos* passados. Ora, um *ano cíclico* corresponde a *um ano sideral* que se baseia na precessão dos equinócios. contando assim 29.868 anos cada um. O total é, portanto, igual a. 4.242.352 anos".

Durante a existência da Lemúria, mais ou menos na metade do seu desenvolvimento racial, teve lugar uma grande mudança de clima que dizimou os remanescentes da Segunda Raça, juntamente com a sua progênie, a Terceira Primitiva. "O eixo da roda inclinou-se. O Sol e a Lua deixaram de brilhar sobre as cabeças dessa parte dos *Nascidos do Suor*; a população conheceu a neve, o gelo, a geada; e os homens, as plantas e os animais diminuíram de tamanho" (Comentário sobre a "Doutrina Secreta"). As cores exuberantes dos trópicos empalideceram ao sopro do Rei-Gelo; começaram os dias e noites polares com a duração de seis meses e, por algum tempo os remanescentes do Hiperbóreo constituíram uma população escassa. Para além deles, na região polar, a imperecedoura Terra Sagrada continuava a sorrir.

A Gigantesca Terceira Raça

Como se poderia esperar, por analogia, a Terceira Raça produziu três tipos perfeitamente distintos que chamaremos Primitivo, Médio e Tardio Terceiro. Assim como a Primeira Raça, em contato com o Espírito, foi uma unidade e a Segunda, em contato com o Espírito e a Alma, uma dualidade, assim também a Terceira, em contato com o Espírito, a Alma e a Mente, exibiu uma triplicidade.

No primeiro tipo, o Primitivo da Terceira, o modo de reprodução era similar ao do último da Segunda - a extrusão de corpos macios e viscosos, o *suor* -, esses corpos endureceram no decorrer da segunda sub-raça: "as gotas tornaram-se sólidas e redondas. O Sol aqueceu-as, a Lua refrescou-as e deu-lhes forma, e o vento alimentou-

as até chegarem à maturação" (Doutrina Secreta - Estâncias). Os corpos macios, pouco a pouco, desenvolveram uma casca e assumiram a forma ovalada - *o ovum* - que desde então, até mesmo nos dias presentes, é a sede natal do germe. A forma, mais humana em seus contornos, e potencialmente andrógina, ficava dentro do ovo durante os primeiros estágios de crescimento. A Primitiva da Terceira inclui duas sub-raças, a primeira das quais, ainda nascida do suor, apresentava vagos prenúncios de sexo. A segunda sub-raça também nasceu do suor, mas desenvolveu criaturas nitidamente andróginas, de tipo definidamente humano, tendo a camada externa do envoltório mais consistente. Elas são denominadas *Filhos da loga Passiva*, por se mostrarem completamente alheios aos objetos externos. Na terceira sub-raça - a Média da Terceira - apareceu um tipo diferente: a nova criatura se desenvolvia dentro do envoltório, já agora uma casca, e possuía órgãos dos dois sexos; quando a casca se partia, o nascituro estava plenamente desenvolvido - como o pinto que sai do ovo, em nossos dias - podendo andar e correr. Eles eram os hermafroditas de quem tornaremos a falar, em breve, por terem servido de veículo aos *Senhores da Sabedoria*; na quarta sub-raça a reprodução continuou a se fazer por meio do ovo, mas, no tipo em desenvolvimento, um dos sexos começou a predominar sobre o outro até que finalmente, ao sair do ovo, a criatura possuía um sexo definido. Com a continuação do processo os recém-nascidos tornaram-se cada vez mais dependentes e no final da quarta sub-raça não mais eram capazes de caminhar ao emergir do envoltório protetor. O embrião humano em desenvolvimento, ainda hoje, repete todos esses estágios: a forma amebóide da Primeira Raça, a filamentosa da Segunda, a assexuada da primeira secção da Terceira, substituída por um estado andrógino onde, lentamente, um dos sexos passa a prevalecer até o aparecimento dos tipos masculino ou feminino, perfeitamente definidos, tal como aconteceu na Terceira Raça. Deve ser notado que os vestígios da dualidade sexual nunca desaparecem, mesmo na maturidade.

D. S.¹ II 132, 166 e D. S.⁴ III 110, 173: "*Havendo a Primeira Raça criado a Segunda por esporulação, da Segunda nasceu a Terceira, que apresentou três tipos diferentes quanto à maneira de procriar. As duas primeiras eram ovíparas, ao passo que, nas primeiras (da primeira à terceira) sub-raças da Terceira Humanidade, a procriação se fazia por uma espécie de exsudação de umidade, ou de fluido vital, cujas gotas se juntavam formando um ovóide - digamos um ovo - que servia como um órgão externo, dentro do qual a progênie se desenvolvia. Nas últimas sub-raças (da quarta até à sétima) o processo foi-se modificando, pelo menos quanto aos resultados. Nas primeiras sub-raças a prole era assexuada e sem forma definida; mais tarde (na quarta) era andrógina. Foi na quinta sub-raça que ocorreu a separação dos sexos. Começando por ser assexuada, a Humanidade tornou-se hermafrodita ou bissexuada, acabando o homem-ovíparo, em seu lento e quase imperceptível desenvolvimento, por dar nascimento a seres em -quem um dos sexos era predominante e, finalmente, a homens e mulheres perfeitamente distintos;" "Os Filhos da loga Passiva, oriundos da Segunda Raça humana, tornaram-se ovíparos. As emanções que provinham de seus corpos durante a estação da procriação eram ovulares; os pequenos núcleos esféricos transformaram-se em corpos grandes e moles, parecidos com ovos, gradualmente endurecidos que, após um período de gestação, partiam-se, e os jovens animais humanos*

deles saíam sem ajuda, como os pintos em nosso tempo."

É interessante notar na literatura hindu, nos mitos mais verdadeiros que a história, os diversos vestígios dos diferentes modos de reprodução que ocorriam nos dias primitivos; na narrativa do sacrifício de *Daksha* são mencionados vários métodos: "do ovo, do vapor, da vegetação, dos poros da pele e, somente no fim, do útero." (Citação do *Vayu Purâna* na "Doutrina Secreta").

A Separação dos Sexos

No terceiro tipo, a Terceira Tardia, a quinta sub-raça a princípio ainda se reproduzia expulsando ovos, dentro dos quais as jovens criaturas humanas se desenvolviam. Gradualmente, o ovo passou a ser retido no interior do organismo materno, e a prole nascia débil e indefesa como atualmente. Nas sexta e sétima sub-raças a reprodução sexual generalizou-se. A Terceira Tardia está pronta para receber os *Filhos da Mente*.

A separação dos sexos, na quarta sub-raça - Terceira Média - processou-se na parte final do Período Secundário, há 18.000.000 de anos, já tendo a raça então vivido por outros 18.000.000 de anos, ou talvez muito mais, pois começara no período jurássico da Idade Secundária, ou Mesozóica, no tempo dos grandes répteis.

D. S.¹ II 156, 149, 69 e D. S.⁴ III 164,157,79: "*Os nascidos da mente, os sem ossos, deram nascimento aos nascidos da vontade, possuidores de ossos; isso aconteceu no meio da Terceira Raça, há 18.000.000 de anos.*" "*A humanidade física (e sexual) existe sobre a Terra desde 18.000.000 de anos passados.*" (Para sermos exatos) "*o número (de anos) passados desde o Vaivasvata Manvântara - ou o Período Humano (sexual) - até o ano de 1887, conta exatamente 18.618.728 de anos.*"

Depois disso as primeiras sub-raças desapareceram rapidamente, sobretudo na catástrofe anteriormente mencionada. Os Reis Divinos, como veremos, vieram à Terra antes da separação dos sexos, tomando da Terceira Média as melhores formas. Eles foram denominados *Divinos Andróginos*, ou *Divinos Hermafroditas*, e aperfeiçoaram os corpos gigantescos, dando-lhes forma e expressão ainda mais divinas e esplendidas. Com a chegada dos Reis Divinos e a separação dos sexos, logo em seguida, encerrou-se a Idade de Ouro da Terra.

D. S.¹ II 21 e D. S.⁴ III 206: "*Quando a Terceira separou-se e caiu em pecado gerando homens-animais, estes (os animais) tornaram-se ferozes e ambos, homens e animais, mutuamente destruidores. Até então não havia pecado e não se matava. Depois (da separação dos sexos) a Idade de Ouro chegou ao fim. A eterna Primavera tornou-se constante mudança e as estações sucederam-se. O frio forçou os homens a construírem abrigos e inventarem as roupas. O homem, então, apelou para os Pais Superiores (os deuses superiores ou anjos). Os sábios Dragões e Serpentes vieram, assim como os precursores dos Iluminados. Os Reis Divinos desceram e ensinaram Ciência e Artes aos homens, os quais não mais podiam habitar a primeira Terra (o Éden das Raças primitivas), transformada em um branco cadáver gelado.*"

A Terceira Primitiva nasceu sob Vênus e, sob essa influência, evoluíram os

hermafroditas; as raças tiveram os sexos separados sob Marte, que é a corporificação do Desejo e da natureza-paixão. Como todas as formas então na Terra, o homem era de estatura gigantesca, em comparação ao seu tamanho atual; ele foi contemporâneo do pterodáctilo, do megalossauro, e outros animais de porte semelhante, e tinha que se defender no meio deles.

D. S.¹ II 29 a 33 e D. S.⁴ III 41 a 45: *"Assim como cada uma das sete regiões da Terra, cada um dos sete primogênitos (os sete grupos humanos primordiais) recebe, espiritualmente luz e vida das Inteligências a que está associado de modo especial. Fisicamente cada um está ligado aos palácios (casas, planetas) pertencentes às mesmas Inteligências. O mesmo acontecerá às sete grandes Raças que deles nascerão. A Primeira (raça) nasceu sob o Sol; a Segunda sob Júpiter, a Terceira sob Marte (o de corpo de fogo) e (também sob) Vênus; a Quarta sob a Lua e Saturno (o "de olho mau", o escuro); a Quinta sob Mercúrio". "Foi sob Vênus que os 'duplos' (os Hermafroditas) da Terceira Raça Raiz descenderam dos primeiro, nascidos do Suor." "Cada pecado cometido na Terra repercute em Vênus. O Mestre da Terceira Raça é o Espírito Guardião da Terra e dos Homens." "Cada mundo tem sua estrela-mãe e seu planeta-irmão. A Terra é o filho adotivo e irmão mais moço de Vênus". "Daí serem os dois planetas chamados Irmãos Gêmeos, mas o Espírito da Terra é o servidor do Senhor de Vênus."*

Os órgãos da visão desenvolveram-se na Terceira Raça. A princípio era apenas um olho, localizado no meio da testa (posteriormente denominado *terceiro olho*) e depois dois olhos, que, até a sétima sub-raça eram pouco usados pelos homens da Terceira. Somente na Quarta-Raça, havendo o *terceiro olho* recuado para o interior da cabeça, onde se transformou na glândula pineal, os dois olhos tornaram-se os órgãos normais da visão.

D. S.¹ II 306, 301 e D. S.⁴ III 307, 302: *"A posse de um terceiro olho foi desfrutada pelos homens da Terceira Raça-Raiz até a metade do período da Terceira sub-raça da Quarta Raça-Raiz, quando a consolidação e aperfeiçoamento da estrutura humana o fez desaparecer da anatomia externa do homem. No entanto, as percepções visuais e mentais desse órgão permaneceram psíquica e espiritualmente atuantes até quase o final da Quarta Raça quando, devido à condição de materialidade e depravação da humanidade, desapareceram completamente. Isso aconteceu antes da submersão da parte principal do continente Atlante." "O Terceiro Olho transformou-se gradualmente em uma simples glândula, depois da Queda física daqueles que convencionamos chamar lemurianos."*

A cor da Terceira Raça é a vermelha, variando muito em seus matizes.

D. S.¹ II 227 e D. S.⁴ III 230: *"A Primeira (Sub-Raça da Terceira Raça-Raiz), em todas as zonas, era da cor da lua (amarelo claro); a Segunda, amarela como ouro, a Terceira, vermelha; a Quarta era castanha e tornou-se negra com o pecado. A princípio os sete grupos humanos iniciais tinham todos a mesma cor. Os sete seguintes (as sub-raças) começaram a misturar suas cores."*

Os Divinos Andróginos ostentam um esplêndido vermelho dourado de indescritível fulgor tendo como complemento ao magnífico aspecto geral o olho único faiscando como uma joia no seu engastamento ofuscante. Eles formam um contraste chocante com o vermelho terroso das formas toscas e desajeitadas dos

primeiros homens e mulheres após a separação. Descomunalmente altos e largos, eles impressionam pela aparência possante, tão além da dos homens de nossa época quanto os anoplaterídios e paleonterídios, que os rodeiam em seus últimos tempos, estão além dos bois, veados e porcos, e dos cavalos, tapires e rinocerontes, que deles descendem. A cabeça de testa fugidia, o olho aparvalhado e lúgubre, luzindo avermelhado acima do nariz chato, as pesadas mandíbulas sobressaindo-se, oferecem à vista um conjunto repulsivo para o gosto moderno. A memória do terceiro olho persistiu nas lendas gregas dos Ciclopes, como foram, mais tarde, chamadas essas criaturas de somente um olho central. O chamado *Terceiro Olho* desenvolveu-se sob influência da Mônada, o Espírito no homem, e possuía poderes de visão muito mais amplos do que os dois olhos que apareceram depois, ou mais precisamente, oferecia menor obstrução ao poder perceptivo da Mônada, Mas esta retirou-se ante o desenvolvimento do intelecto; o físico triunfou, e os dois débeis órgãos de visão que são os nossos olhos atuais, gradualmente evoluíram. Eles constituem obstáculo maior ao vasto poder perceptivo da Mônada; oferecem, porém, imagens mais nítidas dos objetos e, portanto, uma visão mais aguda do que anteriormente. O *Terceiro Olho* percebia as massas físicas, mas não os detalhes, e a sua supressão abriu caminho para uma visão mais precisa.

D. S.¹ II 294 e D. S.⁴ III 295: "O Terceiro Olho situava-se na parte posterior da cabeça. Nos dias primitivos dos hermafroditas, havia criaturas de quatro braços, com uma cabeça, mas três olhos. Podiam ver o que estava à frente e o que estava atrás deles. Passado um Kalpa (1) depois da separação dos sexos, havendo o homem mergulhado na matéria, sua visão espiritual tornou-se falha e, concomitantemente, o Terceiro Olho começou a regredir... Quando a Quarta (Raça) chegou ao ponto médio, a Visão anterior tinha que ser despertada e adquirida por estímulo artificial, um processo conhecido pelos antigos sábios... Ao mesmo tempo o Terceiro Olho, gradualmente, petrificou-se e acabou por desaparecer. Os de duas-faces (olhos na frente e atrás), tornaram-se de uma-face (olhos na frente) e o Terceiro Olho afundou na cabeça e está atualmente, sepultado sob os cabelos. Durante a atividade do homem interno (nos transes e visões espirituais) o terceiro olho se alteia e alarga. O Arhat o vê e sente, e pode, assim, controlá-lo. O discípulo imaculado não precisa ter medo, porém o que não é puro (não é casto) não receberá nenhum benefício do Olho Divino. Para a maioria da humanidade o Olho Divino não mais existe. O Terceiro Olho está morto e não mais atua; deixou porém um testemunho da sua existência. Tal testemunho é a Glândula Pineal."

(1). Período de tempo significando geralmente um Dia e uma Noite de Brahmã (4.320 milhões de anos) mas é também usado para indicar períodos não tão amplos como é evidentemente o exemplo presente - V. "Glossário Teosófico" de H. P. B.

Esses selvagens aparentes - selvagens na forma - nem por isso deixavam de ser intuitivos, respondendo rapidamente aos impulsos enviados pelos Reis Divinos que os governavam, e sob sua tutela construíram cidades imponentes, enormes templos ciclópicos, poderosos e maciços, cujos remanescentes ainda persistem, tal a solidez com que foram construídos. Até mesmo *Shamballah*, a Cidade Santa, a Morada

Sagrada, ainda de pé, atesta a força usada na sua construção e a habilidade do seu planejamento. Quando tratarmos da evolução intelectual, algo mais será dito sobre essa civilização.

D. S.¹ II 360 e D. S.⁴ III 316: "Eles (os lemurianos) construíram cidades enormes. Construíram-nas de terra e metais preciosos expelidos dos fogos (lava). Da pedra branca das montanhas (mármore) e da pedra negra (dos fogos subterrâneos) esculpiram. suas próprias imagens, com sua própria semelhança e tamanho, e as adoraram"

Tradições Hindus

Ao finalizar o estudo da Evolução Física, em que os *Pais Possuidores do Fogo* desempenharam papel preponderante, examinemos por alto sua participação na evolução racial, "Após haverem dado suas sombras à Primeira Raça, eles abandonaram a Terra temporariamente, ascendendo ao Grande Plano, de onde descem periodicamente, nas épocas de renovação do mundo, para dar nascimento a novos homens." ("Comentário" D. S.¹ II 92 e D. S.⁴ III 101). Eles sempre descem para o nascimento de uma nova Raça, guiando-a por algum tempo e encarnando nela para ajudar o Manu da Raça. Eles renascem como filhos de alguns dos *Nascidos da Mente* e *Filhos de Brahmâ*, o Logos Planetário. São chamados os *Sete Sábios*, e sob esse aspecto retomam sua função de modelagem das formas, elaborando os corpos da Terceira Raça para as mudanças subsequentes, e preparando as (formas) Andróginas para serem os veículos dos *Filhos da Sabedoria*. Depois da separação dos sexos, os filhos de *Atri*, a quem o nome específico de *Possuidores do Fogo* é atribuído - em alguns *Purânas* chamados também os filhos de *Marichi* - presidem à evolução da Terceira Raça Tardia, os chamados *Danavas*, da literatura hindu. Todos se lembram da história da deterioração moral dos *Danavas*, narrada no *Mahâbharata*, de como foram dominados pelo egotismo - o princípio intelectual -, de como a Deusa *Shri* habitou entre eles nos dias primitivos, quando eram puros e piedosos, e os abandonou quando se tornaram egoístas e ávidos. Os *Pais* foram os *Reis Divinos* dos últimos lemurianos, governando sob a influência dos *Divinos Andróginos*, e ensinando artes e ciências à humanidade infante a seu cargo. Eles são, por isso, chamados os *Pais dos Danavas*. Essas mesmas entidades são também os *Pais dos Atlantes*, aparecendo novamente como *Reis Divinos* no princípio da Raça Atlante.

Na Quinta Raça, os membros das quatro grandes classes reapareceram para colaborar com o *Vaivasvan Manu* na construção política da primeira família desta Raça. Os filhos de *Bhrigu*, em quem o veículo ativo é o corpo causal, são os *Somapas*, os *Kavijas* e os *Saumyas*. Estes foram os que deram suas sombras para o Corpo Mental típico para os Egos, então prontos para a encarnação, e que constituíram a casta dos *Brahmanas*, nos dias primitivos. Os filhos de *Angiras*, os *Havishmats*, em quem o corpo mental era o veículo ativo, deram suas sombras para o tipo de Corpo Mental da casta dos guerreiros. Os filhos de *Pulastya*, os *Ajapas*, em quem o veículo ativo é o corpo

astral, deram suas sombras para o tipo do Corpo Mental da casta dos comerciantes e artesãos. Os filhos de *Vashshta* - às vezes chamados os filhos de *Daksha* -, os *Sukalins*, em quem o duplo etérico é o veículo ativo, deram suas sombras para o tipo do Corpo Mental dos sem-casta. Tendo cada um desses tipos uma diferente cor predominante, as quatro castas foram chamadas as quatro cores e, à visão clarividente o Corpo Mental era imediatamente reconhecível pela sua cor predominante, devida à densidade relativa dos materiais componentes.

Este é o segredo da dificuldade na mudança de casta, independente de qualquer qualificação moral. O Corpo Mental, modelado pelo *Karma* para uma nova encarnação, tem que ser reconstruído se houver mudança de casta. Não se trata de nada que uma legislação governamental possa fazer, ou uma assembleia de homens possa decidir. Somente com ajuda dos *Pais* essa mudança pode ser realizada: foi assim no passado e é assim no presente. Foi essa ajuda que *Vishvamitra* invocou pelo ascetismo e pela loga, até conseguir que Eles lhe dessem uma nova sombra, a sombra de um *Brahmana*. Portanto, não é verdade que a mudança de uma para outra casta seja impossível, nem pode ser assim encarada por um hindu que acredite nos seus livros sagrados. Porém é difícil, muito difícil; somente pode consumir-se com o auxílio dos *Pais*, não pelas leis dos homens. A verdade está entre os dois extremos, entre o homem que diz ser a casta dependente somente do nascimento, e o que diz ser ela dependente apenas do mérito. Nenhum dos dois tem a verdade completa. O nascimento é a determinante em grande parte, por que o corpo físico e o Corpo Mental são modelados segundo um plano similar. Tendo o Ego um Corpo Mental de determinado tipo, terá um corpo físico modelado sobre o mesmo tipo, na medida do possível.

Até agora traçamos as genealogias espiritual e física do homem. Amanhã trataremos da ponte que une as duas: a ancestralidade intelectual.

A GENEALOGIA INTELECTUAL

O Abismo entre o Espírito e a Matéria

Nos últimos dois dias estudamos duas das linhas de ancestralidade do homem. Na primeira manhã delineamos a ancestralidade espiritual e procuramos captar alguns vislumbres das diversas poderosas Hierarquias de Inteligências Espirituais que cooperaram para a manifestação do Espírito das Mônadas em sua longa peregrinação pelos mundos. Na segunda manhã, traçamos a ascensão da Matéria organizando-se em formas cada vez mais aperfeiçoadas, e pudemos observar como a construção material foi guiada por outras Inteligências Espirituais que, havendo conquistado o domínio da Matéria durante a sua própria evolução, estavam aptas a controlá-la e moldá-la para uso das Mônadas que aguardavam, incapazes de executar elas mesmas esse trabalho. As duas linhas de evolução aproximam-se, mas um abismo as impede de unirem-se. Uma desceu das esferas celestiais, outra subiu partindo do barro da terra. Defrontam-se agora sem dispor de uma ponte para transpor o abismo que as separa. Tal a posição em que as encontramos esta manhã, assim definida em um antigo Comentário Oculto: "Dos mundos materiais proveem aqueles que plasmam o homem físico para uma nova Evolução. São Espíritos inferiores, possuidores de um corpo dual (um astral dentro de um etérico). Eles são os modeladores e criadores dos nossos corpos de ilusão. Para penetrar nesses corpos, o *Duas-Letras* - a *Mônada*, também chamada o *Duplo Dragão* - desce das esferas onde pairava em expectativa. Ela é como um teto, sem paredes ou pilares onde apoiar-se. São requeridas quatro Chamas e três Fogos para que um homem exista sobre a Terra, e mais a essência de quarenta e nove Fogos para que este homem seja completo. São os que vieram das Esferas Superiores, os Deuses da Vontade, que completam o Homem de Ilusão. Pois o *Duplo Dragão* não pode ligar-se a uma forma vazia. Ele é como a brisa que não encontra árvore ou ramo onde se abrigar. Ele não pode afetar a Forma sem que a Mente esteja presente e atue como conexão: A Forma, por sua vez, ignora a existência da Mônada. Os dois fatores são como dois lados de um triângulo que perdeu a base" ("Catecismo", D. S.¹ II 110 e D. S.⁴ III 113). Eis como o "Catecismo Oculto" descreve a posição da evolução humana nessa etapa - acima a Mônada, ou o Duplo Dragão, abaixo a forma física que não conhece o Espírito que a vigia pairando sobre ela. Nada mais pode ser feito por nenhum dos dois. A Mônada não consegue descer mais - o Duplo Dragão não pode respirar a pesada atmosfera da Terra. A Forma - sem mente, insensível e vazia - é incapaz de subir; a Sombra é apenas um fantasma; para ela é impossível galgar a escada da evolução sem auxílio externo, pois é fraca, inerme e ignorante.

A Ponte do Intelecto

Mas a construção do homem não pode ser malograda aqui, nem em nenhum outro

lugar. Descem das esferas celestes aqueles que estão aptos a criar uma ponte sobre o abismo entre o que é espiritual e o que é material: é a ponte do intelecto que eles construirão e a mente será esta ponte. A mente, porém, não pode ser dada pelos *Senhores do Crepúsculo* que, embora a possuam, ainda não a transcenderam tão completamente que lhes seja possível doá-la a outros. Aqueles que podem dar o que lhes sobra da própria mente devem tê-la transcendido, pois não nos separamos em benefício de outrem daquilo que consideramos como a nossa própria identidade. Para darmos algo que possuímos é preciso haver transcendido a sua identificação conosco.

Assim, a mente não pode ser dada pelos *Senhores do Crepúsculo* que, embora a possuam, ainda não atingiram o estágio de poderem dá-la a outros. A magnífica poesia do "Livro de Dzyan" delinea para nós o quadro da dificuldade com que se depararam aqueles que trabalharam arduamente para modelar o homem, e chegaram ao limite das suas possibilidades. Ouçamos: "O Sopro (a Mônada humana) necessitava de uma forma: os *Pais* lhe deram. O Sopro necessitava um corpo denso: a Terra plasmou-o. O Sopro carecia do Espírito de vida: os Espíritos Solares insuflaram-no em sua forma. O Sopro necessitava de um espelho da sua própria forma: 'Damos-lhe a nossa', disseram as Inteligências. O Sopro precisava de um veículo de desejos: 'Ele o tem', disse o *Orientador das Águas* (a água é o símbolo da paixão e do instinto animal) . " Até aí chegaram eles. "Mas o Sopro deve ter a mente para abranger o Universo. 'Isso não podemos dar', disseram os *Pais*. 'Nunca a possuí', ajuntou o *Espírito da Terra*. 'A forma seria consumida se lhe desse a minha', acrescentou 'o grande *Fogo* (solar)'... O Homem permaneceu um Fantasma sem mente e vazio." ("Estâncias" - D. S.¹ II 110 e D. S.⁴ III 113) .

Daí a necessidade de virem outros, que houvessem dominado a mente - que fossem *Senhores da Mente* - para ajudar a despertar o poder intelectual latente nas formas. Muitos deles deveriam encarnar nas formas tornando-se os Reis, os Instrutores e os Guias da evolução humana. Esses outros serão os Ancestrais Intelectuais, do mesmo modo que os *Pais Lunares* foram os Ancestrais Físicos do homem.

Chegamos agora ao tempo em que - há dezoito milhões de anos - os *Senhores da Chama* desceram ao nosso Globo. Podemos observar três classes distintas de Grandes Seres chegando à Terra. Sobre eles nos alongaremos porque o segredo do crescimento intelectual do homem está oculto na diversidade dos seus tipos. Se bem compreendermos sua influência sobre as formas e os vários estágios de desenvolvimento alcançados por estas últimas, teremos a solução do problema das diferenças encontradas na evolução do intelecto nas raças humanas. Observemos essas diferenças: de um lado, vemos raças em vias de extinção, constituídas por seres que mal podem ser reconhecidos como homens, como os *veddas* do Ceilão, seres arbóreos, com uma linguagem quase apenas de gritos inarticulados; como os habitantes selvagens de Bórneo, dificilmente distinguíveis dos grandes macacos; homens como os aborígenes da Austrália, de inteligência tão exígua que não se lembram dos acontecimentos da véspera e que somente contam até o número dois - um, dois, muitos - é o seu sistema numeral. Comparemo-nos com um Newton, um Descartes, os Grandes Mestres hindus do passado, o renomado sábio Vyâsa, os grandes Instrutores e Místicos, todos ainda, e por direito, sob o pátio humano e

usando formas humanas. Coloquemos os dois grupos lado a lado e sentiremos relutância em estender a ambos o nome de "humano", considerando a diferença grande demais para ser coberta e explicada simplesmente pela evolução. Esse problema somente poderá ser solucionado pela compreensão do mistério dos *Filhos da Mente*.

Os Filhos da Mente

Chegamos ao momento, em nosso estudo, em que a portaram à Terra os seres chamados *Filhos da Mente*, um termo genérico aplicado a todas as entidades possuidoras de inteligência. No entanto, a graduação dos seres inteligentes do universo corresponde de fato a uma escada de número infinito de degraus, onde se colocam as mais variadas classes de altíssimas inteligências espirituais, e também outras mais modestas, de inteligência obviamente inferior e limitada, em começo de desenvolvimento. As diferenças de grau encontradas entre os *Filhos da Mente* podem ser comparadas às diferenças também encontradas, e já por nós apontadas, entre aqueles que recebem a denominação genérica de homens. H. P. B. empregou o termo *Filho da Mente* em sua significação mais ampla, seguindo o uso das antigas Escrituras hindus.

A Primeira Classe de Filhos da Mente

Começamos por distinguir as três primeiras classes de *Filhos da Mente*, situadas muito acima da nossa humanidade, quando chegaram ao nosso Globo. A quarta classe é constituída pelos *Pais Solares* provenientes da Lua. Os chamados *Filhos da Noite*, *Filhos do Conhecimento Sombrio*, ou *Senhores do Conhecimento Sombrio*, compõem a primeira classe. Palavras como noite, treva, escuridão são repetidamente usadas em relação a eles. Isso ajuda a distingui-los da segunda classe de *Filhos da Mente*, os chamados *Senhores da Chama* ou *Filhos da Sabedoria*, que são os *Pais Desprovidos do Fogo* (estudados na conferência II). Para evitar confusões usaremos as denominações consagradas. Os da primeira classe são os *Não-Deuses*, nascidos do *Corpo de Brahmâ*, Corpo que, ao ser rejeitado, chamou-se o *Corpo da Noite*. Se consultarmos as Escrituras hindus encontraremos seres que são chamados *Não-Deuses (Asuras)* desempenhando um papel muito ativo nas histórias sobre os mundos primitivos. Tais seres são em muito maior número do que aqueles de que nos ocupamos até agora. É conveniente esclarecermos, na medida do possível, a denominação *Não-Deuses* (ou *Asuras*) porque a influência do pensamento religioso moderno projetou nela uma luz sinistra, tornando-a quase o equivalente da palavra "demônio" do Cristianismo. *Asura* é derivado de *asu*, sopro ou vida e *asumat* significa simplesmente "um ser vivo." (1) *Varuna*, *Indra* e *Agni* são, no "Rigveda", chamados *Asuras*, "os que vivem", a expressão designando "seres espirituais" e de nenhum modo seres maus. É verdade

que, mais tarde, os *Não-Deuses* e os *Deuses* aparecem como oponentes, funcionando de maneira diferente na evolução. Os *Deuses* são, de um modo geral, mais passivos do que os *Não-Deuses*, possuindo senso de unidade e movendo-se dentro de uma finalidade comum; apresentam assim obediência mais pronta às leis do sistema, desenvolvendo suavemente o seu trabalho, e tendendo a conservar as coisas em *statu quo*.

(1). Nota da edição inglesa - Outra derivação, mais comum, é "*Sura*" = "Deus" com o prefixo "a" que significa negação.

Os *Não-Deuses* eram turbulentos e agressivos, independentes e separativos, tendentes ao descontentamento, e ansiosos por mudanças. Os *Deuses* representavam a Ordem, e os *Não-Deuses* o Progresso, ambos igualmente necessários, embora constantemente em oposição. Lembremos que, para agitar o oceano, de acordo com a lenda, os *Não-Deuses* estavam numa das extremidades da Serpente e os *Deuses* na outra, ocupados ambos no mesmo empenho, competindo pelo *néctar da imortalidade*, ao final, negado aos *Não-Deuses* que ansiosamente desejavam sorvê-lo. Por que lhes foi negado o néctar? Porque o *Principio* encarnado pelos *Não-Deuses*, em sua mais íntima essência, em sua característica dominante, é a separatividade, a faculdade de produzir o "Eu". Onde quer que se encontrem, eles podem ser reconhecidos por essa força que, neles, sobrepuja todas as outras. São sempre os rebeldes, e onde aparecem provocam conflito. O egotismo se desenvolve no isolamento, na luta, na independência, e põe em jogo forças tumultuantes, e dessa maneira estabelecem o "Eu". Chega um tempo em que esse "Eu" percebe que a sua mais verdadeira expressão é a vontade divina, é o "Eu" do Universo. Chegando a esse ponto os *Não-Deuses* rompem a prisão da Matéria e tornam-se unos com o Supremo contra quem lutavam. Só então podem eles beber o *néctar da imortalidade*, que somente pode ser vertido na taça da unidade, e usufruído pelos que ainda não desenvolveram a separatividade, ou já a transcenderam e nunca por aqueles em quem a separatividade está triunfante, constituindo a sua própria essência. Tais seres formavam a primeira classe dos *Filhos da Mente* que vieram à nossa Terra. Eles haviam desenvolvido extraordinária inteligência e alcançado o estágio humano na primeira Cadeia Planetária. Durante incalculáveis *eons* de tempo evoluíram nas esferas mais sutis, desempenhando a função de *Pais Possuidores do Fogo* na segunda Cadeia, e de *Pais Desprovidos do Fogo*, na terceira. Na nossa Cadeia eles vieram como *Filhos da Sabedoria Sombria*, a fim de tomar parte na luta do quarto Globo, da quarta Ronda, da quarta Cadeia, que constitui o auge do separatismo da Matéria, e do triunfo do Egotismo. Quando o Logos Planetário ordenou aos *Filhos* "criarem suas Imagens" eles travaram a derradeira batalha por sua independência separada, uma batalha que terminará por ensinar-lhes a verdadeira natureza do "Eu". Eles não as criariam: "Um terço recusa. Dois obedecem. A maldição foi pronunciada. Eles nascerão na Quarta, sofrerão e causarão sofrimento" ("Estâncias de Dzyan". D. S.¹ I, 91 e D. S.⁴ I, 242) . Eles serão os *Senhores da Face Negra* na Atlântida, opondo-se aos *Senhores da Face Luminosa* (D. S.¹ II 427 e D. S. ⁴ III 424) e, no terrível encontro, aprenderão sua última lição, voltando para a procura da unidade nas raças mais

avançadas da humanidade. Esses *Não-Deuses* constituem a quinta grande Ordem Criadora - a do *Crocodilo* - com razão considerada a mais misteriosa de todas.

A Segunda Classe de Filhos da Mente

A segunda classe de *Filhos da Mente* é muito conhecida dos teosofistas sob a denominação de *Pais Desprovidos do Fogo*; eles são o fruto da segunda Cadeia Planetária, nascidos do *Corpo de Brahmâ*, chamado *Corpo da Luz* ou *Corpo do Dia*.

São Seres esplêndidos, os radiosos *Pais dos Deuses* das esferas sutis, divinos por natureza, com o sentimento de unidade predominando sobre o de separatividade. Existem em vários graus de evolução, sendo alguns mais avançados do que outros, e constituem uma parte da Sexta Hierarquia Criadora. Aparecem na história antiga com diversos nomes; os ocultistas chamam-nos *Filhos da Sabedoria* - não da "Sabedoria da Treva", observem -, *Senhores da Chama*, *Filhos do Fogo*, *Inteligências do Fogo*, o *Coração do Corpo*, os *Triângulos* por estarem ativos neles os três aspectos: - Espírito, Alma e Mente - que na Terra formaram os pentágonos por duplicação da Mente e mais o aparecimento do Desejo como reflexo da Alma. Essa classe de *Filhos da Mente* não pode dar o Espírito ao homem, tarefa excessivamente alta para eles, mas conseguem enviar a sua força até a matéria etérica física, constituindo assim o verdadeiro alento da vida humana, fornecendo o "Plasma Espiritual", o aspecto "Vida" dos átomos permanentes que fluem do '*Sextuplo Homem Espiritual*' (D. S.¹ I, 224 e D. S.⁴ I 271). Eles são chamados ainda os *Senhores da Meditação Profunda* e *Senhores da Ioga*. São os *Virgens*, que não podem criar o homem de carne quando *Brahmâ* deseja povoar a Terra, por serem demasiadamente sutis e puros para essa tarefa. Na terceira Cadeia eles haviam criado os homens, mas na quarta a matéria era mais densa e eles se haviam tornado ainda mais sutis. Depois de desempenhar o Seu papel na Terra - o assunto que nos está ocupando esta manhã - eles renasceram como os filhos de *Marichi*, ou de *Pulastya* como querem outros, e tornaram-se os *Pais dos Deuses*. A sua morada celestial é o *Plano de Viraja*, sendo *Vairajas* outro dos seus cognomes. Nos *Purânas* eles aparecem sob muitas formas e ainda com outros nomes: *Ajitas*, *Satyas*, *Haris*, *Vaikunthas*, *Sadhyas*, *Adityas*, *Rasasas*, etc. (D. S.¹ II 90 e D. S.⁴ III 99) .

A Terceira Classe de Filhos da Mente

A terceira classe de *Filhos da Mente* compõe-se de Seres que vieram de outra Cadeia planetária para a nossa Terra. Eles não pertencem, como as duas primeiras, a Cadeias anteriores à nossa, ao nosso próprio esquema de Cadeias, mas vieram de fora (1), de uma Cadeia onde o Globo D é o planeta Vênus. (2) Certas frases de antigas histórias revelam a existência de uma relação entre a nossa Terra e o planeta Vênus. Nelas se diz que a Terra é filha adotiva de Vênus. Nelas pode-se ler ainda que Vênus ensinou aos

Não-Deuses, aos Lemurianos e aos Atlantes; e também que Vênus encarnou como *Ushanas* na nossa Terra. O que significarão tão enigmáticas frases? Elas referem-se à terceira classe de *Filhos da Mente*, que estamos enfocando. A evolução de Vênus está à frente da nossa, é mais antiga. Vênus está em sua sétima Ronda, enquanto a nossa é apenas a quarta. A humanidade de Vênus, estando em um grau de evolução muito mais elevado, pode ajudar a humanidade da Terra, sua irmã mais nova, adotando-a como filha.

(1). N. T. De um esquema de Cadeias que não é o nosso.

(2). N. T. Ver gráficos em Hodson G. "Escola de Sabedoria" Vol, 1 p. 431 ed. Adyar-Madras-fndia, 1962.

D. S.¹ I 156, 165; D. S.⁴ I 210, 219: "*Ambos (Mercúrio e Vênus) são muito mais velhos do que a Terra. Acrescente-se que Vênus está em sua última Ronda*". D. S.¹ II, 29; D. S.⁴ III, 42: "*O Espírito da Terra obedece ao Senhor de Vênus*".

Colocado em linguagem mais inteligível, o que vem dito na "Doutrina Secreta" significa que alguns dos *Filhos de Vênus*, então em sua sétima Ronda - Homens de extraordinário conhecimento e poder - vieram à jovem Terra para serem os Instrutores da nossa humanidade. Sua missão não era trazer as centelhas da mente, mas habitar corpos terrenos e atuarem como Mestres e Guias entre os homens. Eles chegaram à Terra quando Vênus presidia à terceira Raça. O grupo esplêndido e radioso, revestiu-se de material translúcido, através do qual brilhavam seus luminosos corpos sutis. O Primeiro dentre Eles é chamado por muitos nomes místicos nas escrituras antigas. H. P. B. se refere a Ele como a Raiz e Base da Hierarquia Oculta, como a *Figueira Brava* (a *Arvore Banyan*) porque de si mesmo criou os *Filhos da Vontade e da loga* e formou a Hierarquia Oculta que protege a Terra, a Arvore da Vida que é o nosso abrigo. H. P. B. também O chama o *Grande Iniciador*, porque somente Dele pode descer o poder da verdadeira Iniciação. Por essas, e outras designações descritivas como o *Virgem*, é indicado o misterioso Ser. Em torno Dele agrupam-se, em número muito pequeno, outros Seres de Sua própria esfera, do Seu próprio planeta, que serão Seus auxiliares no trabalho em prol da evolução da humanidade. Nesse ponto da quarta Ronda, o homem da Terra ainda não havia evoluído bastante para empreender tão grande tarefa: todos precisavam receber ensino, ninguém estava ainda preparado para ensinar. Daí a necessidade de ajuda externa. Eles formaram o que tem sido chamado o "berçário" dos Adeptos: o núcleo da primeira grande Loja Branca sobre a Terra que, a partir de então - há mais de dezoito milhões de anos - até agora neste moderno século XX, nunca deixou de existir e jamais alterou a sua essência. Ela é a Loja Suprema dos Guias e Instrutores da humanidade, sem a qual a evolução espiritual teria sido praticamente impossível e a Terra teria continuado a vagar na escuridão, e por longas eras não encontraria o caminho do lar: a volta ao Supremo. Assim, pois, os *Filhos de Vênus* formam a terceira Classe de *Filhos da Mente*, origem da grande Loja Branca.

D. S.¹ I 207; D. S.⁴ I 255, 256: "*O Ser que é a Raiz e a Base da Hierarquia mais elevada da Terra e da nossa Cadeia Terrestre, tem um nome que apenas pode ser traduzido em inglês (edição original de 'A Genealogia do Homem') por uma sequencia de palavras: 'o Banyan humano, eternamente vivo'. Dizem que esse Ser Maravilhoso veio das regiões superiores na primeira parte da Terceira Idade (Terceira Raça), antes da separação dos sexos (há mais de*

18.000.000 de anos, portanto, como já foi dito). A frente de um grupo de Seres semi-humanos veio um Ser maravilhoso chamado o 'Iniciador'. Separados, segundo o Genesis Arcáico, para certas finalidades, eles são aqueles em quem se diz haverem encarnado as mais elevadas Inteligências, Homens de Conhecimento e Sabedoria vindos de evoluções mais antigas para formar o berçário dos futuros adeptos humanos desta nossa Terra, durante o presente ciclo. Trata-se da árvore de que foram ramos nas eras subsequentes, todos os grandes Sábios e Hierofantes historicamente conhecidos. Como homem objetivo Ele é um Ser misterioso, invisível aos profanos, embora sempre presente na Terra. As lendas orientais abundantemente a Ele se referem, principalmente entre os ocultistas e estudantes da Ciência Sagrada. Ele muda de forma permanecendo sempre o mesmo e reina espiritualmente sobre todos os Adeptos e Iniciados no mundo inteiro. Possuindo muitos nomes ele é ainda assim o Inominável, de nome e natureza desconhecidos. É o 'Iniciador' chamado o GRANDE SACRIFÍCIO porque, colocado no limiar da LUZ, ele a contempla das trevas do círculo cuja linha não cruzará, pois não abandonará o seu posto até o último dia deste ciclo de vida. Por que permanece o solitário Vigilante no posto por ele mesmo escolhido? Por que permanece ao lado da fonte da Sabedoria original da qual não mais beberá pois nela não há nada que Ele não conheça, nada que já não tenha aprendido nesta Terra ou em seu Céu? Porque os peregrinos solitários, com os Pés em chagas, nunca estarão seguros, até o último instante da sua jornada de volta ao lar, de não perder o rumo no ilimitado deserto de ilusão e matéria, chamado Vida Terrena. Porque é seu desejo mostrar o caminho da região da Liberdade e da Luz - de onde é um exilado voluntário - a todos os prisioneiros que conseguirem livrar-se das Cadeias da carne e da ilusão. Porque, enfim, ele se sacrificou pelo bem da humanidade, embora poucos sejam os Eleitos que se possam aproveitar do GRANDE SACRIFÍCIO. É sob a orientação direta e silenciosa desse Mahâ Guru que todos os outros - menos divinos - Mestres e Instrutores da humanidade tornaram-se, desde o primeiro despertar da consciência humana, os condutores da primitiva Humanidade. Foi por intermédio desses Filhos de Deus que a humanidade infante adquiriu as primeiras noções de todas as artes e ciências, bem como do conhecimento espiritual. E também foram Eles que assentaram a primeira pedra fundamental das antigas civilizações, que tanto surpreendem as gerações modernas de estudantes e de professores."

A Quarta Classe de Filhos da Mente

Resta ainda uma quarta classe de *Filhos da Mente*: os *Pais Solares* provenientes da Lua, agrupados em duas grandes divisões, de acordo com os respectivos estágios de evolução. Eles permaneceram no Nirvana Lunar durante o período que mediou as Cadeias Lunar e Terrestre. Aí continuaram durante o tempo em que decorreram as primeiras três e meia Rondas da Cadeia Terrestre. Sobre eles observou um Mestre: "Esses *fracassos* são demasiadamente avançados e espiritualizados para, do estado de Inteligências Espirituais, serem compulsoriamente atirados no vórtice dos reinos inferiores de uma evolução primitiva." Os *sucessos* da Lua foram os *Pais Lunares*, os *Senhores do Crepúsculo*, sendo os restantes, por comparação, considerados *fracassos*. A segunda divisão dessa classe entrou

na humanidade da Terra depois da separação dos sexos, na Terceira Raça; a primeira entrou durante a Quarta Raça, a atlante. No entanto, eles estiveram presentes em torno da Terra desde o início das atividades da quarta Ronda, esperando a hora em que os tabernáculos estivessem prontos para a sua vinda.

Observemos agora a ordem de chegada dos *Filhos da Mente* à Terra, as condições em que encontraram a Terceira Raça, e os acontecimentos que imediatamente se seguiram. Um toque preparatório havia sido dado à Segunda Raça-Raiz, no sentido de apressar-lhe a evolução, dotando-a com a primeira incipiente fagulha de inteligência. Não nos demoremos nisso, porém, e passemos à chegada dos *Filhos da Mente*.

Voltemos por um momento à "Estância" já citada: "Na Quarta, os *Filhos* receberam ordem para criar Suas Imagens. Um terço recusou-se, dois obedeceram. A maldição foi lançada. Eles nasceriam na Quarta, sofreriam e fariam sofrer." Nessa passagem deparamos com um bom exemplo das dificuldades que as velhas escrituras nos oferecem. A palavra "quarta" que nela surge duas vezes, possui em cada uma um sentido diferente. A primeira vez refere-se à Ronda e, a segunda, à Raça. Na Quarta (Ronda) ordenou-se aos *Filhos da Mente* que criassem suas Imagens; um terço - os *Não-Deuses*, os rebeldes - recusou-se e dois-terços - os *Pais Desprovidos do Fogo* e os *Filhos de Vênus* - obedeceram. A maldição foi lançada: "eles, os *Não-Deuses*, nascerão na Quarta (Raça), sofrerão e causarão sofrimento". Esse é um bom exemplo da dificuldade na tradução dos velhos livros. Rondas, Eras, Globos, Raças, todos aparecem mesclados. É mencionado o número pertinente, mas ao leitor compete descobrir a que ciclo o número se aplica, Uma vez que se possua a chave dos ciclos, pode-se dar a volta na fechadura; sem ela a frase intriga mais do que esclarece. Isso constitui o que se chama um "véu". Tudo o que é dito na frase é verdadeiro, mas exige explicações para ser entendido pelos não-iniciados. A chave só é dada quando chega a hora. Era necessário que o conhecimento fosse conservado, porém de forma a ser decifrado somente pelos homens que, para isso, estivessem preparados. No tempo da Atlântida muitos males foram criados em função de conhecimentos possuídos por aqueles que moralmente ainda estavam despreparados para eles. As palavras que conduziam à identificação fácil de lugares e de tempo foram removidas quando os escritos se tornaram propriedade pública, o que tornou tudo muito confuso. Acontece a mesma coisa nos *Purânas*, que são praticamente ininteligíveis até que algumas chaves sejam fornecidas. É privilégio da Teosofia dar aos homens algumas dessas chaves.

"Um terço recusou-se: eles nascerão na Quarta" Raça. Eles encarnaram e reencarnaram muitas vezes na Raça Atlante, tendo nela uma participação ponderável. No tempo que estamos considerando, eles permaneceram inativos, ameaçados de renascer em piores situações, por não terem descido no momento exato em que poderiam contribuir positivamente para a evolução da humanidade. Diz-se que eles desceram e contemplaram as formas, "as formas repulsivas do princípio da terceira" Raça (D. S.¹ II 181 e D. S.⁴ III 168). Observem o Egotismo gritante, a separatividade, o orgulho. Eles contemplaram as formas da Terceira Primitiva e as desprezaram. "Repeliram-nas", "rejeitaram-nas com desdém", são as expressões usadas. Neles o Egotismo reinava supremo; "eles não desceriam", daí a maldição. E a maldição se cumpriu de forma terrível, tornando o trabalho mais difícil quando eles finalmente

encarnaram tornando mais aguda a sua luta, mais áspera e mais contundente, a fim de que aprendessem a lição necessária. Assim, deixemos por agora os nossos *Não-Deuses* esperando o seu tempo de descer. Dois terços obedeceram. Eles eram os *Pais Desprovidos do Fogo* e os *Filhos de Vênus*, que aceitaram o trabalho e cumpriram o dever. A Terceira Raça continuou a evoluir. Recordemos o que foi dito ontem sobre os três estágios da Terceira Raça: primeiro a forma assexuada, depois a hermafrodita e finalmente aquela em que houve a separação dos sexos. Os homens divinos de Vênus chegaram no começo do segundo estágio da Terceira Raça e, por sua influência, o androginismo latente rapidamente se desenvolveu em definido hermafroditismo, produzindo formas de grande beleza. "Foi sob a influência de Vênus que os *Duplos* da Terceira descenderam dos *Nascidos do Suor*" (D. S.¹ II 30 e D. S.⁴ III 43). Enquanto a massa das terceira e quarta sub-raças vagarosamente evoluíram através das formas animais e simiescas para nós repulsivas, um pequeno grupo, especialmente modelado para abrigar os *Filhos de Vênus*, "aparecia sob a forma de gigantes de divina beleza e força." (D. S.¹ II 172 e D. S.⁴ III 179).

Contemplemos as diferenças entre as formas existentes na Terra. Temos os maravilhosos Hermafroditas, belos, fortes e imponentes, desenvolvidos sob a direção imediata dos *Senhores de Vênus* e para seu próprio uso, como representantes de uma humanidade aperfeiçoada que havia já ultrapassado a fase de sexos separados. Tais formas não abrigavam Mônadas provenientes da Lua, mas serviam aos *Senhores de Vênus*, atuantes nelas como sua Mônadas. Vemos também as terceira e quarta sub-raças lentamente se desenvolvendo através do estágio hermafrodita e lentamente separando-se em corpos masculinos e femininos, como já foi explicado. Elas representam as quatro classes de Mônadas que alcançaram o estágio humano e são provenientes da Lua. As três que se tornaram humanas nas primeira, segunda e terceira Rondas mostram estágios diversos de desenvolvimento, e nas formas sobre as quais elas pairam as características humanas se desenvolvem em proporção ao grau de evolução das respectivas Mônadas. Muito longe delas vem a classe menos evoluída, ocupando formas tanto mais primitivas quanto mais atrasadas, e finalmente chegamos às Mônadas que somente atingiram a evolução humana na própria quarta Ronda. As formas que ocupam, naturalmente muito toscas e animais, são chamadas "cabeças-estreitas". Essa classe foi desprezada e negligenciada pelos seus irmãos mais adiantados e, como veremos, tornou-se a fonte de uma terrível degradação que pode servir de lição para, as classes mais desenvolvidas - uma lição tristemente necessária ainda hoje - da *Nêmesis* imposta ao conjunto pela lei do *Karma* coletivo, quando o superior negligencia e despreza o inferior e é por este arrastado em sua degradação.

Os Senhores de Vênus

A Terra, que apresentava tão variadas condições, chegaram os *Senhores de Vênus*, seguidos imediatamente pelos *Senhores da Chama*, os *Pais Desprovidos do Fogo Criador*. Alguns dos *Senhores de Vênus*, pela meditação e *loga*, modelaram corpos para o seu

próprio uso, outros penetraram nas formas hermafroditas, provenientes dos *nascidos do ovo* como já foi dito. Quanto aos *Pais Desprovidos do Fogo*, alguns tomaram as formas embrionárias ainda dentro dos ovos, desenvolveram-nas, e nela penetraram: "Os que penetraram tornaram-se Arhats" ("Estâncias" D. S.¹ II, 161 e D. S.⁴ III, 168). Dessa maneira foi estabelecida na Terra a primeira grande Hierarquia Oculta que, desde então, continua exercendo o seu trabalho benfazejo dentro dos vários graus que a compõem.

D. S.¹ II 228 e D. S.⁴ III 231: "Os Comentários Arcaicos explicam que, das Hostes de Inteligências que deviam encarnar como Egos das Mônadas Imortais ainda irracionais neste plano, algumas 'obedeceram' (à lei da evolução) tão logo os homens da Terceira Raça ficaram física e fisiologicamente prontos, com a separação dos sexos. Estes foram os primitivos Seres conscientes que, adicionando conhecimento consciente, e vontade, à sua inerente pureza divina, criaram - pelo Poder Mágico - o homem semidivino, a semente dos futuros Adeptos na Terra."

Assim começa a gradual elevação da humanidade com a comunicação ao "homem animal" da centelha do intelecto, e a evolução da sexta e sétima sub-raças. Essa foi a tarefa especial dos *Senhores Desprovidos do Fogo*, não dos *Senhores de Vênus*. Os *Senhores de Vênus*, compõem o mais alto grau de Hierarquia de Sábios que prepara os grandes Instrutores para ensinar aos homens. De longe em longe, um desses Instrutores aparece entre os homens. Sobre Eles lemos que se estabeleceram em *Shamballah*, a mística Cidade Santa, no Deserto Central de Gobi.

D. S.¹ II 220 e D. S.⁴ III 223: "Dizem as tradições, e os arquivos do Grande Livro (o Livro de Dzyan) explicam que muito tempo antes dos dias. de Ad-an, e sua imprudente esposa He-va, na região onde hoje nada se encontra além de lagos salgados e desertos desolados e nus, havia um vasto mar interior que se estendia no meio da Ásia, ao norte da soberba cadeia do Himalaia e seus prolongamentos ocidentais. No mar se via uma ilha de esplêndida beleza, sem rival no mundo, habitada pelos últimos remanescentes das raças que precederam a nossa. A expressão 'últimos remanescente' refere-se aos Filhos da Vontade e da loga os quais, assim como um pequeno número de tribos, sobreviveram ao grande cataclismo (da Lemúria). Eles eram os Filhos de Deus. Foram eles que comunicaram aos homens os mais extraordinários segredos da natureza. A ilha ainda hoje existe, porém transformou-se em um oásis no meio da terrível solidão do grande Deserto de Gobi, cujas areias, que se saiba, jamais foram cruzadas por Pés humanos. Os hierofantes de todos os Colégios Sacerdotais sabem da sua existência. Não havia comunicação marítima com a formosa ilha, mas passagens subterrâneas, conhecidas apenas pelos chefes, davam-lhe acesso em todas as direções."

Eles chegaram a essa região vindos do longínquo Norte, sua primitiva morada, a Terra dos Deuses. Construíram *Shamballah* e nela habitaram e, desde então, aí sempre permaneceram, sem mudanças. Diz-se que *Shamballah* está no coração da Terra, a frase mística significando que nela moram Aqueles que são o Coração da vida da humanidade, porque Deles fluem e para Eles voltam todas as correntes da vida espiritual da Terra.

D. S.¹ II 400 e D. S.⁴ III 399: "Entre a Primeira e a Segunda (Raças) a Eterna (Terra) Central foi dividida pela Água da Vida. Ela corre em torno, e anima o corpo (da Mãe Terra). Flui de sua cabeça e torna-se impura aos seus Pés (o Polo Sul). Purifica-se (ao voltar) ao coração - que bate aos pés da sagrada Shamballah que então (no começo) ainda não havia nascido."

Assim como o sangue parte do coração do homem para nutrir todas as partes do seu corpo e volta carregado de impurezas para ser regenerado e reenviado à circulação, assim também as correntes da vida espiritual partem do Coração espiritual. Voltam depois ao Coração carregadas de impurezas, poluídas pelo contato com o mundo inferior, a fim de serem purificadas e reintegradas em sua função. Assim se cumpre o Sacrifício perpétuo que sustenta e acelera a evolução humana.

Quando os *Senhores de Vênus* - os *Dragões da Sabedoria* como são chamados muitas vezes - chegaram à nossa Terra, com Eles trouxeram sementes de vários tipos de seres vivos desenvolvidos em Vênus, para melhorar e apressar a evolução terrestre. Talvez possamos lembrar o que se diz sobre a vinda do *Manu*, em companhia de outros Sábios, trazendo com ele, em Seu navio - a arca - muitas sementes de vida. Tais sementes não eram somente as das vidas espiritual e intelectual, mas também as da vida física existente em Vênus. O trigo, por exemplo, não pertence à nossa Terra, e a sua origem tem intrigado os botânicos. Foi cruzando as sementes de trigo, trazidas de Vênus, com várias gramíneas nativas na Terra que os antigos Instrutores obtiveram os diversos grãos que usamos como alimento.

D. S.¹ II 364,373 e D. S.⁴ III 363,372: "Era atribuída aos Kabiri a providencial revelação da cultura do cereal (trigo)." "Frutas e grãos, desconhecidos na Terra naqueles tempos, foram trazidos de outras esferas pelos Senhores da Sabedoria em benefício daqueles a quem governavam... dizem os 'Comentários'. Se alguém afirmar que não existem grãos ou frutos desconhecidos na terra, lembraremos ao leitor que o trigo jamais foi encontrado em estado selvagem: ele não pertence a Terra. A origem de todos os outros cereais foi encontrada em várias espécies de gramíneas selvagens, com exceção do trigo que, até agora, tem desafiado os esforços dos botânicos nesse sentido."

As abelhas e as formigas, com seus extraordinários sistemas sociais e atividades disciplinadas, são nativas de Vênus onde a evolução atingiu a um estágio muito mais avançado que a nossa e, por isso os próprios reinos vegetal e animal estão em um nível mais elevado do que os mesmos reinos entre nós.

Os *Dragões da Sabedoria* são "os primeiros Adeptos, do tempo, da Terceira Raça, seguidos dos da Quarta e Quinta Raças (D. S.¹ I 210 e D. S.⁴ III 214) diz H. P. B. "Eles foram os *Filhos do Fogo*, os discípulos imediatos dos *Pais* a *chama Primordial*" (D. S.¹ I 88 e D. S.² I 152, 155). A essa classe pertenciam os *Buddhas*, isto é, o Supremo *Buddha*, e o *Bodhisattva*, dados à Terceira Raça, e também muitos *Arhats*, com a entrada de alguns dos *Pais Desprovidos do Fogo*, no glorioso grupo. Outros dentre Eles ocuparam as mesmas posições na Quarta Raça. Na Quinta Raça são encontrados vinte e quatro, quase todos *Pais Desprovidos do Fogo*, conhecidos como os vinte e quatro *Tirthankaras*, entre os *Jainos* (D. S.¹ II 423, 173,275 e D. S.⁴ III 421, 180, 277).

Os Divinos Hermafroditas do meio da Terceira Raça, os *Santos Pais*, como são chamados, criaram Filhos por meio da Vontade e da loga para a encarnação dos mais elevados *Pais Desprovidos do Fogo*, os "*Ancestrais* - ancestrais espirituais - e Mestres de todos os subsequentes e atuais *Arhats* ou *Mahatmas*" (D. S.¹ II 423, 173 e 275 e D. S.⁴ III 421, 180 e 277). Segundo nos ensinaram, esses *Filhos da Vontade e da loga*, assim como outros do mesmo grau, por sua vez produzirão *filhos nascidos da mente* quando no futuro a Sétima Raça estiver em curso.

Foram também Eles quem, vigiando a evolução do final da Terceira e da Quarta Raças, irritaram-se com os filhos da Atlântida, como veremos mais tarde quando estes se precipitaram na degradação, e apressaram as grandes catástrofes que sepultaram a Atlântida sob as vagas do oceano. Eles são considerados sempre como os Instrutores Divinos, Aqueles que superintenderam a evolução espiritual da humanidade, e guiaram as forças cósmicas no sentido de servir a evolução. Os Reis Divinos - das dinastias primitivas - que guiaram a humanidade intelectualmente, ensinando ciências e artes e guiando a sua evolução social, foram alguns dos mais elevados *Pais Possuidores do Fogo*, os *Titan-Kaborim*, a que aludem as tradições de povos muito antigos. Diz H. P. B. "*Eles são verdadeiramente os Deuses benéficos e poderosos de quem fala Hermone Cassius. As Kabirim, Cora e Demeter, possuíam um santuário em Tebas e outro em Memphis. Os Kabiri mantinham um templo considerado tão sagrado que nele somente sacerdotes podiam penetrar... No começo dos tempos Eles também encarnaram como os Reis das dinastias divinas sendo, portanto, os Governantes da humanidade. Deram o primeiro impulso à civilização e dirigiram a mente com que haviam dotado os homens para a invenção e aperfeiçoamento das artes e das ciências. Assim, diz-se dos Kabiri, que foram os benfeitores dos homens, e essa imagem permaneceu na memória das nações. Aos Kabiri, ou Titãs, é atribuída a invenção da escrita... das leis, da arquitetura, bem como dos diversos tipos de magia e o uso medicinal das plantas*" (D. S.¹ II 363 e D. S.⁴ II I 363). Os ocultistas referem-se a esses Seres divinos como os *Manushis*, que ensinaram o *Senzar* - a linguagem sagrada - às Terceira e Quarta Raças.

D. S.¹ I 26 e D. S.⁴ I 64: *Houve um tempo em que o Senzar, a linguagem sacerdotal secreta, era conhecida dos Iniciados de todas as nações, e os ancestrais dos toltecas a entendiam tão bem quanto os habitantes da perdida Atlântida, que por sua vez o haviam herdado dos sábios da Terceira Raça, os Filhos do Manu, que a haviam aprendido com os Deuses da Segunda e Primeira Raças:"*

A Humanidade da Terceira Raça

Havendo tratado dos Governantes, voltemos à humanidade que Eles governaram. Os homens de grau mais elevado, os discípulos imediatos e ministros dos Reis Divinos, eram os *Pais Desprovidos do Fogo* das classes inferiores que, gradualmente, chegaram a ser *Arhats*, ocupando os melhores dentre os tipos de corpos da quarta e quinta sub-raças. A segunda classe de *Pais Solares* vindos da Lua encarnaram na sexta e na sétima sub-raças, desempenhando nelas o papel de líderes, até que - na Quarta Raça - chegou a primeira

classe, que era mais evoluída. Abaixo dessas classes existiam os quatro grupos de Mônadas vindas da Lua, antes mencionadas, apresentando uma variedade imensa de graus de adiantamento, desde os homens semidivinos que rodeavam os Reis Divinos até os tipos semi-animais de *cabeça-estreita*. Em todas as classes mais elevadas o terceiro olho funcionava ativamente, de modo que os mundos astrais estavam, para eles, tão abertos quanto o físico. O poder do terceiro olho diminuía gradativamente nas classes mais inferiores chegando a ser quase inexistente nos *cabeças-estreitas*. Durante as sexta e sétima sub-raças, conforme já vimos, o terceiro olho foi vagarosamente retirando-se para o interior acabando por desaparecer com os atlantes.

Na primeira parte da Terceira Tardia vemos o alvorecer de uma civilização requintada, onde os *Antigos* guiavam os jovens, que ainda eram obedientes, tratáveis e intuitivos, docilmente evoluindo na trilha dos *Mais Velhos*. A organização estava inteiramente a cargo dos *Mais Velhos*) daí a sua beleza. Obviamente tal situação não poderia ser permanente, por ser a beleza da infância, cuidadosamente orientada e escudada, não a beleza da maturidade, independente e autodirigida. Guiada pelos Reis Divinos a sexta sub-raça construiu a primeira cidade de rocha e lava, na região de Madagascar. A esta seguiram-se muitas outras, das quais ainda se encontram em lugares diferentes, imensos fragmentos que a engenharia moderna não seria capaz de manejar - ruínas de templos monumentais - chamadas hoje ruínas ciclópicas.

D. S.¹ II 317 e D. S.⁴ III 317: "Existiam homens nos ,continentes que foram submersos nos primeiros períodos geológicos; sim homens e nações civilizadas, (1) não somente selvagens paleolíticos os quais, sob a direção dos Divinos Governantes construíram grandes cidades, cultivaram artes e ciências e conheceram com perfeição astronomia, arquitetura e matemática. A civilização lemuriana não começou, como se poderia pensar, imediatamente após a transformação fisiológica dos seus homens. Entre a evolução final e a construção da primeira cidade passaram-se centenas de milhares de anos. Encontramos, entretanto, os lemurianos construindo a primeira cidade de pedra e lava, em sua sexta sub-raça. Uma dessas enormes cidades, de estrutura primitiva, construída inteiramente de lava, situada a cerca e trinta milhas a oeste do lugar onde atualmente a Ilha da Páscoa estende a sua estreita faixa de solo estéril, foi inteiramente destruída por uma série de erupções vulcânicas. Todos os remanescentes das construções ciclópicas representam o trabalho das derradeiras sub-raças lemurianas. Por isso, nenhum ocultista se espanta ao ouvir que as relíquias de pedra encontradas pelo Capitão Cook no pequeno trato de terra chamado Ilha de Páscoa são extremamente parecidas com os muros do Templo de Pachacamac ou as ruínas de Tia-Huanaco no Peru, todos no mesmo estilo ciclópico. Não obstante, foi na terra, hoje conhecida como a ilha de Madagascar, então parte integrante de um continente, que surgiram as primeiras grandes cidades."

(1). N T (v "Doutrina Secreta" -- Vol. II. The Theosophical Publishing House, 1928. p. 330 - última linha).

Os gregos e egípcios primitivos receberam dos lemurianos o tipo ciclópico de construção, e nos templos egípcios, como o de Karnac, vemos os sinais da construção lemuriana praticada por seus descendentes da Quarta Raça. Também nos velhos templos do sul da Índia aparecem traços do mesmo estilo maciço de construção. A

julgar pelas ruínas de Karnac, podemos imaginar como seriam as edificações de homens ainda mais possantes do que os que levantaram pedras tão formidáveis. Contemplemos as enormes pirâmides do Egito, e ponderemos sobre o conhecimento e a habilidade que guiaram tão estupenda força, mesmo que tais pedras não tenham sido manejadas somente à força de músculos e engenhosos mecanismos. Elas foram levantadas por quem sabia controlar e usar a energia representada pelo magnetismo terrestre, tornando as pedras leves a ponto de flutuarem, podendo ser levadas ao lugar desejado pelo toque de um dedo. Algumas dessas "pedras oscilantes" permaneceram até hoje no lugar onde foram colocadas pelos dedos dos lemurianos, a quem também chamamos *Danavas* (gigantes). Os *Danavas* eram a sexta e a sétima sub-raças da Terceira Raça. As "pedras oscilantes" constituem um dos enigmas que a ciência moderna ainda não conseguiu decifrar, tentando encontrar uma explicação na erosão pelo gelo ou pela água, o que é evidentemente inadequado. O que são realmente as "pedras oscilantes"? Um transmissor de mensagens vindas dos Instrutores, as oscilações das pedras desempenhando a mesma função que, hoje em dia, desempenham as agulhas do Telégrafo Morse.

Acabamos de mencionar os *Danavas*, o que nos traz à memória as antigas histórias em que eles eram, a princípio, piedosos e puros, porém, mais tarde, foram gradualmente degenerando. Acompanhemos o processo dessa degenerescência.

Declínio e Destruição da Lemúria

A evolução ainda está no arco descendente, porém quase atingindo o seu termo. A matéria está, rapidamente, tornando-se cá da vez mais densa, e os corpos são cada vez mais materiais: gigantescos, fortes e imponentes. Com a separação dos sexos, o instinto criador inerente a toda vida, começou a manifestar-se veementemente sob a forma até então desconhecida de paixão sexual. Nos assexuados o instinto criador havia laborado de maneira tranquila e suave na produção de novas formas. A excitação física violenta misturada ao prazer da paixão sexual despertou primeiro nos animais, e depois nos homens. Os *Pais Desprovidos do Fogo* e os *Pais Solares* - revestidos de corpos mais densos e mais robustos a cada encarnação - conscientes do próprio poder intelectual e sentindo-se como *Deuses* sobre a Terra, transmutavam na paixão sexual, até então ignorada, as poderosas correntes de vitalidade que recebiam do alto. Frequentemente eles eram atraídos por mulheres de classes menos evoluídas e, unindo-se a elas, produziram uma progênie de tipo inferior ao deles próprios. Os brilhantes *Filhos da Luz* uniram-se a mulheres mais terrenas - "os Filhos de Deus acharam belas as filhas dos homens e as tomaram por esposas" diz a muito verdadeira tradição hebraica (Gênesis VI, 2). E a humanidade mergulhou ainda mais na Matéria. Era necessário que a humanidade descesse profundamente na Matéria para poder conquistá-la e, dessa primeira refrega, muitos saíram derrotados. Surgiu uma separação entre os que, no fragor da batalha, continuaram fiéis às leis da Hierarquia Divina, e os que sucumbiram à embriaguez do prazer dos sentidos da matéria grosseira,

voltando as costas aos Senhores da Luz. A separação desencadeou guerras. Os mais puros lentamente deslocaram-se para o norte; os mais grosseiros espalharam-se na direção sul, leste e oeste; fizeram alianças com *Elementais* grosseiros e passaram a adorar a Matéria de preferência ao Espírito. Assim eram os pais do povo atlante, a Raça em que a Matéria iria alcançar o seu mais denso estado e conquistar os mais completos triunfos. Deu-se nessa época a primeira divisão entre os seguidores da luz e os seguidores das trevas, o que se tornou cada vez mais profundo, provocando na Atlântida resultados ainda mais terríveis. As imagens deificadas dos gigantes lemurianos foram adoradas como personificações de Deuses e Heróis na Quarta e na Quinta Raças, e muitas são as lendas que perpetuam a história dos seus grandes feitos, seus magníficos combates, e sua força colossal.

Ao mesmo tempo em que a separação se aprofundava, convulsões gigantescas começaram, em vasta escala, a fragmentar a Lemúria. Terremotos sacudiam as terras, vulcões irromperam lançando longe torrentes de lavas candentes. O imenso continente dividiu-se em grandes ilhas, cada uma tão grande como um continente. Estas, por sua vez, sofreram novas convulsões, até que, cerca de 700.000 anos antes do início do Período Terciário, a Lemúria desapareceu como tal, devastada pelo fogo, sulcada pela lava, obscurecida por grandes explosões de vapor gerado pelo choque entre a água e o fogo, em meio a chama atrojadoras e ondas colossais. Uma por uma, as Ilhas afundaram, nos vórtices de fogo e mar.

Das regiões que não foram destruídas algumas se tornaram parte da Atlântida, outras ficaram isoladas como a Austrália e, nelas, sobreviventes da Terceira Raça continuaram a habitar ainda por longo tempo. Os aborígenes australianos e tasmanianos, agora quase extintos, pertencem à sétima sub-raça lemuriana; os malaios e os papuas descendem de um cruzamento entre esta sub-raça e os atlantes; os hotentotes constituem outro remanescente. Os dravidianos do sul da Índia são uma mistura da sétima com a segunda sub-raça atlante. Onde for encontrada uma raça marcadamente negra a ascendência lemuriana estará caracterizada.

O Pecado dos Sem-Mente

Antes de encerrar o estudo de hoje devemos novamente nos referir à recusa dos *Não-Deuses* em tomar o seu devido lugar na evolução, pois essa não-cooperação resultou em uma terrível degradação, uma descida em vez de uma subida, dos que deveriam ter-se tornado verdadeiramente homens.

Nesse aspecto o ensinamento científico moderno e as tradições ocultas entram em violento conflito. A Ciência moderna postula a existência de um ancestral comum aos macacos antropóides e aos homens. O Ocultismo afirma que os antropóides são os descendentes tardios de uma mistura entre os reinos humano e animal, o que teve lugar no fim da Terceira Raça. Recordemos que a mais atrasada dentre as classes de Mônadas humanas vindas da Lua - aquelas que apenas haviam pisado o limiar do reino humano, no fim de terceira Ronda e eram chamadas *cabeças-estreitas* - ainda não

estavam prontas para receber a centelha da mente. Elas já possuíam sexos separados, mas eram ainda completamente guiadas pelos instintos animais. Alguns representantes dessa classe, no tempo da sétima sub-raça, uniram-se a animais semelhantes aos macacos, dos quais não eram muito diferentes quanto a forma externa, mas sim quanto ao adiantamento evolutivo das Mônadas, ainda pertencentes ao reino animal. Tal união gerou uma raça meio-humana meio animal, cujos descendentes, por sua vez, uniram-se mais tarde com os atlantes os mais atrasados dos últimos tempos, dando existência a seres híbridos como os sátiros das velhas lendas gregas - habitantes das florestas e dos lugares solitários, o terror dos homens mais evoluídos, seres extremamente bestiais - produto da aliança degradante. Destes, de acordo com o Ocultismo, descendem os macacos antropoides, os únicos representantes do reino animal que passarão ao reino humano ainda em nossa Cadeia.

D. S.¹ II 184, 192 e D. S.⁴ III 190, 197: "Os animais separaram-se primeiro (em macho e fêmea). Eles (os animais) começaram a reproduzir-se. Os homens duplos (hermafroditas) também se separaram (em sexos diferentes). Disseram: 'Façamos como eles (os animais), unamo-nos para gerar criaturas'. Assim foi feito. Os que não possuíam a centelha (os cabeças-estreitas) uniram-se a fêmeas de animais e produziram raças mudas. Eles (os cabeças-estreitas) também eram mudos, mas suas línguas se desataram. As de sua progênie, porém permaneceram presas. Eles geraram monstros. Uma raça de monstros cobertos de pelo vermelho, encurvados, locomovendo-se sobre quatro pés. Uma raça muda para silenciar sobre o segredo da degradação." "Assim, pois, o Ocultismo rejeita a ideia de haver a Natureza desenvolvido o homem, a partir do macaco, ou mesmo de um ancestral comum a ambos. Ao contrário, coloca os antropoides como descendentes da Terceira Raça, no começo do período atlante". "No período inicial da quarta evolução humana, o reino humano ramificou-se em várias direções. A forma externa de suas primeiras espécies não era uniforme porque os veículos (cascas de forma ovoide dentro das quais as criaturas humanas passavam o período de gestação), antes de endurecerem, eram, às vezes, poluídos por enormes animais pertencentes a espécies hoje inexistentes e que haviam sido criados pelos esforços da Natureza sem orientação das Inteligências, resultando no aparecimento de monstros meio-animais e meio humanos. Tais seres, sendo falhos, não podiam perdurar e sobreviver, mas algumas de suas fêmeas foram tomadas como companheiras pelos Nascido do Ovo que não lhes eram muito superiores em qualidades e, dessa maneira, novos monstros foram gerados. No decorrer da evolução, as características animais e humanas tornaram-se mais definidas e os representantes dos dois reinos não mais coabitaram. O homem deixou de criar e passou a gerar. Mas, naqueles velhos tempos, além de homens, gerou também animais. Por isso, os Sábios que falaram de machos que não mais criavam pela vontade mas em fêmeas de outras espécies geravam animais e gigantes que eram assim os seus filhos, sabiam o que estavam dizendo. Mais tarde os machos humanos recusaram-se a ser considerados como os pais das criaturas mudas. Vendo tais coisas, os Reis e Senhores das Últimas Raças (Terceira e Quarta) colocaram o selo da proibição na coabitação pecaminosa, por interferir com o Karma e desenvolver novo Karma. Eles (os Reis Divinos) puniram os culpados com a esterilidade e assim destruíram as raças Vermelha e Azul".

D. S.¹ II 683 e D. S.⁴ IV 259: "A bestialidade das raças primitivas, desprovidas de mente,

resultou na produção de enormes monstros semelhantes a homens, a progênie de pais humanos e animais. À medida que o tempo transcorria e as formas semi-astrais consolidavam-se em físicas os descendentes dessas criaturas eram modificados pelas condições externas até que a prole, diminuindo em tamanho, culminou nos macacos inferiores do Mioceno. Os atlantes mais atrasados renovaram com estes o pecado dos Sem-Mente, desta vez com plena responsabilidade. O resultado do crime foram os macacos hoje conhecidos como antropóides."

D. S. ¹ 182 e D. S.⁴ I 224: "Passado o ponto médio da Quarta Raça da Quarta Ronda em nosso Globo, Mônada alguma (do reino animal) pode passar ao reino humano. O balanço está encerrado e a porta fechada neste Ciclo. Com uma única exceção: as raças mudas, cujas Mônadas já estão dentro do estágio humano, em virtude de terem esses 'animais' aparecido mais tarde do que o homem, e dele descenderem em parte, sendo os seus últimos representantes os antropóides e outros macacos. Esses 'arremedos de homens' são, na verdade, a copia adulterada da primitiva humanidade."

Nas Sexta e Sétima Raças da presente Ronda, em nosso Globo, eles atingirão a forma astral (etérica) humana e na Quinta Ronda entrarão verdadeiramente no reino humano. Tal foi o "pecado" dos Sem-Mente, e suas consequências.

"Vendo isso os Não-Deuses, que não haviam construído homens, lamentaram-se dizendo: 'Os Sem-Mente profanaram nossas futuras moradas. Isto é Karma. Habitemos nos restantes e ensinemo-los para que não aconteça pior: Assim o fizeram... Daí em diante todos os homens possuíram Mente.'" (Estâncias. D. S.¹ II 191 e D. S.⁴ III 197).

A Terra estava pronta para a evolução atlante. Nascera a Quarta Raça.

AS RAÇAS HUMANAS

O Nascimento do Continente Atlante

Vimos que no homem os sexos se separaram no meio da Terceira Raça, há cerca de 18.000.000 de anos. A Mônada continuou a exercer leve influência diretamente sobre os veículos, enquanto o terceiro olho não foi completamente obstruído pela matéria exterior. A influência da Mônada foi diminuindo na medida do aumento da densidade da matéria. Com o desenvolvimento da mente inferior a Mônada passou a operar por intermédio desta última, sendo ela própria relegada a um plano interno. A seção mais avançada da humanidade encontrava-se nesse ponto quando soou a hora do nascimento da Quarta Raça - a atlante - considerada como sendo a "primeira raça terrena verdadeiramente humana" (D. S.¹ II 266 e D. S.⁴ III 268) .

O Continente Atlante vinha-se formando lentamente enquanto o Lemuriano fragmentava-se, vítima de terremotos e erupções vulcânicas. Um novo continente emergiu do oceano enquanto o outro submergia em sua maior parte.

Da Terceira Raça foram selecionados pelo Manu da Quarta os tipos mais adequados à formação da nova humanidade: os de maior desenvolvimento intelectual e de corpos mais robustos e mais densos. Os escolhidos foram conduzidos pelo Manu, na direção norte, até a *Terra Sagrada Imperecível* onde, isolados, deveriam evoluir, para se estabelecerem mais tarde nas regiões nórdicas da Ásia, que haviam escapado das catástrofes da Lemúria.

As duas primeiras sub-raças atlantes coexistiram com a sexta e sétima lemurianas, na última etapa do Período Secundário, antes da última grande hecatombe lemuriana. O Período Secundário encerrou-se 700.000 anos mais tarde.

No que concerne à espiritualidade, a era mais gloriosa da Quarta Raça - sob o reinado das dinastias divinas - ocorreu durante o Eoceno, e o primeiro grande cataclismo (atlante) que a destruiu teve lugar nos meados do Mioceno, há cerca de quatro milhões de anos passados. Outra civilização esplêndida - a tolteca - surgiu depois do cataclismo e foi dizimada pela catástrofe de 850.000 anos atrás. Seguiram-se outras civilizações de menor brilho, que rapidamente examinaremos mais tarde. O último remanescente da Atlântida, a ilha que Platão chamou Poseidones, submergiu há onze séculos, no ano 9564 A. C.

As datas mencionadas acima estão envolvidas em grande obscuridade. H. P. B. coloca a primeira catástrofe no médio Mioceno e diz que "a Atlântida principal pereceu" há milhões de anos passados. O cataclismo de 850.000 anos atrás, no final do Plioceno, é considerado por ela como sendo o de Ruta e Daitya, aparentemente porque as ilhas assim denominadas foram, nessa época, separadas da América e ela coloca a primeira segregação de povos para a formação da Raça Ariana, mais ou menos 200.000 anos antes desse evento, isto é, há cerca de um milhão de anos. A atribuição dessa idade à Quinta Raça aparece várias vezes (D. S.¹ II 10 e D. S.⁴ III 23) e coincide com versões de outras autoridades resolvendo, de momento, a questão. O conflito volta, porém, com uma afirmativa isolada

(D. S.¹ II 712 e D. S.⁴ IV 283) que coloca o "milhão de anos" antes da catástrofe do Míoceno, contrariando outras opiniões, consistentes entre si, e geralmente aceitas (1). Entre a "Doutrina Secreta" e a "História da Atlântida" permanece uma discrepância séria. Segundo a "Doutrina Secreta" o cataclismo de 850.000 anos atrás foi o segundo; de acordo com a "História da Atlântida" foi o primeiro. A terceira (ou segunda) catástrofe, há 200.000 anos é ignorada na "Doutrina Secreta", e aparece na "História da Atlântida" como "relativamente sem importância" (2). A "Doutrina Secreta" também não menciona a catástrofe acontecida há 80.000 anos. O fato é que "as convulsões e fragmentações do leito do oceano" processaram-se durante eras sem conta mais ou menos violentamente, e uma ou outra pode ter sido selecionada como exemplo. Não possui a faculdade de fixar datas antigas e, assim, segui neste esboço o que encontrei na "Doutrina Secreta".

(1). "A 'afirmativa isolada' é naturalmente devida a uma expressão imperfeita ou inadequada do pensamento, frequente em H. P. B. A referência explícita ao 'Budismo Esotérico' não deixa dúvidas a respeito, assim como a declaração de H. P. B. que vem logo depois: 'Se são atribuídos 1.500.000 anos de duração ao Período Quaternário, somente nesse caso, a ele pertencerá a nossa Quinta Raça'. Por conseguinte, em vez da frase final: 'quando a Quinta (a raça ariana) tinha um milhão de anos de existência independente' coloque-se, abrindo uma nova frase: 'A Quinta (a raça ariana) tem um milhão de anos de existência independente'. Além disso, em carta que serviu de base à afirmativa do 'Budismo Esotérico', endereçada a A. P. Sinnet. disse o Mestre K. H.: 'Sim, a Quinta Raça - a nossa - começou na Ásia, há um milhão de anos'." (Ed. 1943).

(2). "Essas afirmativas não são perfeitamente corretas". (D. S.¹ II 710 e D. S.⁴ IV 280) "Em nenhum lugar é dito que o grande cataclismo do médio Mioceno tenha sido o primeiro. Ao contrário, convulsões menores precederam-no." "No Período Eoceno, mesmo em seu começo, o grande ciclo da Quarta Raça - a dos atlantes - havia já atingido a culminância e o grande continente, pai de quase todos os continentes atuais, mostrava os primeiros sinais de afundamento, um processo que durou até há 11.446 anos atrás (contados em 1882), quando a última ilha cujo nome - traduzido da sua denominação original - é conhecido como Poseidonis, submergiu com fragor". (Ed. 1943). O cataclismo de 850.000 passados também não é mencionado especificamente como sendo o segundo. Finalmente, a chamada "terceira catástrofe", de há cerca de 200.000 anos, não é totalmente ignorada na "Doutrina Secreta". (Ed. 1943).

A Atlântida, o imenso continente da Quarta Raça, chamado *Kusha* nos arquivos ocultos, abrangia o norte da Ásia, intacto desde a era lemuriana, segundo se diz, alongando-se consideravelmente para o norte a partir do grande mar, hoje o Deserto de Gobi. Estendia-se para o Oriente como um bloco inteiro de terra, incluindo a China e o Japão e ultrapassando-os para alcançar a costa oeste da América do Norte. Para o sul, abrangia a Índia, o Ceilão, Burma e a Península Malaia, incluindo, na direção oeste, a Pérsia, a Arábia, a Síria, o Mar Vermelho e a Abissínia, e ocupando a bacia do Mediterrâneo que abrangia o sul da Itália e da Espanha. Projetando-se da Escócia e da Irlanda; então acima das águas, estendia-se sobre o que hoje é o Oceano Atlântico e grande parte das Américas

do Norte e do Sul. A catástrofe que, no médio Mioceno, há cerca de quatro milhões de anos fragmentou o continente em sete ilhas de tamanhos diversos, trouxe à superfície a Noruega, a Suécia, grande parte do sul da Europa, o Egito e aproximadamente toda a África, assim como grande extensão da América do Norte. Ao mesmo tempo, o norte da Ásia submergiu, separando a Atlântida da *Terra Sagrada Imperecível*. As ilhas, mais tarde chamadas Ruta e Daitya, que hoje formam o fundo do Oceano Atlântico, foram destacadas da América, mas continuaram unidas por um cinturão de terra, que submergiu na catástrofe de 850.000 anos atrás, no final do Plioceno, criando as duas ilhas que pereceram mais tarde na convulsão há cerca de 200.000 anos, de tudo restando apenas Poseidonis, isolada no meio do Atlântico.

D. S.¹ II 10, 314, 433 e D. S.⁴ III 23, 314, 431: *"Cerca de 850.000 (anos decorreram) desde a submersão da última grande península (ou ilha?) da extensa Atlântida:" "A destruição das famosas ilhas Ruta e Daitya, sendo esta a menor, ocorreu há 850.000 anos, na parte final do Plioceno, fato que não deve ser confundido com a submersão do próprio continente durante o Mioceno. Os geólogos não devem colocar o Mioceno há somente 850.000 anos. Foi há vários milhões de anos que pereceu a parte principal do Continente Atlante." "As últimas populações de gigantescos atlantes desapareceram há cerca 850.000 anos (com as ilhas - continentes Ruta e Daitya) perto do encerramento do Período Mioceno (leia-se Plioceno)."*

D. S.¹ 1 550 e D. S.⁴ 11 367: *"São atribuídos... 1.000.000 de anos à nossa atual (ariana) Raça-Raiz (a Quinta), e cerca de 850.000 anos à submersão da última grande Ilha de Ruta, (originalmente) parte do continente (Atlante). A pequena ilha de Daitya, habitada por um povo mestiço, foi destruída há cerca de 270.000 anos, durante ou perto da era glacial." [Ruta e Daitya não foram, portanto, destruídas de uma só vez.] Ruta desapareceu primeiro. Daitya seguiu-a somente meio milhão de anos depois e, ainda assim, não completamente, pois como remanescente sua ficou a Poseidones de Platão, que afundou há apenas 9.625 anos (Ed. 1943)].*

Em referência às datas das catástrofes e à distribuição de terras e mares deve ser lembrado que variam, de acordo com a catástrofe selecionada para a crônica e a época - separada por largos períodos - que determinado mapa representa. As informações possíveis são fragmentárias, de difícil coordenação e apenas podem ser consideradas como tentativas e aproximações.

O Nascimento da Raça Atlante

Os lemurianos selecionados para serem os pais do grupo atlante foram conduzidos pelo Manu da Raça à *Terra Sagrada Imperecível*, e estabelecidos separadamente nos sete promontórios. "Dois a dois, nas sete zonas" diz o *Livro de Dzryan*, "assim a Terceira Raça deu nascimento à Quarta" ("Estâncias", D. S.¹ II 227 e D. S.⁴ III 230) há cerca de oito milhões de anos (no artigo anexo à "Cronologia Oculta" eu calculei cinco em vez de oito milhões, como aproximação naturalmente. Ed. 1943), no final da Era Secundária. Os atlantes nasceram sob

Lua e Saturno. A magia negra desenvolveu-se consideravelmente entre eles, especialmente na sub-raça tolteca quando, com perícia, foi feito uso dos *raios escuros* da Lua, que eram emanções do lado obscuro da mesma. A Saturno foi parcialmente devido o enorme desenvolvimento da mente concreta que marcou a mesma sub-raça, influenciando também a cultura egípcia. Eles foram, ainda, chamados os *Filhos Daquele que tem Mãos de Lótus*, por ser a flor de lótus símbolo da geração, em alusão ao fato de a Quarta Raça ter sido fruto da união dos sexos. A notável densidade alcançada então pelo corpo humano acarretou o reconhecimento claro dos impactos dos sólidos, que haviam oferecido fraca resistência às formas sutis da humanidade anterior.

A Rmoahal

Na primeira sub-raça da Quarta Raça, a Rmoahal, de cor branca, encarnaram os *Não-Deuses*. Para ela também vieram, em multidão, os *Pais Solares* da primeira classe, as Mônadas da Lua. Quando o tipo atlante, depois de longas eras, estava definitivamente firmado, eles se deslocaram para o sul, sob o comando dos Reis Divinos, os *Pais Desprovidos do Fogo*, e gradualmente construíram uma poderosa civilização. Ao avançar, eles impeliam à sua frente os lemurianos que ainda habitavam a África e as terras adjacentes que se haviam erguido do oceano, nelas construindo cidades sólidas e tornando-se um povo sedentário. O terceiro olho era ainda usado, mas os dois olhos físicos comuns haviam-se desenvolvido e o estavam substituindo. O mundo astral ainda não estava completamente vedado à visão geral e a suscetibilidade às impressões astrais permanecia em grande parte assim como a atitude de docilidade em relação aos Divinos Governantes, tidos em consideração e praticamente adorados por aqueles a quem guiavam e treinavam. Os *Não-Deuses* ainda não dominavam suficientemente os próprios corpos para pretenderem subjugar seus semelhantes, e assim a nova civilização progredia placidamente.

A Tlavátli

A segunda sub-raça, a Tlavátli, de cor amarela, cresceu na terra que se acha hoje sob o oceano Atlântico, e também era guiada e governada pelos Reis Divinos. Os *Não-Deuses* colocavam-se firmemente à frente da evolução humana à medida que o tempo passava, mas continuavam ainda obedientes aos Senhores da Luz, governando vastas áreas e laborando para o progresso da agricultura e da arquitetura, que se aperfeiçoaram sob a sua brilhante liderança. Nenhum outro período foi tão pacificamente grande como esse do alvorecer da civilização atlante sob os Reis Divinos.

A Tolteca

Entrementes, sob o céu ocidental, começava a surgir uma sub-raça mais intelectual, possuindo, no entanto, um corpo físico de maior densidade, Era a sub-raça tolteca, destinada a levar a civilização da Quarta Raça ao ponto de sua máxima materialidade: e também à sua mais terrível queda. Nela nasceram os mais poderosos *Não-Deuses*, e o melhor dentre os *Pais Solares*. Os toltecas estabeleceram-se em terras fora das áreas varridas pela vasta convulsão que transformou o continente em sete Ilhas. A hecatombe destruiu a maior parte da primeira e da segunda sub-raças. A primeira derivou para o norte, diminuiu de estatura e declinou na barbárie. A segunda gravitou para o sudoeste, misturou-se com os lemurianos que ainda vagavam pela área e deu origem aos povos dravidianos.

O terreno estava aberto para a expansão da grande sub-raça tolteca, bela e de feições bem talhadas, sendo ainda gigantesca, com cerca de vinte e sete pés (18,10 m) mas bem proporcionada de cor vermelha para avermelha amorenada. Seus corpos, assim como os da quarta e quinta sub-raças, eram de material mais denso do que o de qualquer outra anterior ou posterior a elas, e de dureza suficiente para entortar uma barra de ferro de nossos dias que fosse atirada sobre eles, ou romper uma barra de nosso aço que com eles se chocasse; nossas facas não cortariam sua carne, do mesmo modo que não pode hoje cortar uma rocha. Não é preciso acrescentar que os minerais daquele tempo eram também muito mais duros que os de hoje, conservando em referência aos corpos humanos de então, a mesma relação que existe agora entre nossos minerais e nossos corpos. Outra peculiaridade de então era o extraordinário poder recuperador que possuíam, curando-se imediatamente dos piores ferimentos recebidos em batalhas ou acidentes, regenerando-se os tecidos com incrível rapidez. Eram indenes a choques nervosos resultantes de lacerações e não sofriam agudamente com as torturas físicas, mesmo quando infligidas com crueldade humana deliberada. Possuíam estrutura nervosa forte, porém não refinada nem delicadamente equilibrada em sua coordenação interna. Daí poderem suportar sem inconveniente choques e tensões que prostrariam um homem da Quinta Raça, destruindo-lhe o equilíbrio nervoso. Carne como pedra e nervos como fios de aço, seria a melhor descrição dos corpos dessa sub-rara. O sentido do paladar, em desenvolvimento, apenas respondia a estimulantes muito poderosos, sendo eles incapazes de distinguir sabores delicados; carne podre, peixe deteriorado, alho e todos os condimentos de gosto acre, sólidos e líquidos azedos e picantes eram, para eles, os mais deliciosos alimentos. Tudo o mais era desenhado e insípido. Como não possuíam o sentido do olfato podiam viver tranquilamente no meio do mais terrível mau cheiro. Embora as classes superiores usassem de escrupulosa limpeza em suas pessoas e em suas residências, a vizinhança da mais terrivelmente fétida sujidade - contanto que lhes não ofendesse a vista - em nada os perturbava. Traços dessas peculiaridades físicas ainda permanecem em muitos dos seus descendentes. Os Índios norte-americanos recuperam-se de ferimentos que matariam um homem da Quinta Raça por dano nos tecidos ou por choque nervoso, e são capazes de suportar impassíveis torturas que fariam imediatamente desmaiar um representante da nossa Raça. Os birmaneses enterram o peixe e a carne que vão consumir e os consideram finíssimos manjares quando em condição putrefata. Todos eles são capazes de viver entre odores insuportáveis para alguém da Quinta Raça. O terceiro olho que, como já vimos, recuara para o interior, tornou-se cada vez mais fraco com a densificação da matéria

acabando por desaparecer completamente no decorrer da sub-raça tolteca, continuando porém funcionalmente ativo por longas eras durante as sub-raças subsequentes. Mesmo após o seu desaparecimento como órgão físico, permaneceu suscetível a impulsos astrais e a percepção superfísica era, assim, geral. Nos dias da degradação tolteca, as classes dominantes recorreram a processos de magia negra a fim de privar das faculdades superfísicas aqueles quem desejavam escravizar e oprimir. Não somente cessaram de adestrá-las, conforme era o costume nos primeiros tem como procuravam deliberadamente paralisá-las ou mesmo destruí-las. A despeito disso elas sobreviveram em muitas nações e tribos.

Linguagem

Tanto entre os toltecas como entre os turanianos e semitas - quarta e quinta sub-raças - a linguagem era aglutinativa e esta foi a mais antiga forma de linguagem dos *Gigantes Demônios*, considerada típica dos enormes turanianos a quem o nome de *Gigantes Demônios* é especialmente dado. Mais tarde a linguagem tornou-se flexiva e, como tal passou à Quinta Raça.

D. S.¹ II. 198 e D. S.⁴ III 203: "Os Comentários explicam que a Primeira Raça - os etéricos (ou astrais) Filhos da loga, também denominados Auto-Gerados - eram, de certa maneira. mudos, por não possuírem mente em nosso plano. A Segunda Raça apresentava uma linguagem de sons composta somente de vogais moduladas como canto. A Terceira Raça desenvolveu a princípio uma espécie de linguagem que era apenas um aproveitamento ligeiramente aperfeiçoado dos diferentes sons da natureza, imitações dos gritos dos gigantescos insetos e dos primeiros animais que começavam a aparecer na era dos Nascidos do Suor (a Terceira Primitiva) . No período seguinte, quando os Nascidos do Suor geraram os Nascidos do Ovo (a Terceira Media), e quando estes últimos em vez de se desenvolverem no ovo (Perdoe o leitor a expressão um tanto ridícula quando aplicada, em nossa era, a espécimes humanos) como andróginos, passaram a seres de sexos separados, e ainda quando a mesma lei da evolução levou-os a reproduzirem-se sexualmente, um ato que forçou os Deuses Criadores, impelidos pela lei cármica, a encarnar nos Sem-Mente, somente então a fala apareceu e, mesmo assim, apenas como tentativa. Toda a raça humana tinha naquele tempo 'uma linguagem e um lábio'. Não obstante, as duas últimas sub-raças da Terceira Raça construíram cidades e espalharam amplamente as sementes da civilização, sob a orientação dos Instrutores Divinos e de suas próprias mentes já despertas. Lembre-se o leitor de que, assim como as Sete Raças dividem-se em Quatro Idades: - de Ouro, de Prata, de Bronze e de Ferro -, assim acontece também com as divisões menores. De acordo pois com o ensinamento oculto, a linguagem desenvolveu-se na seguinte ordem:

I - A linguagem monossilábica foi usada pelos primeiros seres humanos, ainda incompletamente desenvolvidos, no final da Terceira Raça-Raiz, os homens de pele amarelo-dourada, após a separação dos sexos e o completo despertar da mente. Antes disso os homens se comunicavam através do que hoje se chamaria 'transmissão de pensamento',

embora, com exceção da raça dominada Filhos da Vontade e da loga - a primeira em que os Filhos da Sabedoria encarnaram – o pensamento fosse muito pouco desenvolvido no homem físico, apenas acabado de nascer, e não conseguisse passar de um baixo nível terrestre. Seus corpos físicos pertenciam à Terra, e suas Mônadas permaneciam num plano extremamente elevado. Não era possível a aquisição de uma linguagem complexa antes da conquista do poder de raciocinar. A linguagem monossilábica criou a vogal, por assim dizer. A linguagem monossilábica, aliada a consoantes duras, é ainda usada por povos amarelos e conhecida dos antropólogos.

II - Tais características linguísticas evoluíram para a linguagem aglutinante falada por algumas nações atlantes, enquanto outros povos conservavam o modo primitivo de falar. Assim como as linguagens têm o seu ciclo de evolução, sua infância, pureza, crescimento, descida na matéria, mistura com outras línguas, maturidade, degenerescência e finalmente morte, assim também a linguagem primitiva das raças atlantes mais civilizadas - a que é mencionada nas velhas obras como a Língua dos Titãs decaiu e acabou por desaparecer quase inteiramente. Enquanto a "nata" da Quarta Raça gravitava mais e mais em direção ao ápice da evolução física e intelectual, criando como herança para a incipiente Quinta Raça (a ariana) as refinadas linguagens flexivas, a aglutinante degenerou, tornando-se um idioma fragmentário e fóssil, espalhado hoje entre as tribos aborígenes da América e limitado a elas.

III - A linguagem flexiva - raiz da língua sânscrito, que por sua vez foi mãe do grego, e não 'a irmã mais velha' como erroneamente se diz - foi o primeiro idioma (atualmente a língua dos mistérios - o Senzar - dos Iniciados) da Quinta Raça. As línguas semitas são descendentes adulteradas das primeiras corrupções fonéticas dos mais antigos ramos do sânscrito primitivo. A doutrina oculta não aceita divisão entre arianos e semitas, admitindo até mesmo os turanianos (como arianos), embora com reserva. Os semitas, principalmente os árabes, são arianos mais modernos."

Conforme já dissemos, os atlantes eram gigantes, sendo, chamados Titãs, mas sua estatura diminuiu gradualmente no decorrer das sub-raças. Às estátuas da Ilha de Páscoa medem cerca de vinte e sete pés (8,84 metros) e representam homens do período médio da Quarta Raça. Diz H. P. B. que as estátuas bamianas - em número de cinco - foram esculpidas a mão por Iniciados da Quarta Raça e representam a diminuição gradual da estatura das cinco Raças. A primeira, representando a Primeira Raça, tem 173 pés de altura (52,76m); a segunda, dos *Nascidos do Suor*, 120 pés (36,60m); a da Terceira Raça, 60 pés (18,30m). A Quarta e a Quinta são ainda menores, sendo que a última está apenas ligeiramente acima da de um homem alto da Quinta Raça. As estátuas foram recobertas com gesso e modeladas na figura do Senhor Buda, mas as esculturas das pedras antecederam de muitas eras Sua vinda.

D. S.¹ II 334 e D. S.⁴ III 339: "Os ascetas e Arhats budistas encontraram as cinco estátuas e muitas outras, presentemente desfeitas em pó. Como as três foram encontradas em nichos colossais à entrada de suas futuras moradas, cobriram-nas com gesso e, sobre elas modelaram novas estátuas, todas representando o Senhor Tathâgata. As paredes internas dos nichos estão cobertas, até hoje, com pinturas brilhantes de figuras humanas, repetindo

em cada grupo a imagem sagrada do Buda. Esses afrescos assim como os ornatos - que lembram o estilo da pintura bizantina - são devidos à piedade dos monges ascetas, bem como ainda outras figuras menores e ornatos esculpidos na rocha. Mas as cinco estátuas são obras dos Iniciados da Quarta Raça, que buscaram refúgio na solidão dos cumes das cadeias de montanhas da Ásia Central, após a submersão do seu continente. As cinco estátuas constituem um registro imperecível do ensinamento sobre a evolução gradual das Raças.

A maior de todas representa a Primeira Raça Humana, seu etéreo corpo memorizado em rija pedra duradoura, para instrução das gerações futuras. De outra maneira a sua lembrança não sobreviveria ao dilúvio atlante. A segunda em tamanho - 120 pés - representa os Nascidos do Suor; a terceira - 60 pés - immortaliza a raça que 'caiu', inaugurando assim, a primeira raça verdadeiramente física, nascida de pai e mãe, cujos descendentes derradeiros estão representados nas estátuas da Ilha de Páscoa; eles tinham, porém, somente vinte e cinco pés de altura quando a Lemúria submergiu, após sua quase completa destruição por fogos vulcânicos. A Quarta Raça era ainda de menor estatura, embora gigantesca se comparada a nossa presente Quinta Raça, a última da série."

Reis Divinos

Na terceira sub-raça, a tolteca, encarnaram alguns dos maiores *Não-Deuses*, Inteligências de conhecimento e poder altamente desenvolvidos, que encontraram nos esplêndidos corpos dos mais evoluídos tipos toltecas, veículos adequados para a sua própria futura evolução. Os veículos também foram beneficiados com a pressão interna exercida pelos seres que neles encarnaram. Depois deles vieram em grande número os *Não-Deuses* que já haviam previamente encarnado na primeira e segunda sub-raças, o que também acontecera com os *Pais Solares* que voltaram então a encarnar. Esses elementos constituíram as classes superiores dos primitivos toltecas. Em seguida a eles veio uma grande massa de gente menos desenvolvida, porém dócil e receptiva, pronta para ser liderada. A estes vieram os Reis Divinos, ajudando-os a construir uma grande civilização. Os Dragões da Sabedoria velaram por esse novo desenvolvimento da raça humana, tão promissor na força da sua juventude esplêndida e ardente, chamada *Daityas* nos *Purânas*, da qual se diz ter recebido ensinamentos de Vênus por terem os Reis Divinos, provenientes dos *Pais Desprovidos do Fogo*, reinado sob a proteção e ensinamento dos Dragões de Sabedoria originários de Vênus. Daí, também, dizer-se que Vênus instruiu aos *Não-Deuses*.

Civilização

Sob tão favoráveis condições, com dirigentes e instrutores divinos e alunos capazes, a civilização tolteca cresceu e desenvolveu-se. Nela apareceu *Asuramaya*, o maior dos astrônomos, que começou os assentamentos astronômicos, desde catão sob a guarda da

Loja Branca, e construiu o Zodíaco dando-o aos atlantes de Ruta, que por sua vez o legaram aos egípcios, decorridas muitas eras. Entre eles apareceu, de tempos em tempos, o misterioso *Narada, Filho da Vontade e da Ioga*, que havia aprendido o segredo de permanecer sobre a Terra por tempo incalculável passando de um corpo para outro, árbitro do destino das nações, guia das turbulentas rodas das transformações, cujas centelhas são as guerras e as convulsões naturais. O estudo das energias da Natureza foi levado mais longe por esses ágeis discípulos dos sábios do que o homem foi capaz de fazê-lo desde então. Eles domaram as forças sutis da Natureza cujo elemento é o éter, e colocaram-nas a seu serviço aprendendo a cortar os ares em aeronaves, como os navios cortam as vagas nos oceanos. Essas aeronaves foram usadas nas grandes guerras que marcaram períodos posteriores da supremacia tolteca. As histórias antigas fazem referência a combates travados no ar por hostes contendoras. Por essa mesma época eles usaram conhecimentos sobre química para construírem armas mortais de grande poder destruidor; uma aeronave de guerra podia descarregar sobre as cabeças de combatentes uma chuva de pesado vapor venenoso, que matava, ou fazia perder os sentidos a milhares de guerreiros indefesos. Também podiam lançar enormes bombas que explodiam ao bater no solo, espalhando em todas as direções centenas de milhares de esferas e setas de fogo, juncando o chão de cadáveres mutilados.

Nos primeiros tempos, suas investigações científicas haviam-se voltado para orientações mais benéfica: o aperfeiçoamento da agricultura, a criação de melhores tipos de animais, a produção de grãos, o cultivo de árvores frutíferas, o enriquecimento do solo, o uso da luz de cores diferentes para estimular o crescimento de animais e plantas e a erradicação das causas das doenças.

Não podemos esquecer o uso amplo da alquimia, o ancestral da química, na produção dos metais atualmente chamados "preciosos", apreciados por eles apenas como material decorativo, por sua beleza. Usavam profusamente o ouro na decoração das casas e dos templos, e pilares dourados eram encontrados nas moradas dos ricos, nos palácios dos governantes e nos templos religiosos. Muitas ligas de grande beleza eram também usadas como guarnição, contribuindo com o seu brilho metálico para o esplendor das cidades.

A arquitetura foi a arte mais proeminente entre os toltecas, e algumas de suas grandes cidades foram modelos de solidez e beleza. Suprema entre todas foi a famosa *Cidade das Portas Douradas*, erigida sobre uma colina, com o topo coroado por esplêndido templo dourado, que também servia como um palácio. Suas galerias de colunas e seus pátios ricamente adornados eram a moradia dos Reis Divinos, que haviam alçado o Império Tolteca a tão magnífica altura. A pintura e a douração eram largamente usadas no exterior das casas, e a estatuária, baixos-relevos e toda espécie de modelagem também eram empregados em grande escala como decoração. (1)

(1). (Muitos detalhes sobre essa parte podem ser encontrados na interessante "História da Atlântida" de W. Scott-Elliot, assim como em "O Homem, donde e como veio e para onde vai" de A. Besant e C. W. Leadbeater. Nota de Arya Asanga).

A política social estabelecida pelos Reis Divinos era baseada na ideia geral de que

conhecimento e poder constituem peso e responsabilidade, e que a fraqueza tem direito à proteção não sendo um motivo para opressão. A educação era universal, mas a qualidade variava de acordo com a vida a que se destinava o estudante. Nos dias do zênite da civilização tolteca, todas as capitais de províncias mantinham uma Universidade Central, com departamentos separados para as ciências, as artes e a literatura, e ligado a filiais em todo o território da província. Dessa maneira eram propagados os conhecimentos e todas as descobertas de valor para a ciência, e de aplicação no terreno da produção. O progresso da ciência era assegurado pela regra de remoção do trabalho ativo dos executivos que ultrapassavam o ponto máximo do vigor físico. Esses homens eram encaminhados ao estudo e às pesquisas nos laboratórios, quando não requisitados para dirigir empresas industriais, ou desincumbir-se de cargos judiciários, ou da direção do Estado. Os grupos de menor desenvolvimento eram treinados para a agricultura, as fábricas e toda a espécie de trabalhos manuais, sendo o seu bem estar, conforto e provisão farta de alimentos e roupas considerados dever primordial do governo. Um governador cujo povo estivesse descontente, mal dirigido e mal provido, era removido do posto por incapacidade ou negligência e, quando culpado de alguma falta grave, era punido com multa ou prisão.

Informações sobre esses métodos e costumes podem ser encontradas nos fragmentos das literaturas muito antigas, constantes dos livros de nações de passado muito remoto. Elas aparecem em obras chinesas, e em alguns dos fragmentos desenterrados de civilizações comparativamente modernas porém já mortas, e exibem o cuidado minucioso e paternal exercido pelos governantes para com o povo. A magnífica, embora decadente, civilização do Peru, destruída por Pizarro e seus espanhóis, ainda ostentava traços de um mundo mais antigo, do qual eles descendiam.

O domínio tolteca ampliou-se a partir do seu centro no coração da Atlântida - a terra que jaz hoje sob o oceano Atlântico - para oeste sobre a terra que abrange as Américas do Norte e do Sul; para leste sobre o norte da África e o Egito, estendendo o seu domínio sobre muitas nações nascidas da mistura da segunda sub-raça com os lemurianos, e sobre as nascentes quarta e quinta sub-raças, que cresciam em seus respectivos territórios.

Quando o império tolteca atingiu a culminância do seu poderio encerrou-se a dinastia divina porque, em Sua sabedoria, a grande Hierarquia viu que era tempo da humanidade tentar caminhar por suas próprias forças, durante algum tempo, a fim de adquirir conhecimento e poder com as próprias experiências e fracassos. Seguiu-se uma longa linhagem de Reis Adeptos, discípulos dos grandes *Senhores*. Mas o egoísmo dos *Não-Deuses* encarnados, alimentado pelo poderio e pelo mando, começou a assumir dimensões perigosas à medida que adquiriam maior força e cresciam em supremacia, afastado o pulso forte dos Reis Divinos, as rédeas do império caíram em mãos menos capazes. As Estâncias contam a história em linhas breves e francas: *"Então a terceira e a quarta inflaram-se de orgulho - 'Somos nós os Reis; somos Deuses'. Eles tomaram por esposas mulheres do grupo dos Sem-Mente. descendentes dos Cabeças-Estreitas, que consideravam belas. Geraram assim monstros, machos e fêmeas, e também demônios femininos, com pouco entendimento. Construíram templos para o corpo humano, e adoraram os machos e as fêmeas. O terceiro olho deixou, então, de ser ativo. Eles ergueram também enormes cidades - de pedras raras e de metais, eles as construíram -. Dos fogos vomitados, da pedra branca*

das montanhas e da pedra negra, esculpiram as próprias imagens em seu verdadeiro tamanho e semelhança, e as adoraram. Erigiram grandes estátuas de nove jardas (8,24 m) que era a altura dos seus próprios corpos. Os fogos internos haviam destruído a terra dos seus pais. A água ameaçava a Quarta." (Estâncias D. S.¹ II 271, 331 e D. S.⁴ III 273, 331).

(1). A explicação de H. P. B. no entanto, também é defensável. A "terceira e quarta" referem-se à massa da população da Terra naquela era remota, composta de lemuro-atlanteanos, um termo específico usado frequentemente por H. P. B. (D. S.¹ II 272 e D. S.⁴ III 274). Nós mesmos poderíamos falar da humanidade dos nossos dias como "atlanto-arianos". H. P. B. considera até mesmo os velhos continentes como um todo chamando-os "Lemúria-Atlântida". (D. S.¹ II 371 e D. S.⁴ III 370) novamente encontramos: "Atlas é o velho continente da Lemúria e da Atlântida reunido e personificado num único símbolo" (D. S.¹ I 762 e D. S.⁴ IV 331: ver também D. S.¹ II 333 e D. S.⁴ 333). (Edição inglesa de 1943).

Completemos o sumário. Em primeiro lugar e com todo o respeito, sugiro que "a terceira e a quarta" podem não ser a Terceira e a Quarta Raças, mas a terceira e a quarta sub-raças da Quarta Raça (1) Diz-se claramente na primeira *Sloka* da "Estância X": "a Terceira Raça deu nascimento à Quarta", sendo, em seguida, feita menção às primeiras quatro sub-raças já então em atividade. Voltar neste ponto à Terceira Raça, cujos degradados remanescentes achavam-se espalhados pelos reinos da Quarta Raça, parece incongruente e torna a história sem sentido. Se, em vez disso colocarmos: "terceira e quarta" relacionadas às sub-raças, toda a sequência se torna inteligível. Nesse estágio da terceira sub-raça, a tolteca, a sub-raça turaniana, que foi a quarta, havia já tomado o seu lugar nas terras orientais, embora fosse tributária do Imperador Branco da Cidade das Portas Douradas. Na guerra que se travou posteriormente, esses povos aliaram-se aos rebeldes do sul: foram essas "terceira e quarta" que "cresceram em orgulho". A quinta sub-raça também se havia diferenciado e, na região norte, disputava violentamente o poder; porém não precisamos ocupar-nos dela no momento.

O Imperador Branco

Os *Não-Deuses* gradualmente passaram à rebeldia contra o governo do Imperador Branco: a princípio em segredo, ignorando as ordens emanadas da capital, espalhando a ideia de que o longínquo soberano era menos útil ao povo do que os Vice-Reis que dele estavam próximos. Estes ostentavam cada vez maior pompa e usurpavam o poder imperial em todos os terrenos. Para aumentar o próprio prestígio aos olhos do povo recorriam a exibições de poder mágico, usando seus amplos recursos de conhecimentos superfísicos para se engrandecerem e cercarem- e de mistério, alimentando assim o temor nas mentes dos ignorantes. A fim de separar, de maneira mais completa, o coração do povo do Imperador Branco, aos poucos foram introduzindo mudanças no culto religioso, substituindo o sóbrio ritual instituído pelos Reis Divinos por festas voluptuosas, espetáculos deslumbrantes e desfiles sensuais.

Os templos primitivos possuíam grandeza maciça, eram esplendidamente adornados com ouro e ricas joias, porém neles tudo era casto, simples e solene. Um magnífico sol de ouro era o objeto central, imagem e símbolo do Sol celestial que, por sua vez era o símbolo e a vestimenta do Senhor da Luz e do Amor, o Governante do sistema solar, velando Sua Presença de luz inefável. O culto constava de cantos sonoros e imponentes evoluções de danças rítmicas, com guirlandas de flores e nuvens esvoaçantes de perfumado incenso; sem dúvida era esplêndido e brilhante, mas de simplicidade majestosa e pura. Ligado ao Templo Dourado da cidade-capital havia um Recinto Branco, ou Gruta de Iniciação, onde os discípulos dos *Dragões da Sabedoria* recebiam a santa unção. Nele, sobre a cabeça do Hierofante, brilhava a Estrela da Iniciação e, de tempos em tempos, apareciam as formas radiosas dos *Filhos do Fogo*. Isto era o que conferia ao Templo a sua santidade suprema, tornando-o um centro de poder espiritual. Para ele voltava-se o coração do povo. Em torno dele luzia sempre o halo da devoção do povo. Ele era o símbolo visível da proteção e zelo dos *Dragões da Sabedoria*.

O Imperador Negro

Os ambiciosos *Não-Deuses* sabiam que, enquanto o Templo Dourado e o Recinto Branco permanecessem como o alvo para todos os olhares ("cynosura" no original - a constelação da Ursa Menor), reconhecido por todos como sendo o coração do Império Tolteca, o coração do povo continuaria a voltar-se para ele. Por isso resolveram criar uma nova capital e estabelecer um imperador rival - seu nome era Thevetat - construindo no seu palácio um novo templo e um novo recinto reservado a iniciações.

D. S.¹ II 221 e D. S.⁴ III 225: "Sem dúvida a perdida Atlântida teve uma existência real. Ela se aproximava dos seus dias de maior glória quando os últimos continentes lemurianos submergiram. A descrição de Platão sobre um continente habitado por Deuses não é inteiramente fabulosa. Podemos ainda acrescentar que a classe dos hierofantes possuía duas categorias distintas (essa distinção perdura até hoje): os que haviam sido instruídos pelos Filhos de Deus e iniciados na doutrina divina da revelação pura e os outros, que pertenciam a outra raça (nascidos sexualmente, mas de pais divinos), possuindo uma visão que abrangia todas as coisas ocultas independentemente de distância e obstáculos materiais. Em outras palavras, eles eram os lemuro-atlanieanos, os primeiros a ter uma dinastia de Reis-Espíritos, de Deuses realmente vivos que haviam tomado corpos a fim de reinar sobre eles e ensinar-lhes ciências e artes. No entanto, por serem Espíritos materiais, com forma, essas Inteligências nem sempre eram boas. O seu Rei - Thevetat - pertencia a esse grupo e foi sob a influência maléfica desse Rei-Demônio que a raça atlante se tornou uma nação de magos perversos. Em consequência disto a guerra foi declarada. O conflito terminou com a submersão da Atlântida... Do casamento da descendência dos Hierofantes da Ilha (Shamballah) com os filhos do Noé atlante surgiu uma raça misturada, de bons e

maus."

Para dar ao novo centro a sanção do mundo superfísico chamavam em seu auxílio os poderosos elementais do baixo mundo astral, que apareciam no meio deles, nas grandes festividades, com vestimentas deslumbrantes, para receberem a adoração do povo. Mais tarde, com o propósito de vincular mais fortemente ao seu serviço os temíveis elementais passaram a oferecer-lhes, em sacrifício, animais que matavam, culminando nas ocasiões mais importantes em oferecer vítimas humanas. Como a crueldade e a sensualidade são paixões afins; posteriormente, aos ritos de sacrifício foram acrescentadas práticas licenciosas, que chegaram às orgias da mais baixa espécie a preencherem as noites, entremeadas com os dias gastos em combates espetaculares e sacrifícios sangrentos.

O passo seguinte no declive para o mal foi dado quando os *Não-Deuses* colocaram-se como objeto de adoração. "Nós somos os Reis; nós somos os Deuses", proclamaram e, esculpindo figuras à sua semelhança, puseram-nas nos templos para serem adoradas. Com isso substituíram a energia espiritual pelo seu reflexo físico - o poder criador do homem - e a consequência foi o aparecimento do culto fálico, com as abominações que lhe são peculiares.

Os grandes poderes superfísicos dos *Não-Deuses*, transformados em mágicos da mais terrível e negra espécie, impuseram um reinado de terror na região da Terra sob seu domínio. As mais negras práticas da magia eram usadas para aterrorizar e esmagar. Assistidos pelas mulheres semi-animais de cabeça-estreita, da Terceira Raça, e pelos processos mágicos mais vis, eles criaram monstros poderosos com a força dos brutos e a astúcia dos selvagens. Eles animaram as horríveis formas com o mais baixo tipo de elementais, fazendo deles sua guarda e seus mensageiros e o terrível símbolo do seu poder. Os *Senhores da Face Negra* chegaram à culminância do poderio como a, corporificação do egoísmo, verdadeiros Reis das Trevas.

O Nascimento da Quinta Raça

Todas as forças da Matéria estavam, assim, formadas em torno de um centro único, enquanto, no lado oposto, o Imperador Branco fortificava as suas hostes para resistir. Nas altas esferas continuavam os preparativos para o futuro. Dentre os *Filhos da Luz*, muitos atingiram a suprema iluminação tornando-se Budas, uma vasta reserva de força espiritual pronta para o soerguimento do mundo, após o mergulho na Matéria. Duzentos mil anos antes do grande confronto, os *Dragões da Sabedoria* ordenaram a um dos seus - *Vaivasvata* - escolher na turbulenta quinta sub-raça, a semítica, as sementes da Quinta Raça-Raiz e conduzi-las para a *Terra Sagrada Imperecível*, berço de todas as Raças-Raízes, como já dissemos. Um milhão de anos decorreram desde que as primeiras sementes da Quinta Raça-Raiz foram assim apartadas da Quarta. A essa fortaleza inexpugnável foram levadas sucessivas imigrações da Raça-Eleita para que esta fosse resguardada dos tumultos que estavam para vir, longe do cenário da luta. Na plácida terra ensolarada vemos *Vazvasvata* rodeado pelos dois discípulo no meio da jovem, ou melhor, da embrionária Raça. Lá estão o

futuro *Zaratustta*, o futuro *Hermes*, o futuro *Gautama* e o futuro *Maitreya* e muitos outros, zelando pela semente em crescimento. Devemos, no entanto, abandonar esse pacífico cenário e voltar ao tumulto da luta na Quarta.

A Grande Guerra

Os exércitos dos *Senhores da Face Negra* começaram a avançar em direção ao norte, travando uma série de combates com as forças do *Imperador Branco*. Ora vencia o lado negro, ora vencia o lado branco, mas de um modo geral prevaleciam os que investiam contra o norte, porque o ciclo estava contra a vitória do Espírito e favorecendo o triunfo da Matéria. De todos os lados surgiam tropas aderindo à bandeira dos *Senhores da Sombra*, que apelavam para as paixões do aspecto animal do homem; ódio feroz. levantou-se contra os hábitos puros dos seguidores da Boa Lei, o ódio sempre votado aos *pálidos ascetas* pelos seres de vida impura, o ódio dos pecadores por aqueles cuja pureza é, para eles, uma censura silenciosa. Lentamente, com altos e baixos, a maré seguia o seu caminho. Combates terríveis, enormes massacres tiveram lugar, e as forças negras continuavam abrindo o seu caminho.

Por fim, o *Imperador Branco* perdeu a Sua capital e a Cidade das Portas Douradas, onde os Reis Divinos haviam governado, e que estava santificada pelos pés dos Puros, tornou-se a presa dos *Senhores da Face Negra*, e o *Imperador Sombrio*, o famoso Hiranyaksha, foi elevado ao trono onde a Boa Lei antes havia sido proclamada. A Gruta da Iniciação transformou-se em ruínas, com a colunata da entrada partida, sob os fragmentos do teto. No Templo Dourado, onde um sacerdócio divino exercera o seu ministério, o sangue de animais inocentes fluiu em torrentes poluidoras, e, onde antes havia brilhado o Disco Solar, ostentaram-se as grandes estátuas dos magos negros.

A Condenação da Atlântida

A taça do mal, finalmente, estava repleta. Cerca de 50.000 anos haviam se passado desde a profanação do Templo Dourado. A feitiçaria se espalhara em todas as direções, e o mais baixo estágio de materialidade havia sido atingido. Chegara o tempo em que a Terra deveria ser aliviada do peso da crueldade, concupiscência e opressão sob as quais afundava.

Os *Dragões da Sabedoria* viram que era a hora de as forças da Natureza serem dirigidas contra "a casta tenebrosa dos feiticeiros". De *Shamballah* partiu a ordem, o sinal para o arrasamento da terra, poluída além de qualquer possibilidade de recuperação, e para a salvação dos que obedecessem à ordem de abandonar a terra condenada. No "Comentário" o acontecimento é narrado: "O Grande Rei da Face Refulgente, o chefe de todos os Faces Amarelas, estava triste vendo os pecados dos

Faces-Negras. *Ele enviou os seus veículos aéreos conduzindo homens piedosos aos chefes, seus irmãos, com a mensagem: - 'Preparem-se. Levantem-se, homens da Boa Lei, e cruzem a terra enquanto está seca. Os Senhores das Tempestades se aproximam, Seus carros estão perto da terra. Somente dois dias e uma noite viverão os Senhores da Face Negra em sua paciente terra. Ela está condenada e eles devem sucumbir com ela. Os Senhores dos Fogos Infernais preparam as suas mágicas armas de fogo. Mas os Senhores do Olho Tenebroso são mais fortes do que eles, que são os escravos dos poderosos. Eles são versados em armas. Usem também as que puderem:*

Que os Senhores da Face Refulgente se apodsem dos carros aéreos dos Senhores da Face Negra, para que nenhum deles escape das águas, evitando o castigo e salvando sua vida malfazeja. Que os Faces Amarelas façam dormir os Faces Negras, evitando a dor e o sofrimento mesmo para eles. Possa cada homem leal aos Deuses Solares imobilizar um dos que estão sob a lei dos Deuses Lunares, para que não sofram, mas também não escapem ao seu destino. Que cada Face-Amarela ofereça sua Água de Vida a um dos animais falantes de um Face-Negra, para que não despertem os seus donos. A hora soou, e a noite tenebrosa está preparada. Que o destino se cumpra. Nós somos os servidores dos grandes Quatro. Que possam voltar os Reis da Luz... ' As estrelas choveram sobre a Terra dos Faces-Negras: estes, porém, dormiam. Os animais falantes ficaram quietos. Os Senhores Infernais esperaram ordens que não vieram porque os seus donos estavam adormecidos. As águas subiram e cobriram os vales de uma ponta à outra da terra. As terras altas permaneceram; o fundo da terra continuou seco. Lá permaneceram os que escaparam: os homens de Faces Amarelas e olhos retos. Quando os Senhores das Faces Negras despertaram e procuraram os seus carros aéreos para fugir das águas que subiam, não os encontraram". ("Comentário" D. S.¹ II 427 e D. S.⁴ III 424).

Assim foi contada parte da história no "Comentário". Os animais falantes são os monstros antes mencionados e a *Água da Vida* é o sangue. Os *homens da Boa Lei* escaparam do desastre iminente, e logo a tempestade desabou. Rajadas violentas de ar levantaram as vagas do oceano à altura de montanhas; convulsões subterrâneas arremessaram enormes massas líquidas sobre rochas em desequilíbrio, chuvas diluvianas inundaram os vales e transformaram os rios em cataratas; colinas arrancadas pelos terremotos eram atiradas ao ar e tombavam sobre os vales em avalanches de fragmentos; a própria terra parecia estremecer ao impacto das águas turbilhonantes e rios que se precipitavam. Ao troar ensurdecido das águas juntavam-se os gritos dos homens e o rugir dos animais que se afogavam. E a glória da Atlântida desapareceu sob as águas deixando na literatura dos povos a memória do dilúvio, e criando canções e lendas que passaram para o futuro.

Assim foi a terra aliviada de um fardo, e assim recebeu a Arte Negra um golpe do qual nunca se recuperou. Os próprios *Não-Deuses* receberam uma lição que os preparou para a redenção, impulsionando-os na evolução por um seguro caminho ascendente.

Da Quarta à Sétima Sub-Raças

Não nos precisamos deter na quarta sub-raça, a turaniana, constituída por Gigantes Demônios, um tipo feroz e brutal, de estatura descomunal, que frequentemente aparece nas lendas indianas em conflito com a incipiente Quinta Raça. Da quinta sub-raça, como Vimos, saíram as sementes da Quinta Raça: gente turbulenta e combativa. Escolhida pelo Manu *Vaivasvata* para ser a semente da Quinta Raça, e depois por Ele rejeitada por falta de plasticidade, um ramo dessa família é o antepassado longínquo do povo hebreu.

A sexta sub-raça, a acadiana, nasceu depois da catástrofe que destruiu dois terços da sub-raça tolteca. O terço restante emigrou para o norte e, mais tarde, misturou-se com a Quinta Raça, em começo de desenvolvimento. Deles vieram os pelasgos, com uma adição de sangue da sétima sub-raça. Os etruscos e os cartagineses derivaram da mesma raiz, assim como os citas.

A sétima sub-raça, a mongólica, saiu dos turanianos, que pertenciam a quarta sub-raça. Deles descenderam os chineses, do interior - não os da costa - os malaaios, os tibetanos, os húngaros, os finlandeses e os esquimós. Alguns destes últimos misturaram-se com os toltecas da América do Norte e, por isso, os índios peles-vermelhas possuem um pouco de sangue, mongol. Os japoneses foram um dos seus últimos ramos. Alguns remanescentes desta sub-raça, viajaram para o ocidente; estabelecendo-se na Ásia Menor, na Grécia e lugares próximos. Melhorados pelo acréscimo de sangue da segunda sub-raça da Quinta, deram nascimento aos gregos primitivos e aos fenícios.

Depois do desaparecimento de Poseidones, foi rápida a decadência das tribos atlantes dispersas, embora os atlantes do leste da Ásia tenham permanecido. Os polinésios, samoanos e tangas são relíquias que sobreviveram. Algumas tribos degeneraram a ponto de se unirem às criaturas híbridas, resultantes do pecado dos *Sem-Mente*. Outros remanescentes casaram-se com representantes degradados das últimas sub-raças lemurianas, estando nesse caso os *veddahs* do Ceilão, assim como os homens hirsutos de Bornéu, os ilhéus *adamnn*, os *bushmen* e alguns dos aborígenes australianos. A maioria da população da Terra ainda pertence à Quarta Raça, mais segundo parece, os únicos que ainda poderão progredir são os japoneses ou, talvez, os chineses.

A Quinta Raça

Sigamos agora para o Norte, em direção à Terra Sagrada e contemplemos o nosso Manu, o santo *Vaivasvata*, com infinita paciência fazendo evoluir a Sua Raça Eleita. Era após era Ele trabalha com o Seu grupo de cooperadores, modelando o núcleo da humanidade do futuro: reprimindo o indesejável, estimulando o favorável, encorajando, advertindo, persuadindo e repreendendo. O quinto sentido é

acrescentado aos outros quatro e o homem vai tomando a forma que hoje possui. Até esse lugar Ele guia para o renascimento os grandes *Não-Deuses*, visando a dar finalidade mais nobre aos talentos que possuem. Chama os seres de inteligência mais brilhante e caráter mais puro para reencarnação nas formas em desenvolvimento. Ei-los habitando sob a Estrela Polar, afastados dos tumultos da terra, lentamente criando um tipo novo e mais belo.

Nesse meio tempo a superfície do globo sofre múltiplas mudanças na configuração das terras e dos mares. O novo continente, *Krauncha* - Europa, Ásia, África, América e Austrália dos nossos dias - ainda não nascera. Com grandes convulsões umas terras se levantam enquanto outras desaparecem, até que o cataclismo de há 200.000 anos deixou Poseidones isolada no meio do Atlântico, e os demais continentes delineados como hoje são. Esse quinto "continente", aplicando-se o nome ao total das terras preparadas para a Quinta Raça, no decurso do tempo será aniquilado por terremotos e fogos vulcânicos, como aconteceu com a Lemúria, nos velhos tempos. Pois o fogo e a água destroem alternadamente o mundo e, como a Lemúria, o nosso mundo perecerá pelo fogo.

A Quinta Raça evoluiu sob Mercúrio, pois o desenvolvimento da mente era o seu principal escopo, e o planeta do conhecimento banhou com seus raios benéficos a hora do seu nascimento. Por isso diz a lenda purânica ser Mercúrio o filho da Lua, considerando a Quarta Raça como o progenitor e a Quinta como a progênie.

Quando o Manu considerou que o tipo de Sua raça estava definido, conduziu-a para a Ásia Central, onde permaneceu por outra longa era. Desse novo lar saíram as várias correntes da Quinta Raça.

As Grandes Emigrações

Data talvez de 850.000 anos atrás a primeira grande emigração. A primeira sub-raça - frequentemente chamada "a Ariana", embora o nome pertença a toda a Quinta Raça - foi conduzida para o Sul através do poderoso cinturão do Himalaia e estabelecida no norte da Índia, em *Âryâvarta*. À sua frente estavam os *Sete Rishis* - os nomes variam nas diferentes citações - que de há muito vinham guiando sua evolução. Com eles estavam três outros - *Vashishtha*, *Bhrigu* e *Narada* -, totalizando *Dez Rishis*. Estes comandaram a sub-raça na Índia, já organizada em quatro ordens sociais pelo *Manu*, tendo os *Pais Possuidores do Fogo* ajudado na construção do tipo dos corpos sutis para cada casta, como vimos ao estudar a evolução física. Não dispomos de tempo para traçar a longa história dessa grande sub-raça que, de resto, é mais ou menos conhecida por todos. Sob os Reis Divinos eles subjugaram os habitantes das terras a que chegaram, os titãs sobreviventes da Terceira Raça e os atlantes conhecidos como os Gigantes da Quarta. Quem não conhece a história de *Ramachandra*, guerreando os Gigantes Demônios chefiados pelo poderoso Rei *Ravana*, e estendendo o seu reino desde os Himalaias até os mares do sul? Resta-nos lembrar que esses

arianos receberam o Zodíaco diretamente dos *Filhos da Vontade e da Yoga* que com eles vieram na qualidade de Instrutores. Ouvimos ainda contar que "as Serpentes que tornaram a descer, e reconciliaram-se com a Quinta, a quem instruíram e adestraram", trouxeram consigo, da Ásia Central, o Senzar, a "língua secreta dos sacerdotes", a verdadeira "Linguagem dos Deuses" de onde se derivou o sânscrito, na época ainda a língua misteriosa dos Iniciados. Também se diz que dentre eles se levantaram vinte e quatro Budas, ainda hoje reverenciados pelos jainos como os vinte e quatro *Tirthamkaras*.

A segunda sub-raça da Quinta Raça, a ária-semítica, saindo da Ásia Central migrou para Oeste, povoando o Afeganistão, seguindo o Óxus, cruzando o Eufrates e indo até a Arábia e a Síria. Ao longo da sua rota arianizaram as tribos turanianas e acadianas aí remanescentes. Os grandes impérios de Assíria e Babilônia nasceram desse impulso. Os fenícios, os egípcios tardios e os gregos primitivos surgiram das misturas da sétima sub-raça atlante com os povos já mencionados. As sete últimas dinastias que aparecem nos assentamentos egípcios e caldeus", diz H. P. B., "pertencem à Quinta Raça" (D. S.¹ II, 429 e D. S.⁴ III, 426). Alguns ramos dessa raça viajaram para o Oriente, mesclaram-se com a sub-raça mongólica ao longo do litoral da China e originaram os chineses do litoral, a que pertence a família que hoje ocupa o Trono do Dragão, na China.

A terceira sub-raça, a iraniana, chefiada por *Zaratustra*, marchou para o Norte e para o Leste seguindo as pegadas da segunda, mas deteve-se, em sua maior parte do Afeganistão e na Pérsia, havendo o grande Profeta habitado este último país. Alguns incursionaram até mais longe. Foram à Arábia, e daí ao Egito, onde se mesclaram com os egípcios atlantes.

Ambas essas sub-raças encontraram gente da Quarta Raça estabelecida entre os adoradores do Sol, os sacerdotes chamados *Magas*. Os *Magas* pretendiam ter vindo da *Ilha de Chaka* ou Ilha Branca e tinham direito a essa pretensão no que tangia à sua origem mais remota, pois todo ensinamento foi sempre originário da *Terra Sagrada*, quer a denominação se aplicasse à *Terra Sagrada Imperecível* quer, por substituição, a *Shamballah* a Cidade Santa do Deserto de Gobi. Tendo recebido o ensino dos Instrutores da segunda sub-raça, tais impérios seguiam o Sabeísmo, a adoração dos Seres que controlam os corpos celestes, os "Anjos Tutelares". A religião da Caldeia ergueu-se a alturas esplêndidas de sabedoria e pureza. Sendo os Mazos astrônomos e astrólogos, profundamente versados na ciência dos corpos celestes, orientavam o Estado por meio de conselhos obtidos no estudo das estrelas.

D. S.¹ II 332 e D. S.⁴ III 322, 323: A "*Ilha Branca era. - a) a Ilha Sveta da Teogonia e b) a Ilha Shaka, ou Atlantida (em suas partes primitivas) em seu começo*". "*Os Magas são os Magos da Caldeia, e sua religião e casta nasceram na Atlântida na Ilha Shaka, a Sem-Pecado. Os Magas são os antepassados dos parsis, adoradores do fogo*."

Na terceira sub-raça, sob a direção de instrutores liderados pelo primeiro *Zaratustra* - cujo nome passou de Instrutor para Instrutor até o número quatorze - foi proibida a adoração dos Astros-Tutelares, em consequência dos abusos que daí tinha advindo. Como único símbolo permitido da Divindade, foi-lhes dado o Fogo. Os sábios

da Pérsia, frequentemente chamados também de Magos, dedicavam-se mais à Química do que à Astronomia, parcialmente devido à aplicação da Química à agricultura, principal interesse da sub-raça iraniana, o que levou ao desenvolvimento, entre eles, também da Alquimia. Muitos vestígios de sua influência nesses terrenos, podem ser encontrados no Egito.

A quarta sub-raça, a celta, chefiada por *Orieu*, dirigiu-se para o Ocidente, ultrapassando de muito as outras sub-raças que haviam seguido o mesmo caminho. Primeiro povoaram a Grécia, constituindo os gregos dos últimos tempos e espalhando-se depois para o Norte, na Itália e na França. Mais além ainda, nas terras atlantes da Irlanda e da Escócia e as terras mais novas da Inglaterra. É interessante notar como a simbologia familiar do Dragão e da Serpente - nomes dados aos Iniciados de altos graus - aparece em todos esses povos intimamente aparentados. Os Hierofantes da Babilônia e do Egito, os Druidas; os fenícios, todos são filhos do Dragão ou da Serpente. O símbolo é originário da Atlântida, ou antes, da Lemúria e foi sempre preservado, chegando assim, até à Quinta Raça. Está presente no México e espalhado pela América e, sendo um símbolo universal, pertence aos primeiros Instrutores da Humanidade.

A quinta sub-raça, a teutônica, também migrando para o Oeste, ocupou toda a Europa Central e está agora disseminada pelo mundo inteiro; ocupou a maior parte da América do Norte, expulsando o velho povo atlante; tomou a Austrália e a Nova Zelândia, remanescentes da ainda mais antiga Lemúria; e as tristes relíquias desta raça em extinção estão desaparecendo à sua frente. Ela está dominando em todas as regiões do globo, destinada a erigir um Império Mundial e controlar os destinos da civilização.

Entretanto, também isso passará com o decorrer do tempo e *Krauncha* seguirá *Plaksha*, *Shalmali* e *Kusha*. *Shaka* se erguerá então para ser o continente da sexta Raça-Raiz, emergindo de onde hoje está a América do Norte, sendo a maior parte desta terra previamente destruída por terremotos e fogos subterrâneos. *Shaka* também um dia passará, submergindo como aconteceu a *Kuska*. *Pushkara*, o sétimo continente, emergirá e florescerá, devendo o seu centro ficar mais ou menos onde hoje se encontra a América do Sul. Depois disso virá o fim do nosso Globo, o encerramento de sua longa e acidentada história e ele mergulhará em sono pacífico após o longo dia de vigília. Os mundos passam, Ronda sucede a Ronda, Cadeia segue outra Cadeia, mas o Espírito, um dia revestido de corpos humanos, Ele, somente Ele, é Eterno e permanece para sempre.

PAZ A TODOS OS SERES

GLOSSÁRIO

A

<i>Aditi</i>	~ Mãe-Espaço (dos Vedas)
<i>Agnishvâta</i>	~ destituído do fogo; Sexta-Hierarquia Criadora
<i>Ahankâra</i>	~ egotismo; o conceito do Eu; auto-identidade
<i>Akâsha</i>	~ espaço; éter
<i>Arûpa</i>	~ sem forma
<i>Asura</i>	~ Não-Deus
<i>Âtmâ</i>	~ o Eu Espiritual; o Espírito Universal
<i>Avidyâ</i>	~ não-sabedoria; ignorância

B

<i>Barhishad</i>	~ possuidor do fogo; Sétima Hierarquia Criadora
<i>Bhûmi</i>	~ a Terra
<i>Bhûta</i>	~ fantasma; espectro; sombra
<i>Brahmânda</i>	~ o Ovo de <i>Brahmâ</i> ; o Universo
<i>Buddha</i>	~ Iluminado; Sábio; nome dado também a Mercúrio
<i>Buddhi</i>	~ iluminação; sabedoria; Alma Universal

C

<i>Chhaya</i>	~ sombra
---------------	----------

D

<i>Daitya</i>	~ ilha pertencente à Atlântida; gigante
<i>Dakini</i>	~ demônio feminino
<i>Dânavas</i>	~ uma raça de gigantes
<i>Deva</i>	~ Deus; Ser Luminoso; Ser Celestial
<i>Devamâtri</i>	~ Mãe dos Deuses
<i>Dhyân Chohans</i>	~ Inteligências Espirituais; Senhores da Luz
<i>Dhyânîs</i>	~ Inteligências; Espíritos Angélicos

F

<i>Fohat</i>	~ Vórtice de Fogo; fluido elétrico universal
--------------	--

G

<i>Guru</i>	~ Instrutor espiritual
<i>Gurudeva</i>	~ Instrutor divino

I

<i>Ishvara</i>	~ - um Deus pessoal; Senhor Divino '
----------------	--------------------------------------

J

<i>Jambu</i>	~ rosa-maçã
<i>Jîva</i>	~ Vida
<i>Jivâtmâ</i>	~ Vida espiritual; Espírito Vivente

K

<i>Kâma</i>	~ desejo
<i>Kârana Sharîra</i>	~ Corpo Causal
<i>Khadoo</i>	~ demônio feminino
<i>Kriyâshakti</i>	~ o poder criador do pensamento
<i>Kshatriya</i>	~ guerreiro; casta dos guerreiros
<i>Kshetra</i>	~ campo
<i>Kumâm</i>	~ jovem; virgem

L

<i>Lanoo</i>	~ discípulo
<i>Lhas</i>	~ espíritos
<i>Lohitânga</i>	~ Marte

M

<i>Mahâloka</i>	~ o Grande Plano
<i>Mahat</i>	~ Grande
<i>Makara</i>	~ Crocodilo (no Zodíaco corresponde a Capricórnio)
<i>Manas</i>	~ Mente; intelecto
<i>Mânasa Putra</i>	~ Filhos da Mente
<i>Mârtanda</i>	~ nome védico do Sol
<i>Mâyâ</i>	~ ilusão

P

<i>Padmapâni</i>	~ "Aquele que tem um Lótus na mão"
<i>Paramâtman</i>	~ o Ser Supremo
<i>Pitris</i>	~ pais
<i>Plaksha</i>	~ Continente Hiperbóreo
<i>Prâna</i>	~ alento vital
<i>Pretas</i>	~ homens

R

<i>Rākshasa</i>	~ demônio; gigante; titã
<i>Rasâlila</i>	~ dança divina
<i>Rishi</i>	~ Sábio
<i>Rûpa</i>	~ forma

S

<i>Sapta Rishis</i>	~ Sete Sábios
<i>Sat</i>	~ a essência do Ser; a Realidade Suprema
<i>Satya Yuga</i>	~ a Idade de Ouro
<i>Shâstras</i>	~ Escrituras
<i>Shesha</i>	~ Serpente
<i>Shishta</i>	~ semente
<i>Shraddhas</i>	~ ritos fúnebres
<i>Shúdra</i>	~ sem casta
<i>Shveta Duipa</i>	~ Ilha Branca
<i>Sûkshma Shârira</i>	~ corpo mental
<i>Sura</i>	~ Deus (aplicado aos devas, não a um Ser Supremo)
<i>Sûtrâtma</i>	~ Fio do Espírito; o Ego
<i>Svarga</i>	~ Céu
<i>Svayambhûva</i>	~ - o Auto-Existente; nome do primeiro Manu

T

<i>Tapas</i>	~ ascetismo
<i>Tattva</i>	~ Princípio ou Elemento
<i>Trimúrti</i>	~ Trindade

U

<i>Upâdhi</i>	~ base (no sentido de veículo de manifestação)
---------------	--

V

<i>Vâhan</i>	~ veículo; corpo de manifestação
<i>Vaishya</i>	~ casta dos mercadores e artesãos
<i>Varna</i>	~ cor

Y

<i>Yati</i>	~ jarda (medida de comprimento); asceta; penitente
-------------	--